

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

FERNANDA BRASIL MENDES

**“UM GRÊMIO ESTUDANTIL MAIS POLITIZADO”: FORMAS DE ENGAJAMENTO  
E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM UM GRÊMIO ESTUDANTIL.**

Porto Alegre

2011

FERNANDA BRASIL MENDES

**“UM GRÊMIO ESTUDANTIL MAIS POLITIZADO”: FORMAS DE ENGAJAMENTO  
E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM UM GRÊMIO ESTUDANTIL.**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Porto Alegre

2011

FERNANDA BRASIL MENDES

**“UM GRÊMIO ESTUDANTIL MAIS POLITIZADO”: FORMAS DE ENGAJAMENTO  
E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM UM GRÊMIO ESTUDANTIL.**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Charles Monteiro - PUCRS

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro - PUCRS

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Melissa de Mattos Pimenta – PNPd-CAPES

---

Prof. Dr. Rafael Machado Madeira - PUCRS

---

Dedico este trabalho a minha família.

Obrigada por tudo.

## **AGRADECIMENTOS**

À Prof<sup>a</sup>. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro pela orientação cuidadosa, pela disponibilidade e paciência.

Ao Prof. Dr. Rafael Madeira e a Prof<sup>a</sup>. Dra. Melissa de Mattos Pimenta, membros da banca de qualificação desta dissertação, pelas sugestões, críticas e questões levantadas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, especialmente, a Rosane Lima de Andrade pela atenção e acolhida.

## RESUMO

A presente dissertação é um estudo de caso. Com este, busco identificar e analisar formas de participação e sociabilidade de jovens integrantes de um grêmio estudantil de uma grande cidade. Tenho como objetivo demonstrar quem são esses jovens que valorizam o ingresso em uma organização política dentro do ambiente escolar e qual o significado que atribuem a essa participação. A pesquisa orienta-se pelas seguintes questões: quais ideias e valores fundamentais que constituem o discurso dos membros da direção do grêmio sobre si mesmos? Que sentido atribuem à participação no movimento estudantil e como se dá esta participação no cotidiano? Como classificam estudantes que não participam do grêmio e que estratégias de aproximação são utilizadas? O trabalho de campo foi realizado no grêmio estudantil da Escola Estadual de Ensino Médio e Técnico Parobé, localizado na cidade de Porto Alegre, no período compreendido entre maio de 2009 e dezembro de 2010. Primeiramente, foram realizadas observações e entrevistas com os dirigentes do grêmio e alguns frequentadores. Num segundo momento, foram realizadas entrevistas a partir de perguntas semiestruturadas com jovens que não participam da agremiação. Abordo nesta pesquisa as relações entre a direção do grêmio e os demais jovens da escola que caracterizo como frequentadores do GEPA, voluntários, chapas de oposição e não frequentadores. Concluo que a convivência nesse espaço contribui para a aprendizagem de formas mais cooperativas de comportamento, desenvolvendo sentimentos de responsabilidade e compromisso. Apesar do empenho dos dirigentes dessa agremiação em tentar romper com as imagens estereotipadas de jovens “alienados” e “egoístas”, minha pesquisa demonstra que suas outras ocupações e obrigações em muito dificultam a continuidade do engajamento no grêmio estudantil e a participação fica subordinada à vida profissional.

**Palavras-chave:** Juventude; Jogos Identitários; Participação; Grêmio Estudantil.

## **ABSTRACT**

This dissertation is a case study through which I try to identify and analyze the sociability and participation standards of youths who take part in a students' union in a great city. My goal is to demonstrate who are these young people that participation in a political organization inside the school environment, and which is the meaning they assess to this participation. The research is guided by the following questions: which fundamental principles and ideas constitute the discourse of the students' union's directors about themselves? Which meaning do they assign to the participation on student activism and how does this participation take place in everyday life? How do they classify student who do not take part on the union and which approach strategies are used? The field research was carried out at the students' union of the Escola Estadual de Ensino Médio e Técnico Parobé (Parobé State School for Secondary and Technical Education), in the city of Porto Alegre, between May, 2009 and December, 2010. Initially, the union's leaders and some of its regulars were observed and interviewed. In a second moment, interviews were developed based on semi-structured questions posed to youths who do not take part on the organization. Throughout this research, I approach the relations among the union's directory and the other young people on the school, who I characterize as GEPA regulars, volunteers, opposition groups and students who do not frequent the union. I conclude that Interpersonal relationships in this space contribute to the learning of more cooperative patterns of behavior, developing feelings of responsibility and commitment. In spite of the efforts made by this association's leaders on breaking the stereotyped images of "alienated" and "selfish" youngsters, my research shows that their other occupations and obligations are great obstacles in the continuity of the commitment to the student's union and the participation in it gets subordinated to the professional life.

Keywords: Youth; Identity Play; Participation; Students' union.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	09
2 GRÊMIO ESTUDANTIL: HISTÓRIA, PARTICIPAÇÃO E PERSONAGENS .....	16
2.1 Elementos da história do grêmio e participação política .....	16
2.1.2 Universo de pesquisa: o GEPA .....	20
2.1.3 Composição e Hierarquia .....	24
2.1.4 Núcleo GEPA .....	30
3 IDENTIDADES E JUVENTUDES .....	40
3.1 Algumas questões teóricas .....	40
3.1.2 Assembleia geral dos estudantes .....	50
3.1.3 Jovens rebeldes? .....	57
3.1.4 Reafirmando a autoimagem .....	64
3.1.5 Não-participantes: aproximando outras visões do grêmio .....	68
3.1.6 A discussão em torno do “perfil” .....	73
4 O PROCESSO ELEITORAL NO GRÊMIO ESTUDANTIL .....	81
4.1 Questões de política .....	81
4.1.2 “Organização, Consciência e Luta” .....	84
4.1.3 Eleições 2009: “ser situação é estranho” .....	90
4.1.4 Participação política e trabalho .....	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	114
REFERÊNCIAS .....	117

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação é um estudo de caso. Com ela busco identificar e analisar formas de participação e sociabilidade de jovens participantes do grêmio estudantil de uma grande cidade. Tenho como objetivo de pesquisa demonstrar quem são esses jovens que valorizam a participação em uma organização política dentro do ambiente escolar e qual o significado que atribuem a essa participação. Apesar das discussões em torno da participação juvenil apontarem na direção de novas formas de ações coletivas, viso interrogar as atuais formas de engajamento e participação num grêmio estudantil considerando este espaço de representação dos alunos na escola, mas também de sociabilidade, lazer e política para compreender a relação entre as formas de engajamento ali presentes e a constituição identitária de seus membros entendendo ser preciso acompanhá-los e ouvi-los em situações cotidianas vividas na escola.

Pretendo assim entender como se configuram os jogos identitários em suas relações com os outros e como essas relações modificam-se ao longo do tempo. Para isso, utilizo como referência o conceito de autoimagem. Segundo Novaes (1993), a autoimagem permite entender as relações concretas e imediatas entre um grupo social com outros grupos ou indivíduos, em consequência de suas características não fixas e dinâmicas. A partir da metáfora do jogo de espelhos, é possível compreender a atuação política de um grupo.

O termo jogo é utilizado no sentido de que a autoimagem é constituída na relação com os outros e modifica-se em frente aos diferentes *outros* com quem se estabelece contato, possibilitando uma reflexão sobre sua atuação. É como se o olhar transformasse o outro em um espelho, através do qual aquele que olha se vê refletido. Cada outro é um espelho diferente que reflete imagens diferentes entre si. Segundo Novaes (1993), o termo espelho significa “processos de reflexão e especulação que o individuo elabora sobre si” (NOVAES, 1993, p. 108). A imagem que o grupo vê refletida vai modificando-se e permite alterações na autoimagem e

nas ações que o grupo realiza em função de cada outro que se relaciona (NOVAES, 1993).

A pesquisa orienta-se pelas seguintes questões: quais ideias e valores fundamentais constituem o discurso dos membros da direção do grêmio sobre si mesmos? Que sentido atribuem à participação no movimento estudantil e como se dá esta participação no cotidiano? Como classificam estudantes que não participam do grêmio e que estratégias de aproximação são utilizadas? Minha hipótese é de que a participação dos jovens no grêmio estudantil caracteriza-se por diferentes níveis de engajamento que configuram esta organização como um ambiente de sociabilidade e de política do qual os estudantes usufruem de formas variadas.

O trabalho de campo no grêmio estudantil da Escola Estadual de Ensino Médio e Técnico Parobé foi realizado no período compreendido entre maio de 2009 e dezembro de 2010. Ao longo da pesquisa, observei a atuação da chapa Organização, Consciência e Luta, durante os primeiros meses de sua gestão, bem como o período de reeleição até o final do mandato. Acompanhei a trajetória dos quatro jovens que compõem a direção do GEPA (Grêmio Estudantil do Parobé) que se dispersaram a partir da re-eleição.

Num primeiro momento, realizei observações e entrevistas com os dirigentes e alguns frequentadores do grêmio; num segundo momento, entrevistas rápidas a partir de perguntas semiestruturadas com jovens que não participam do grêmio. Neste estudo, ao acompanhar a trajetória dos quatro integrantes que compõem a direção da agremiação, busquei entender como e se eles se constituem como grupo e verificar as formas de engajamento existentes neste contexto escolar.

A partir dessa convivência, constatei a importância que atribuem a “ter consciência”. Verifiquei também as dinâmicas existentes na relação entre eles e os frequentadores do grêmio e os demais estudantes da escola. Vivenciei as dificuldades que os jovens dirigentes têm em motivar seus pares a participar e organizar as atividades cotidianas. Outro ponto importante é a tensão que envolve os integrantes do GEPA em conciliar as atividades na agremiação e fora dela.

### *Juventude – uma idade da vida*

A noção de juventude não pode tender à homogeneização; é preciso levar em conta a pluralidade, a diversidade e as múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem. Assim, a noção de juventude é entendida, neste trabalho, como um processo de crescimento numa perspectiva de totalidade que vai se constituindo na medida das experiências vivenciadas pelos indivíduos em seu contexto social. Não se reduz a uma passagem da vida (DAYRELL; CARRANO, 2003).

Françoise Zonabend (1994) em seu artigo sobre a visão antropológica das idades da vida expõe que a idade tem um fundamento biológico e uma significação social. Portanto, não é um dado da natureza; ela teria uma função de diferenciação e estratificação entre os grupos. Entre as formações sociais estruturadas encontra-se o que os antropólogos denominam de classes de idade. Esta instituição não é encontrada em todas elas, por isso Zonabend (1994) recomenda a utilização da expressão idades da vida, “expressão que se refere à sucessão das etapas que marcam o desenvolvimento físico individual” (ZONABEND, 1994, p.1).

Segundo a autora, cada sociedade organiza o percurso das idades da vida a seu modo, conferindo-lhe mais ou menos importância. Em algumas sociedades da África do Leste, por exemplo, o sistema de classes de idade cumpre muitas funções como divertimento dos jovens, organização da guerra, organização das festas. Zonabend (1994) ressalta que as faixas de idades da vida variam em cada sociedade. O início e o fim da infância, por exemplo, pode ser marcada diferentemente, conforme as culturas. Falando da adolescência, a autora coloca que esta noção não existe em todas as sociedades; em algumas não se reconhece essa etapa: da infância passa-se a jovem adulto.

Zonabend (1994) cita Ariane Deluz para responder como as sociedades resolvem o problema da passagem da infância à vida adulta. Segundo a autora, haveria três modos:

o primeiro consiste a confiar as crianças do grupo a outros lares domésticos; o segundo consiste em colocá-los numa instituição extra-familiar sob orientação de educadores e chefes; o terceiro visa encorajar e autorizar os jovens a formarem grupos de pares, liberados do controle dos adultos (ZONABEND, 1994, p.6).

Então essa passagem não estaria relacionada estritamente ao âmbito familiar. A perspectiva antropológica sobre as idades da vida e o período da adolescência diz, a partir da comparação entre sociedades, que a questão gira em torno da constituição de identidades cujos referenciais vão depender das culturas de cada uma delas.

### *Chegando ao GEPA*

Meu interesse pelo tema deve-se ao estágio de licenciatura que realizei em uma escola pública de Porto Alegre. Nesta ocasião, uma das atividades do estágio consistia em aplicar um questionário para conhecer o perfil dos alunos com os quais iria trabalhar. O questionário tinha uma parte para os estudantes expressarem sua opinião sobre o que eles gostariam de ter na escola. Uma das respostas foi “um grêmio mais decente”. A partir desta resposta “vaga”, interessei-me em problematizar algumas questões sobre o tema que me levaram a desenvolver: um estudo de caso. Este foi o ponto de partida para minha pesquisa.

Amadureci minhas ideias em torno do tema buscando conhecer um pouco mais desse espaço por mim, até então, desconhecido. Busquei aproximar-me de um grupo para desenvolver a pesquisa. Escolhi a Escola Parobé porque está situada numa região central e fica próxima ao local onde trabalhava.

Desde o primeiro contato com o grupo fui bem recebida, portanto deixaram-me à vontade para perguntar e participar de suas diversas atividades. Para uma chapa concorrer às eleições do grêmio é necessário que tenha onze estudantes para assinar a nominata no ato da inscrição. Com onze estudantes, a chapa Organização, Consciência e Luta, atual direção, foi formada. No entanto, alguns desses estudantes apenas assinaram o documento, mas não participaram das atividades desenvolvidas pelo grêmio.

Em 2009, sua direção era formada por quatro estudantes do ensino técnico com idades entre 19 e 25 anos. Este estudo é o resultado de uma pesquisa etnográfica desenvolvida através do convívio com os estudantes nos espaços escolares desde maio de 2009. A partir de então comecei a frequentar as reuniões do grupo.

Inicialmente ia algumas vezes por mês ao grêmio para observar suas rotinas, buscando perceber as regularidades presentes neste espaço por onde os jovens circulam. É propósito do convívio com o grupo estudar as interações e visões desses jovens, os assuntos mais discutidos, as trocas estabelecidas no dia a dia da agremiação.

A coleta das informações foi efetuada, primeiramente, através da observação direta. Por meio da observação participante, estive em reuniões do núcleo do GEPA, seus bastidores e algumas de suas rotinas na organização. Num segundo momento, realizei entrevistas com os estudantes que compõem a direção e mantive algumas conversas informais com outros estudantes da escola que se tornaram colaboradores, assumindo algumas responsabilidades junto à direção. Paralelamente ao trabalho de campo, recolhi e analisei algumas produções escritas pelos estudantes que participam do grêmio e das chapas “concorrentes” como panfletos, jornais e o estatuto do GEPA. Visitei as páginas criadas na internet para divulgar as ideias e as atividades do GEPA, o blog e o Orkut. Ainda, para a conclusão da pesquisa, em dezembro de 2010, foram realizadas dez entrevistas com estudantes que não participam do GEPA. Como já foi referido anteriormente, o fio condutor deste estudo é compreender como os membros da direção do grêmio elaboram seus jogos identitários a partir das imagens que fazem sobre si frente ao *outro* e acompanhar suas trajetórias de engajamento nessa agremiação.

Os papéis que os estudantes desempenham no grêmio estudantil têm a ver com suas trajetórias fora do grêmio. Ao longo da pesquisa, verifiquei que os jovens da escola Parobé participam do GEPA de formas variadas que me permitiram classificar os estudantes em relação ao engajamento nesse espaço. Os jovens que militam ou militaram em organizações políticas antes de participarem do grêmio tomam essa experiência como alicerce para sua participação. A politização dos estudantes, na visão desses jovens, seria o principal papel de um grêmio estudantil. Para os militantes ser politizado significa conhecer os problemas sociais e os processos excludentes do sistema capitalista. Já para os estudantes que não têm experiência em organizações políticas, de certa forma, vão legitimando os discursos de seus colegas de agremiação que possuem uma trajetória de engajamento

anterior. A experiência fora da escola e anterior ao grêmio influencia no sentido do que cada um atribui à participação. Para os jovens engajados, a sociabilidade e o lazer configuram-se como elementos importantes para seu engajamento. O grêmio estudantil é um espaço de encontro juvenil onde os estudantes discutem questões vividas em sala de aula, organizam campeonatos esportivos e festas, reúnem-se para ouvir música. Os jovens que participam do GEPA reivindicam para si uma imagem de jovens politizados, conscientes dos problemas que afligem os estudantes e a sociedade em geral.

Um ponto em comum para os estudantes que participam e aqueles que não participam do grêmio estudantil é verem a agremiação como um canal de representação dos estudantes na escola, através do qual podem reivindicar melhor qualidade de ensino e de infraestrutura, pensar soluções para os problemas da escola, organizar campeonatos e festas.

Durante a pesquisa, verifiquei que não há uma identificação dos não participantes com a agremiação. Os estudantes que não participam do grêmio criticam a forma como os participantes fazem as reivindicações, os protestos e a organização das atividades da agremiação. Ao longo dos capítulos essa classificação dos estudantes quanto ao engajamento no grêmio será aprofundada através da apresentação da etnografia.

No capítulo dois, retomo brevemente a história dos grêmios estudantis através de um panorama das questões e indicadores sobre participação política dos jovens. A partir do trabalho etnográfico junto ao grêmio da escola Parobé, descrevo o local no qual esses jovens reúnem-se, sua organização hierárquica e o perfil dos membros da direção do GEPA. Ao longo da pesquisa, foi-se conhecendo esses personagens, o lugar do grêmio nas suas vidas, suas motivações para participar, cooperar e compartilhar experiências e responsabilidades nesse espaço de convívio juvenil na escola.

No terceiro capítulo, abordo a temática da identidade e juventude em relação às agitações, discussões, acusações em torno de uma assembleia que os estudantes organizaram para participarem do Congresso Nacional dos Estudantes

que ocorreu no Rio de Janeiro. Aqui aparecem alguns elementos que vão se opondo às representações que os jovens membros do GEPA buscam para si, a partir das relações com a chapa de oposição, os frequentadores do GEPA e os não frequentadores. Apresenta-se os jogos identitários presentes no grêmio, levando em conta imagens envolvidas na participação dos jovens nessa agremiação e suas interações com a administração da escola, os participantes e os não participantes do GEPA.

No capítulo quatro, resgato alguns aspectos do processo de formação da chapa da atual direção; descrevo a campanha e o dia da eleição do grêmio para compreender as estratégias, as disputas durante esse período de interação mais intenso com as chapas de oposição. Traço, também, uma breve comparação entre a primeira e a segunda gestão da chapa Organização, Consciência e Luta. Descrevo as modificações ocorridas durante as gestões da chapa Organização, Consciência e Luta no GEPA, buscando analisar suas influências nas trajetórias de engajamento de seus integrantes, principalmente na segunda gestão. Finalmente, em função da relevância demonstrada pela etnografia, abordo a importância que o trabalho tem para esses jovens, como se reflete ou se conjuga com suas participações no grêmio estudantil.

## 2 GRÊMIO ESTUDANTIL: HISTÓRIA, PARTICIPAÇÃO E PERSONAGENS

### 2.1 Elementos da história dos grêmios e participação política juvenil

O grêmio é um espaço de representação dos alunos na escola; um instrumento que os estudantes possuem para expressar suas reivindicações, e também um espaço de lazer, sociabilidade e política. Segundo Vasconcellos (2002), a partir dos anos 80 do século XX, a escola vai constituindo-se num espaço importante em termos de efetivação das políticas educativas. Ela reforça sua autonomia como uma organização com identidade e cultura próprias dentro de um contexto social específico. No Brasil, o grêmio estudantil tem suas raízes nos movimentos estudantis fortalecidos por volta da década de 1960. Para garantir o direito de organização na escola, foi preciso uma lei, a lei federal nº 7398/85, que, segundo Carlos (2006), representou um ganho democrático para o processo educativo do aluno. Isto porque criou a possibilidade, através da organização estudantil, de uma maior interação dos discentes com a escola, apesar de serem instituições que sofrem intervenções e controle sobre o seu funcionamento por parte do governo. Historicamente os estudantes do ensino fundamental e do ensino médio atuaram na política nacional participando, antes do período do regime militar de 1964, dos Centros Populares de Cultura, compostos pela juventude socialista e comunista. Os estudantes participavam também de programas de alfabetização, núcleos populares, praças de cultura e outras atividades. A Ação Católica (AC) é também um exemplo do movimento dos estudantes secundaristas. Neste período, em 1948, foi fundada a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). Após o golpe militar, os grupos que faziam parte da Ação Católica foram desativados. A lei federal 4464/64, Lei Suplicy de Lacerda, criou, para substituir a UNE (União Nacional dos Estudantes), o Diretório Nacional dos Estudantes e os

Diretórios Estaduais no lugar das Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs) e os diretórios acadêmicos, que substituíram os centros acadêmicos e os grêmios. Em 1979, foi decretada a lei nº 6680, garantindo a constituição de grêmios estudantis nas escolas. Mas na prática nada mudou, pois a atuação dos alunos no grêmio era sempre controlada pelo regimento e por um professor. A lei 7398 de dezembro de 1985, que dispõe sobre a organização de estudantes do ensino fundamental e médio, foi uma das principais mudanças legais, e extinguiu os Centros Cívicos escolares instaurados no período do regime militar (CARLOS, 2006).

Atualmente, as discussões em torno do comportamento político e da participação política de jovens tornaram-se importantes na pesquisa científica, já que a bibliografia apresenta índices que apontam para a falta de interesse dos jovens pela política. Algumas pesquisas quanti-qualitativas buscaram problematizar a questão da participação política de jovens, mas a maior parte das publicações as quais aqui se obteve acesso está voltada para as áreas da educação (BOTELHO, 2006; CARLOS, 2006) ou Ciência Política (SALLAS, BEGA, 2007; URRESTI, 2000; SOUSA, 2003; NAZZARI, 2006). Aparecem, em algumas das referências consultadas, ideias que reforçam a tese do desinteresse dos jovens pela política e suas instituições tradicionais como o desencanto com os projetos políticos no sentido de que muitas promessas feitas durante a campanha não são cumpridas quando os políticos assumem o mandato. Destaca-se que alguns jovens estariam servindo de instrumento de políticos para fins demagógicos. Outro aspecto que reforçaria o desinteresse é a forma como as instituições políticas são administradas, privilegiando os interesses particulares daqueles que assumem sua gestão (PEDROSO, 1995; SALLAS, 2007).

De acordo com os dados de uma pesquisa realizada pelo Núcleo de Opinião Pública (NOP) da Fundação Perseu Abramo (FPA) de 1997 e 1999 com jovens de 15 a 24 anos em nove regiões metropolitanas, os índices de participação sócio-política demonstraram que 77% dos jovens entrevistados não têm qualquer envolvimento com grupo, 22% têm alguma participação, sendo que 16% afirmam serem membros e 6% apenas acompanham, ou seja, não têm um envolvimento maior com um grupo. Daqueles que participam, 8% fazem parte de grupos religiosos

e 6% de grupos musicais (SALLAS, 2007). Os jovens foram questionados sobre sua participação em agremiações estudantis; 73,7% dos entrevistados responderam que nunca participam, 22,9 afirmam participar às vezes e 3,3% dizem que sempre participam (SALLAS, 2007). Lúcia Rabello de Castro (2008) analisa a subjetividade política, considerando que este processo relaciona-se com aspectos históricos e culturais que exigem do jovem um esforço para as coisas que dizem respeito a experiências coletivas e a questionamentos em relação ao mundo ao seu redor.

Conforme pesquisa do Instituto da Cidadania sobre o perfil da juventude, quando questionados sobre “confiança nas instituições”, 83% dos jovens entrevistados responderam que confiam totalmente na família. Em relação à confiança em partidos políticos, o percentual cai para 3%. A pesquisa do Instituto Polis e do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (POLIS-IBASE, 2006) com jovens entre 15 e 24 anos de idade em sete regiões metropolitanas do Brasil (Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo) e no Distrito Federal mostra que 8,5% dos jovens consideram-se politicamente participantes, 65,6% afirmam buscar informações sobre política, mas sem participar diretamente, “65% mostram descrença em relação à representatividade dos políticos na defesa dos interesses dos cidadãos e enfatizaram a corrupção, a desorganização e a fragmentação de projetos que não geram resultados” (CASTRO, 2008, p. 256).

Conforme a pesquisa, 65% dos jovens entrevistados afirmaram a importância das ações comunitárias como forma de participação que lhes é mais acessível. Segundo pesquisa realizada entre 2006 e 2007 com jovens de 15 a 29 anos de Porto Alegre, pela Secretaria Municipal da Juventude e Kepeler Consultoria e Pesquisa, os dados mostram que 21,8% dos entrevistados participam de igrejas e grupos religiosos, 3,4% de sindicatos/associações profissionais, 6,4% de programas e ações voluntárias, somente 3,2% participam de atividades políticas e partidos políticos. Pode-se destacar que as atividades culturais e esportivas são privilegiadas pelos jovens (SALLAS, 2007; VENTURA, ABRAMO, 2000).

Conforme Garbin (2003), “é recorrente a afirmação de que a juventude atual substitui os ideais mais amplos de mudança social e política por objetivos mais

imediatistas, ligados ao prazer e ao consumo” (GARBIN, 2003, p. 128). Esta afirmação tem certa coerência porque muitos jovens hoje não têm motivação e interesse em envolver-se com questões de cunho político mais amplo. Mas outros jovens buscam ligar-se a agremiações, a partidos para fazerem reivindicações e protestos. Os movimentos estudantis sempre foram diversificados, devido às causas de suas mobilizações que variam de reivindicações específicas a protestos de caráter político em torno de questões da sociedade em geral. A sua diversificação se dá, também, em função de seu caráter ideológico bastante amplo (GROPPO; Z Aidan Filho; Machado, 2008).

Em 1992, o movimento social que reivindicava o *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello teve grande apoio dos estudantes secundaristas e universitários. Pode-se verificar que essa participação foi marcante no imaginário de alguns estudantes, como se os estudantes do Brasil tivessem sido um dos principais responsáveis pelo *impeachment*. Mais recentemente, questões específicas têm mobilizado os jovens, como, por exemplo, reivindicações pelo direito ao transporte público gratuito ou pela autonomia universitária. Os jovens de diversas camadas sociais têm o desejo de atuar, muitos buscam engajar-se em programas ou organizações de tipo voluntário, movimentos culturais os quais não têm motivações dirigidas a uma transformação social. Portanto, parte das mobilizações estudantis não está relacionada a partidos políticos tampouco à política institucional. Os jovens da sociedade de massa tenderiam a participar cada vez mais de esferas públicas alternativas como grupos ecológicos, de direitos humanos, de minorias raciais, entidades filantrópicas, associação de moradores etc. Contudo, isto não pode ser interpretado como uma rejeição às instituições políticas tradicionais pelos jovens, mas como uma busca de novos espaços e formas de atuação na sociedade mais ampla (SALLAS, BEGA, 2007; GROPPO, Z Aidan Filho, Machado, 2008).

Leva-se em conta que o grêmio é um lugar de encontro juvenil, onde as atividades são realizadas por/para os jovens no qual vão aprendendo a negociação com seus pares. Com os adultos que mantêm contato dentro da escola, aprendem a lidar com os conflitos de valores e geracionais. É um espaço de sociabilidade, de trocas de experiências e informações, onde, também, as atitudes políticas são

construídas. Os estudantes vão aprendendo a administrá-lo durante o processo, então sua administração está baseada em erros e acertos. E, apesar das expectativas e ansiedades em relação ao acerto, os estudantes aprendem na prática. A participação no grêmio estudantil “é uma forma de se buscar existência, ser ouvido, ultrapassar o papel de coadjuvante no processo educacional e na própria vida” (MARTINS, 2010, p. 161).

Segundo Botelho (2006), algumas pesquisas identificam diferenças no movimento estudantil dos anos 60-70 e dos anos 80-90. No primeiro caso, as categorias “estudantes” e “revolucionários” são usadas para caracterizar os jovens dentro de um contexto de oposição política. Nas décadas de 80 e 90, os estudantes tornam-se “cidadãos” e observa-se a dispersão das redes juvenis. As referências para essas análises são as mobilizações estudantis de massa contra a ditadura e pelo *impeachment* em 1992. Se no período da ditadura militar os estudantes são vistos como oposição ao estado, no contexto político de 1992 serão considerados “atores privilegiados, estando o campo político polarizado pela sociedade civil e política, tendo a mídia um papel importante” (BOTELHO, 2006, p. 21).

Frequentemente, as leituras sobre participação política estão submetidas à conjuntura da época. Nos anos 80 e 90, sob a influência do neoliberalismo, redução do papel do estado, os jovens são identificados como apáticos, desmobilizados (BOTELHO, 2006). No entanto, no GEPA, conheci jovens interessados em política, em criar dentro da escola um espaço no qual possam vivenciar sua condição de jovens e discutir os problemas sociais e políticos do país.

## 2.1.2 Universo de Pesquisa: GEPA

Para compreender as formas de engajamento no grêmio estudantil, optou-se por acompanhar, no cotidiano da escola, jovens que dele participavam. Os

estudantes em busca de sentido para suas práticas políticas dentro da escola necessitam fazer um grande esforço para superar as fragmentações e fortalecer a coletividade, instituindo formas de participação e sociabilidade. A identidade constrói-se na relação com os outros, na percepção de um pertencimento que vai além das angústias pessoais de personalidade. É um processo que está relacionado com a alteridade e no qual os sujeitos estão em constante envolvimento.

Neste contexto, participação política significa ter um posicionamento nos conflitos presentes na escola. Em tese, através da participação aprende-se o processo democrático que envolve co-responsabilidade, espaço para expressar ideias, mas também aprender a respeitar as convicções dos outros (VASCONCELLOS, 2002). No grêmio estudantil, os jovens aprendem a lidar com a pluralidade de interesses que compõem a vida em comum dentro da escola. A vivência no grêmio é um canal para a expressão da politização desses jovens.

Desde maio de 2009, mantive contato com o Grêmio Estudantil da Escola Parobé. Situado numa grande avenida na cidade de Porto Alegre, o GEPA fica numa região central. Em frente à escola há uma parada de ônibus onde passam coletivos de diversos bairros da capital. Portanto, os estudantes do Parobé vêm de diferentes zonas e da região metropolitana de Porto Alegre.

Para ter acesso à escola é preciso passar por uma portaria. Ao lado direito é a entrada para o estacionamento, onde ficam os carros de funcionários e alunos da escola. No centro, fica a cabine dos funcionários responsáveis pelo controle da entrada; do lado esquerdo ficam as catracas. Desde que iniciei a pesquisa, as catracas estavam funcionando, mas todos entravam sem precisar passar o cartão. No início deste ano tiraram duas catracas da entrada. Pelo pátio da escola estão espalhados vários bancos de madeira, onde os estudantes, entre um intervalo e outro, reúnem-se para conversar, namorar, ler, ouvir música.

A sala do grêmio fica no térreo do saguão do primeiro pavilhão. Suas paredes são brancas, com alguns cartazes pendurados. Tem uma mesa larga de madeira escura com três gavetas chaveadas pelos estudantes, pois ali guardam alguns itens de valor como dinheiro, carteirinhas, documentos. Há uma classe e algumas cadeiras escolares, dois banquinhos de madeira – um mais alto que o outro.

Junto à parede do fundo tem um balcão onde colocam um violão e deixam as mochilas enquanto estão no grêmio. Próximos ao balcão ficam o computador e a impressora. Ao lado da porta fica o quadro negro, nele os estudantes escrevem frases, piadas, desenham. Conforme Márcio e Stuart (membros do grêmio que serão apresentados de forma detalhada mais adiante), contaram-me que no início da gestão fizeram um mutirão para limpar, pintar e organizar o grêmio. Disseram que as paredes estavam sujas, pichadas e compraram tintas para pintá-las, pois inclusive no teto tinha cartazes e papéis colados. Precisaram também lavar o chão e passar cera. No início do ano, Márcio e Stuart organizaram uma faxina. Stuart, preocupado em não sujar os tênis e a calça, procurava sacos plásticos para cobri-los, comentando que não poderia sujá-los, pois teria de trabalhar depois.

Ao entrar em contato com os membros da direção do grêmio e ao demonstrar interesse em fazer uma pesquisa sobre o grupo, foram muito prestativos. Desde então acompanhei algumas de suas práticas e reuniões. Meu primeiro contato com o grupo aconteceu por telefone; disse que gostaria de marcar um encontro no grêmio para falar da pesquisa que pretendia realizar. A pessoa que atendeu falou que passaria a demanda ao seu “superior”. Nesta agremiação não há uma estrutura tão formal como este primeiro contato deixa supor. O que acontece é que eles estão organizados em torno de uma liderança.

Apresentei-me como estudante da PUC interessada em realizar um estudo sobre o grêmio. Disse que para desenvolver a pesquisa gostaria de permanecer um tempo no grêmio para observá-los durante alguns meses. Falei ainda que pretendia realizar algumas entrevistas.

Durante 2009 frequentei o grêmio normalmente no final da manhã e início da tarde, o que compreende, portanto, o período de saída do turno da manhã e início do turno da tarde. Algumas observações foram realizadas à noite, mas essas ocorreram poucas vezes. Em 2009, sempre que visitei o GEPA Stuart estava lá. Conversei mais com ele nesse primeiro ano de pesquisa. Pela manhã, além de Stuart, estavam, quase sempre, Márcio e Leandro. No turno da noite, nos dias das minhas visitas, Tadeu estava presente, inclusive nas reuniões. Durante o dia era mais difícil vê-lo, mesmo nas reuniões, porque seu turno de aula é à noite.

Os membros da direção do grêmio, ao me apresentarem aos demais estudantes, disseram que eu era estudante da PUC, alguém que estava ali para observar, conhecer suas atividades. Quando ficava algum tempo sem ir ao GEPA, eles comentavam “achei que não viria mais”. Tadeu contou-me que Stuart havia dito “faz tempo que aquela pinta não aparece”. Em geral, direção, frequentadores e colaboradores do grêmio gostam de saber que estão sendo “estudados”, gostam de falar sobre si e das atividades desenvolvidas na agremiação. Eles também queriam saber sobre mim, minha opinião sobre determinados assuntos, meus conhecimentos sobre o curso que faço, sobre alguns autores.

Por exemplo, Stuart perguntou-me: “o Weber é marxista?”. Ele gostava de discutir política, dialética, problemas sociais, alguns fatos apresentados nos noticiários. Outros gostavam de conversar e indagar sobre interesses e motivações pessoais como idade, onde moro, meu interesse pelas Ciências Sociais, onde trabalho.

Durante as entrevistas individuais e gravadas, eles pareciam mais envergonhados, pensavam mais para falar, perguntavam se estava gravando algumas piadas e palavrões que falaram durante a entrevista. Depois do término, ou dias após a gravação, eles ainda se referiam àquela situação: “tu não colocou aquilo que falei no teu trabalho né” (durante a conversa falavam alguns palavrões), “aquela parte tu desconsidera ta?” (contavam piada, falavam palavrões).

Numa tarde de observação quando cheguei ao grêmio estavam Márcio, dois voluntários e três meninas em frente ao computador; elas não participavam da conversa diretamente. Márcio, João e Carlos falavam sobre uma festa do grêmio a qual um dos guris não tinha ido e, então, comentavam alguns fatos ocorridos. Falaram de algumas situações e palavras com conotação sexual.

Eu participei da conversa apenas com sorrisos e gestos de aprovação, pois eles me colocaram como uma observadora/pesquisadora. Márcio, quando se dirigiu a mim, explicou o que tinha acontecido e disse para eu não colocar sua fala nas minhas observações, no meu trabalho: “olha o que ela vai pensar da gente, que

somos uns abobados”. Mas mesmo com esse aparente sentimento, continuaram falando sobre a festa.

Esse foi um dia de muita agitação no grêmio. Eles colocaram música alta, alternavam entre *funk* carioca e pagode. Carlos, um dos voluntários, sabia as coreografias das músicas e convidava as gurias para dançar, mas elas não aceitaram. Ele pediu a elas para trocar de música e, após, mostrou os *clips* das músicas num site da internet. Entre uma música e outra as gurias acessavam aos seus perfis no Orkut.

### 2.1.3 Composição e Hierarquia

A diretoria do grêmio é composta, segundo o Estatuto do Grêmio Estudantil do Parobé, pelos seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, Secretário Geral, Diretor do Departamento de Finanças, Diretor do Departamento de Esportes, Diretor do Departamento de Cultura, Diretor do Departamento Social, Diretor do Departamento de Intercâmbio, Diretor do Departamento de Patrimônio, Diretor do Departamento Técnico, Diretor do Departamento de Imprensa e Divulgação.

Essas nomenclaturas fazem parte de um formalismo, pois, no dia a dia, eles não se definem por cargos. Em geral não lembram a denominação nem quando tentam definir seus próprios cargos ou dos demais membros. Eles relatam mais as tarefas que desempenham. Aquele que ocupa o cargo de presidente é o mais visado.

Em termos de hierarquia, Stuart sempre exerceu um papel centralizador, ele distribui as tarefas e detém a última palavra sobre todas as atividades. Na primeira gestão, ele era Secretário Geral; na segunda, passou a Presidente. Acompanhei, ao

longo da pesquisa, as modificações na composição da chapa Organização, Consciência e Luta que está em sua segunda gestão.

Os membros da direção do GEPA são estudantes do ensino técnico com idades entre 19 e 25 anos. Dois integrantes do grêmio faziam parte de uma organização política chamada Luta Marxista. Esta experiência teria influenciado a formação de uma chapa para concorrer ao grêmio. Depois foram trazendo os demais integrantes em torno das ideias expostas em panfletos e conversas que estabeleciam nas entregas destes panfletos.

Em uma conversa perguntei a Stuart quando havia iniciado sua participação em grêmios e organizações políticas. Contou que o GEPA foi sua primeira experiência em grêmio estudantil. Ao entrar na escola, decidiu com o colega formar uma chapa de propaganda para fazer oposição à direção daquele período e para divulgar o que seria um grêmio estudantil. No recrutamento, para compor a chapa, suas preocupações consistiam em escolher estudantes com um perfil relacionado às imagens que gostariam de associar ao grêmio: *um grêmio politizado, composto por estudantes com consciência política.*

Em outubro de 2008, quatro estudantes assumiram a administração do grêmio, alguns mais presentes do que outros. São eles: Tadeu, Stuart, Márcio e Leandro. Desse grupo inicial, Leandro saiu no final de 2009. Márcio continuou contribuindo como no início, mas não assinou a nominata no ato da inscrição. Tadeu de presidente passou a tesoureiro, e Stuart de secretário geral passou a presidente do GEPA.

Pude constatar que novos estudantes foram agregados ao grupo, nessa segunda gestão – 2010. A estes caracterizo como “voluntários”, pois eles próprios assim se denominam: são estudantes que de tanto frequentarem o grêmio passam a desempenhar tarefas para contribuir na sua administração.

A chapa Organização, Consciência e Luta do final de 2008 a 2010, passou por duas fases em sua composição. Na primeira gestão quem trabalhava era o Márcio, pois os outros procuravam trabalho/estágio. No final do ano passado Tadeu conseguiu um estágio. No início deste ano Stuart começou a trabalhar. A saída de

Leandro, as novas ocupações de Stuart e Tadeu trouxeram outra dinâmica para a administração. Márcio e Stuart estavam preocupados com a questão da abertura diária do grêmio e como todos estão trabalhando isso se tornou mais difícil. É importante salientar que a busca por trabalho influencia na dinâmica de cada participação junto ao grêmio. Seus integrantes têm diferentes motivações com essa busca; no entanto, como todos eles moram com um dos pais ou avós, sofrem algum tipo de pressão, por parte dos familiares para a inserção no mercado de trabalho.

De acordo com o perfil dos dirigentes do grêmio, esses quatro jovens pertencem às camadas baixa e média da população. Conforme observa Pimenta (2001), a partir de sua pesquisa sobre jovens universitários, entre os jovens das camadas populares predomina uma visão mais instrumental do trabalho. Tendo como objetivo auxiliar nas despesas da casa, iniciam mais cedo sua inserção no mercado de trabalho do que os jovens das camadas mais privilegiadas da sociedade. Além disso, os jovens do sexo masculino são incentivados a iniciarem sua vida profissional o quanto antes (PIMENTA, 2001).

Cotidianamente, o grêmio é frequentado por jovens do ensino médio e técnico, que usufruem deste espaço, normalmente, como um ponto de encontro. Alguns passam ali para cumprimentar um amigo e vão embora. Outros ficam um pouco mais para ouvir músicas, compartilhar algum assunto da turma, alguma atividade da escola, pegar o violão para tocar com os amigos no pátio ou a bola para jogar na cancha.

Quando o grêmio está envolvido na venda de ingressos para festas, muitos estudantes vão até lá para comprar ingressos ou se inscreverem para disputar os concursos de rei/rainha da escola. No início do ano, é grande a movimentação por conta das carteirinhas escolares. Os pais dos alunos também frequentam o grêmio nesta época atrás das carteirinhas atrasadas de seus filhos.

Uma tarde presenciei este fato. Uma mãe acompanhada do filho foi até o grêmio para verificar o que estava acontecendo com a feitura da carteirinha de seu filho. Ela disse que sempre faltam documentos, então foi até lá para conferir o que mais era necessário para que o grêmio encaminhasse a carteirinha. Márcio explicou

que o estudante não assinou o documento e precisava do CPF do pai ou da mãe, já que o próprio não tem este documento. Disse que deveria trazer, também, um comprovante de residência, e aí sim o grêmio poderia encaminhar a carteirinha. Ela deixou os documentos que faltavam e foi embora; antes de sair perguntou em quantos dias a carteirinha ficaria pronta.

Nas reuniões do núcleo do grêmio das quais participei as discussões estavam em torno das divisões de tarefas, para saber quem se responsabilizaria pelo desenvolvimento das atividades (elaboração de panfletos, passar nas turmas para divulgação de evento ou reunião, buscar ou comprar algum material), discussões sobre algum fato político da escola ou do governo (organização de protesto para reivindicação de preços mais baixos do xerox, melhor qualidade dos alimentos oferecidos pelo bar da escola e redução dos valores dos lanches, liberação das catracas da entrada, o repasse das verbas para educação).

#### *Algumas categorias nativas em torno da participação*

Antes de iniciar a descrição do perfil dos dirigentes do grêmio, trago algumas categorias utilizadas pelos membros do grupo que considero importante para situar seus valores e suas atuações.

Castro (2008) salienta dois aspectos subjetivos fundamentais para o processo de assumir-se como membro de uma sociedade. São eles o pertencimento e a responsabilização. No processo de assumir-se como membro a autora observa duas passagens:

uma que se dá por meio de novas identificações com objetivos coletivamente gerados, outra que se realiza por meio do engajamento concreto do indivíduo em ações e movimentos com os outros, propiciando novas determinações e fluxos dentro da sociedade (CASTRO, 2008, p. 253).

A autora acrescenta que o processo de construção da subjetividade política está relacionado às experiências de comparecimento e adesão no qual os jovens participam de lutas e disputas em torno de algo que vai mal ao seu redor ou na sociedade mais ampla na busca da justiça, da igualdade, da emancipação (CASTRO, 2008).

A participação pode ser vista como um fenômeno no qual o coletivo e o individual estão relacionados; ela gera, como no caso estudado, fronteiras e identidades.

Nesse sentido, desejamos discutir a participação como uma demanda subjetiva, isto é, como o reposicionamento que os indivíduos fazem frente à sociedade mais ampla, expresso pela maneira como cada um busca vincular-se à coletividade e lançar-se em espaços de discurso e de ação no intuito de afirmar-se como seus membros (CASTRO, 2008, p. 254).

Nesta perspectiva, a participação no grêmio estudantil deve permitir que os jovens inquietem-se com os problemas do cotidiano ao seu redor e unam-se para pensar alternativas e soluções ao que vai mal na escola, criando sentimentos de pertencimento e responsabilização. Assim vão construindo identidades com as quais direcionam sua atuação.

Para os dirigentes do GEPA, “ser consciente” está ligado à compreensão que os sujeitos têm dos problemas sociais que afetam a sociedade em geral. Segundo as ideias trazidas por Stuart e Tadeu, também participantes da organização política Luta Marxista, a forma como o sistema econômico funciona acarreta muitas mazelas. “Ser politizado” é perceber que esses problemas não pairam sobre a sociedade, mas influenciam na vida cotidiana de todos os indivíduos.

É preciso, portanto, ser contestador, ter uma visão crítica da realidade social no sentido de pensar alternativas para a vida em sociedade. A “consciência” para os jovens gremistas tem a ver, também, com atitude responsável para com o outro. Ao assumir um compromisso, o sujeito deve cumpri-lo com seriedade. Fazer política é estar presente contribuindo com a organização e a administração do grêmio.

A política tem uma dimensão teórica e outra, prática. Em alguns momentos constatei que a dimensão teórica era mais valorizada por eles, pois aquele que sabe discutir política e os problemas sociais do país é visto como mais politizado, mais “político”. Contudo, a ação engajada é o elemento que uniu esses quatro jovens; eles consideram-se diferenciados por participar do grêmio, quando elaboram um panfleto, fazem um cartão escolar, atendem a um colega durante o dia no GEPA afirmam que estão fazendo política.

A participação no grêmio traz consigo o reconhecimento pelos outros estudantes. Como membros da direção do GEPA, tornaram-se mais populares na escola, e veem o trabalho que fazem como importante a essa comunidade. Ter consciência política, ser politizado são qualidades que os quatro jovens reivindicam para si. Em contraponto, caracterizam os jovens que não se engajam nas atividades propostas pelo grêmio como “abobados”.

As reclamações são constantes nas falas dos dirigentes acerca das dificuldades que enfrentam para organizar esse espaço e continuar lutando pelas mudanças idealizadas para sua escola. Encontram dificuldade também em motivar outros colegas a se unirem na luta. A frequência no grêmio não confere status de politizado ao estudante aos olhos da direção do GEPA. Para tanto, é preciso que o jovem se envolva no processo de construção de um grêmio democrático, durante discussões e reuniões propostas pelo grupo para então aflorar o potencial crítico, levando adiante os objetivos por eles idealizados.

O “abobado” é caracterizado como pacato, distante da realidade ao seu redor porque não assume uma postura de intervenção no cotidiano escolar. Na visão dos dirigentes, os “abobados” usufruem do grêmio exclusivamente como um espaço de lazer, de sociabilidade. “Conscientização” aparece como o entendimento da causa dos problemas sociais; o dar-se conta de que a vida em sociedade implica o conhecimento da realidade social que nos circunda.

A seguir descrevo o perfil dos quatro jovens que compõem a direção do Grêmio Estudantil Parobé. Nesse espaço, foram aprendendo uns com os outros e desenvolvendo um sentido de pertencimento fundamental para a atuação do grupo.

#### 2.1.4 Núcleo GEPA

No início da pesquisa, verifiquei a impossibilidade de classificar o grupo de forma homogênea. Quando perguntava aos jovens pesquisados, por exemplo, sobre o interesse em participar do grêmio, as motivações revelavam-se distintas. A chapa Organização, Consciência e Luta está na segunda gestão do GEPA (2009-2010). No grupo, mesmo quando não usam a expressão “consciência política”, essa característica é ressaltada, ainda que implicitamente como forma de diferenciação positiva. Em contraponto, o adjetivo “abobado” é utilizado sempre como forma de acusação em relação a alguém preterido pelo grupo.

Apresento alguns pontos das narrativas dos dirigentes do GEPA obtidas em algumas entrevistas e conversas, a fim de conhecer seus perfis, a constituição deste grupo e como eles pensam sobre sua participação no grêmio. O interesse aqui é analisar como os integrantes da direção do GEPA atuam e se constroem como grupo, levando em consideração as percepções e as relações estabelecidas nesse espaço. “Núcleo” é como os próprios estudantes denominam o grupo de quatro estudantes que compõem a direção.

Stuart, de 25 anos, secretário geral na gestão 2008-2009, participou da organização política Luta Marxista e desempenha um papel de liderança no grêmio. Ao entrar na escola decidiu, com o ex-colega de Organização e presidente na primeira gestão, organizar uma chapa de propaganda para fazer oposição e para divulgar o que seria um grêmio estudantil.

Stuart mora na região metropolitana de Porto Alegre, em Alvorada, com sua mãe e um irmão mais novo. Sua mãe faz trabalhos domésticos; atualmente trabalha como babá. Seu irmão é estudante e, segundo Stuart, não se interessa por política. Seu pai mora na zona sul de Porto Alegre e trabalha como jardineiro numa rede de supermercados.

No final de 2009, falou que quase foi evadido porque tinha menos de 50% de presença. Comentou que colocou a culpa no GEPA, na Organização. E se precisasse pediria ao pai para conseguir um advogado a fim de continuar matriculado. Fez uma autocrítica, dizendo que foi pura infantilidade, pois ia à escola todos os dias, mas ficava no grêmio. Cobrado também pela Organização, disse que seus companheiros o aconselharam a se preocupar mais com o curso.

Seu cotidiano era quase integralmente dedicado ao grêmio e à Organização. Concluiu dizendo que pretendia melhorar. No início de 2010, Stuart, agora como presidente do GEPA, estava bem desanimado. Quando perguntei como estavam as coisas no grêmio, ele disse: “estão mal; vão mal”. Contou que estão com problemas para abri-lo, porque não tem quem “chegue junto”. Apontou para uma garota que estava fazendo um trabalho no computador de costas para nós: “ela é do grêmio, mas vem aí, traz as amigas, mas não assume nenhuma responsabilidade, às vezes faz umas carteirinhas”. Essa é uma preocupação grande, pois o que eles mais criticavam na direção anterior era que o grêmio permanecia sempre fechado, não possibilitando a participação dos estudantes. Para eles isso não pode acontecer em um grêmio democrático.

Stuart falou sobre sua participação na organização política Luta Marxista. Uma pessoa que trabalhava com ele num supermercado, onde era empacotador por indicação de seu pai, fazia parte da Organização. Fez questão de contar que um dos participantes do PSTU olhou para ele com a camiseta do Lenin e se surpreendeu: “porque camiseta do Che Guevara é mato né”.

Desde 2007 participava da Organização. Disse que não tinha incentivo do colega de trabalho; foi por sua vontade que quis saber mais sobre a ideologia do grupo e assim aumentou seu interesse e participação na Organização. Essa inquietação fez com que Stuart assumisse uma posição de liderança e fosse o grande incentivador do grupo.

Sempre pesquisando e passando os resultados aos demais componentes da agremiação, vai criando situações de debate no cotidiano do grêmio. Às vezes combinava encontros num parque da cidade para dividir os resultados de suas

leituras e pesquisas; um ambiente de encontro e debate entre os participantes do grêmio e os da Luta Marxista, de onde provém toda a teoria que orienta suas ações e discursos.

Tem uma visão radical diante da política; dá a impressão de que o tempo todo está em luta com o mundo, contestando a posição que lhe é atribuída na sociedade, o que lhe acarreta muitas críticas por parte dos participantes do grêmio. Sua liderança está baseada também no empenho com que assumiu as atividades do GEPA, gerando confiança nos demais participantes que o veem como ponto de referência, mesmo que às vezes pensem que ele exagera em seus posicionamentos.

Tadeu entrou no Parobé um semestre antes de Stuart. Foi presidente do GEPA na gestão 2008-2009; tem 21 anos; fazia parte da Luta Marxista, mas saiu há alguns meses por problemas particulares que estariam afetando todo o resto, inclusive sua participação no grêmio. A bagagem ideológica e a experiência trazidas da Organização contribuíram para seu engajamento e interesse na disputa pelo grêmio de sua escola. Mora na zona sul de Porto Alegre com a mãe e o padrasto, que é aposentado, mas trabalha como corretor de imóveis.

Explicou que com a crise econômica seu padrasto não está vendendo. Sua mãe é dona de casa. Disse que os pais não gostam muito das ideias que ele defende. Seus pais acham que “sempre foi assim, sempre vai ser assim”. Contou que sua mãe agora está pensando um pouco diferente e concorda com algumas opiniões que ele defende. O padrasto é “uma tamanca”; quando comentavam sobre o comportamento dos funcionários de uma obra, seu padrasto teria argumentado: “eles estão sempre conversando e fumando”. Tadeu contou que questionou seu pensamento: “tu já parou pra pensar o quanto eles rendem pro dono da obra, quanto eles ganham para estar ali?”. Disse que no começo tentava argumentar, mas agora “largou de mão, porque não tem jeito”.

Seu pai é funcionário do Banco do Brasil. É petista. O pai ele disse que é doente porque ainda acredita no PT. A mãe, segundo Tadeu, já “caiu na real” e não acredita mais em nenhum político. Seu pai disse a ele para não se envolver mais

com o grêmio, que é para ele se preocupar mais com sua vida e procurar um emprego. Afirmou que não saiu do GEPA porque, como presidente, assumiu um compromisso e iria cumpri-lo enquanto pudesse e, no momento, faz o melhor que pode.

Saiu da organização da qual fazia parte, a Luta Marxista, mas seu tempo de militância compreendia dois anos. Começou lendo livros sobre anarquismo; o primeiro, ganhou de seu pai, quando os dois caminhavam pela Feira do Livro. Contou que seu pai não lhe deu o livro de boa vontade. Depois, foi adquirindo outros com o dinheiro de seu trabalho. Após essas leituras, teria percebido que a questão do estado é mais complicada; conheceu o socialismo, o trotskismo que é o que hoje ele acredita.

Disse que continua acreditando nas ideias da Organização, mas está mais preocupado com sua vida particular. Tadeu disputava com Stuart um espaço maior, pois este sempre queria ter a última palavra e conseguia, pois era o mais presente e resolvia os problemas do dia a dia. Está mais informado sobre as rotinas da agremiação.

Em nossas conversas Tadeu procurava mostrar seus conhecimentos sobre a realidade do país, de como entende os meandros do sistema político e econômico no qual vivemos e que influencia na situação financeira de sua família. É um jovem contestador com vontade de lutar, de mudar a realidade na qual vive<sup>1</sup>.

Márcio, Diretor do Departamento de Cultura, tem 19 anos, mora com sua avó no bairro Cidade Baixa. Seus pais moram em Guaíba, região metropolitana de Porto Alegre. Márcio visita os pais uma vez por semana. Seu pai é instrutor de autoescola; sua mãe trabalha com demonstração de produtos em feiras, como promotora de vendas. Tem duas irmãs, uma mais velha do que ele e outra mais nova, que moram em Guaíba.

---

<sup>1</sup> Estas informações apresentadas até aqui foram coletadas através de conversas informais, não gravadas.

Veio para Porto Alegre primeiro por questões econômicas: a passagem de Guaíba para a capital é cara. Outro fator é o tempo de deslocamento: teria de levantar-se muito cedo para chegar a Porto Alegre no horário da aula. Em junho de 2008, decidiu morar com sua avó, depois de concluir o ensino médio em Guaíba. Sua avó morava sozinha; disse que ela tem uma gata e que viviam as duas sozinhas antes dele mudar-se para lá.

Nessa mesma casa, sua avó criou seu pai e seu tio. O quarto que era deles agora é ocupado por Márcio. Para não depender demais de sua avó e dos pais, começou a trabalhar com ensino de informática para idosos. Atualmente, trabalha numa locadora, no mesmo bairro onde mora. No entanto, não deixou o trabalho como instrutor de informática que considera um “bico”, porque não é um trabalho fixo.

Segundo Márcio, este trabalho depende das relações sociais de seus avós que vão indicando a seus amigos e os amigos indicam a outros. Trabalhava como atendente em uma locadora das 16h às 22h, seis horas diárias de trabalho e no tempo que sobra faz esses “bicos”.

Comentou que seus pais sabem de sua participação no grêmio. Segundo Márcio, eles cobram responsabilidade em tudo: no grêmio, no trabalho, mas principalmente nos estudos, porque o objetivo primeiro de sua vinda a Porto Alegre foi fazer o curso técnico na Escola Parobé. Disse, também, que seus pais não conversam sobre política e quem fala mais é sua avó, “a minha vó é um troço assim ó, ela mete o pau em todo mundo, ela reclama muito, ela não é partidária, ela não é nem de direita nem de esquerda, ela só vai reclamando”<sup>2</sup>.

Conheceu as propostas da chapa Organização, Consciência e Luta através da entrega dos panfletos. Afirmou que no começo não levava tão a sério:

A gente por enquanto só tava de arriação, frescura né, até que um dia ele (Stuart) chegou pra nós e pediu nome e telefone, ele ligou pra cada um de nós e fez um convite pra participar da chapa, daí eu aceitei né, se os guris vão junto eu também vou, meio maria vai com as outras. Daí quando eu cheguei aqui, ele me apresentou pra alguns da chapa e começaram as

---

<sup>2</sup> Aqui foram utilizados trechos literais de entrevistas gravadas.

eleições. Tem um lado que ti pede responsabilidade né, tem que ter comprometimento com o grêmio.

Quando venceram as eleições, sua atitude com relação à participação no grêmio teria mudado:

Depois das eleições, ele chegou pra mim e disse que tinha vencido. Ele começou a convocar o pessoal pra fazer as reuniões. Pra passar o que eles tinham pronto pro grêmio estudantil. Daí que a gente ficou conhecendo os projetos, o conselho de representante de turma, um pouco do jornal, um pouco dessa ideia deles da luta marxista, aí a gente começou a tomar consciência. Porque até então a gente não conhecia muito dos estudantes, não conhecia os órgãos, comecei a me aprofundar mais em política depois que conheci eles.

Contou como foi modificando sua colaboração no grêmio. No começo ficava das 9 horas da manhã até as 12 horas, mas salientou que esta situação é difícil por causa das aulas, pois estuda no turno matutino:

Então o que eu tenho feito, abro aqui na hora do intervalo entre 9 e 10 horas, só agora por último que eu não tenho ficado tanto assim porque o pessoal já me conhece, se precisa de alguma coisa já chega pra mim. Mas o certo mesmo seria eu tá sempre ali das 9 até às 10 e depois do meio-dia até meio-dia e meia, ou então das 11 ao meio-dia depende muito dos horários de aula.

Desde o início suas funções estão relacionadas à organização de festas e campeonatos. Segundo Márcio, como já conhecia algumas pessoas que organizam eventos e festas essa tarefa ficou com ele.

Uma atividade que é comum a todos os integrantes do grêmio é cadastrar carteirinhas: eles recebem os documentos e cadastram no site, depois um deles leva os documentos até a UMESPA.

Leandro, o tesoureiro, quarto integrante do GEPA, tem 19 anos. Mora no bairro Santana, em Porto Alegre, com sua mãe e seu irmão mais novo. Anteriormente, morava com seu pai na zona norte da capital, mas a casa de sua mãe fica mais próxima da escola, então opta por morar com ela. Comentou sobre as posições políticas e o trabalho de seus pais:

O meu pai até me incentivou a participar do grêmio estudantil. A minha mãe é da extrema direita quer ditadura e tal, não gosta muito (de sua participação no grêmio). Meu pai é líder sindicalista, no sindicato de alimentação em Porto Alegre. Ele é técnico em segurança do trabalho. Trabalhou, acho que vai dar trinta anos agora, na AmBev da Pepsi e das

cervejas e tal. A minha mãe é secretária do planetário, trabalha no serviço público e é de direita, vai entender isso.

Conheceu as propostas do grêmio nas entregas de panfletos. Conforme o estudante:

No grêmio entrei no ano passado, conheci os guris panfletando na frente, peguei o panfleto, me interessei, conversei com eles... O grêmio do ano passado tava caído e tal, eu abracei a causa com eles e estou aí até hoje. Na primeira semana a gente conversou sobre os panfletos, depois a gente foi pra parte mais prática assim da eleição, montou uma chapa com outros nomes que não seguiram adiante, eu sou o quarto dos onze que tinha, cada dia tinha mais tarefas, foi distribuindo as tarefas até o final do ano (2008) a gente tinha mais gente participando, mas depois do final do ano ficaram só quatro mesmo. É o primeiro grêmio que eu participo. Entrei já num grandão, entrei já no Parobé, 3100 alunos.

Leandro vem de uma escola particular. Considera que nos grêmios dessas escolas não há luta pela educação pública; são grêmios voltados para a realização de festas e eventos de entretenimento. Portanto, não tinha interesse em participar, diferente do que ocorre no Parobé. Sobre as atividades desenvolvidas no GEPA, respondeu:

Stuart é o carregador de piano, eu carrego a mesa, eu acho, o Márcio carrega a gaveta e o Tadeu coloca a mão no bolso. Geralmente, atender carteirinha é direto os quatro fazem isso, levar as carteirinhas é mais o Stuart que faz, às vezes, eu vou junto com ele pra cadastrar. Tem reunião a gente vem. Eu, particularmente, pego mais a tarefa esportiva, fazer tabela de torneio, fazer sorteio, ver questão de arbitragem dos jogos, falar com o diretor por causa da cancha, me empurram mais a parte esportiva porque eu participo também do torneio.

Expôs as características que considera importante para os participantes do grêmio:

teoricamente ter a mesma ideologia, nossa causa, contra o aumento da passagem, contra UMESPA, contra UNE, contra UBES, são princípios básicos. E a outra, é a parte prática, agir conforme ele pensa, não adiante pensar de um jeito e fazer de outro. Teve um caso esse ano, o cara pensava de um jeito e fazia outra coisa, ou dizia que ia fazer de um jeito e fazia de outro. Uma coerência mínima que tem que ter, se antenar por política e tal, assistir jornal, saber o mínimo né do que tá acontecendo.

A partir da fala de Leandro posso afirmar que ele reпреende as contradições do comportamento do jovem por ele citado. Acentuou sua visão de respeito pelo outro, o que fez com que Leandro criasse esse comprometimento com o grupo e pela luta que iniciou quando assumiu a posição de dirigente do GEPA.

No ano de 2010, Leandro estava fazendo a disciplina de estágio, mas não precisava assistir à aula porque é uma disciplina prática. Fez o estágio na empresa que trabalha na área da eletrônica. Por isso não estava mais participando do grêmio; comentou que só frequenta as festas realizadas pelos ex-companheiros de agremiação.

O Grêmio Estudantil do Parobé é um espaço de convivência juvenil onde os estudantes encontram-se para conversar; às vezes sentam-se em um banco em frente ao grêmio e ali ficam por muito tempo falando de algum assunto que ouviram no jornal, ou de alguma situação da escola, festas. Na sala do grêmio também conversam, ouvem música, tocam violão, cantam.

No início de cada semestre, com mais intensidade, os dirigentes do grêmio estão envolvidos com a feitura das carteirinhas escolares. Primeiro eles conferem se os documentos entregues estão de acordo, se não falta nada; verificam a assinatura, e depois de acumular um montante, levam à empresa responsável para a finalização dos cartões. Para que essas atividades se concretizem, a abertura diária do grêmio é fundamental – algo que preocupa bastante o grupo.

Em sua primeira experiência na direção de uma agremiação esses quatro estudantes constituíram-se como grupo. Stuart e Tadeu trouxeram para o grêmio a experiência da organização política da qual faziam parte. Segundo os estudantes, com objetivo de divulgar as ideias da Organização e o que é um grêmio estudantil, criam uma chapa para concorrer ao grêmio.

Devido a sua experiência em movimento político e por ser o mais velho do grupo, Stuart assumiu a liderança. É ele quem recruta os estudantes, organiza as reuniões e os protestos, toma a iniciativa de convocar seus pares para reuniões e elabora os pontos a serem discutidos. Tadeu era o mais criticado, principalmente quando era presidente, por não ser muito participativo, mas defendia-se dizendo que seus problemas particulares afetavam sua participação, mas sabia a responsabilidade que havia assumido. A fonte de maior conflito entre eles é a divisão das tarefas: um acusa o outro de não estar se empenhando tanto nas atividades.

Leandro e Márcio envolvem-se com as questões mais práticas (realização e entrega de carteirinhas, impressão de trabalhos, empréstimo de violão e bola aos estudantes) e organização de eventos. Ao longo da gestão, esses jovens vão aprendendo a administrar o grêmio, também a pensar e a discutir política em grupo. Como na fala de Márcio, acima citada, durante sua socialização política na agremiação, principalmente, nas conversas e reuniões com Stuart, vai informando-se sobre os problemas que envolvem os estudantes em sua escola e no país, seus órgãos representativos e os interesses com os quais lidam.

Na convivência com os dois outros integrantes que os apresentaram as ideias da Luta Marxista, Márcio e Leandro vão assumindo, cada um a seu modo, um discurso em conformidade com essas ideias e aos poucos reformulam suas identidades para então articular com a imagem que reivindicam ao GEPA.

Leandro e Márcio não tinham experiência em nenhum tipo de organização política; sua formação política vai sendo aprofundada ao longo desse período com os colegas de agremiação. Acredito que as ideias trazidas por eles foram significativas para Márcio e Leandro no que se refere a suas visões de mundo e a forma como se colocam diante das questões práticas e políticas, tanto no cotidiano escolar quanto fora dele.

Para esses quatro jovens a participação no grêmio foi criando um vínculo entre eles a partir do sentimento de compromisso em torno da organização desse espaço, quando se deparavam com as tarefas que precisavam desempenhar para administrá-lo. Stuart e Tadeu trouxeram uma bagagem política, mas, assim como Leandro e Márcio, é a primeira vez que administram esse tipo de organização.

Segundo Nazzari (2006), os estudos envolvendo os temas do capital social relacionam as esferas política, econômica e social. Considera-se que as relações sociais influenciam e sofrem influência de mercados e estados. Para a autora, o capital social confere empoderamento ao cidadão, favorecendo os intercâmbios pessoais; sendo um potencial gerador de redes de cooperação e solidariedade. Com isso, a elevação dos índices de capital social pode impactar positivamente na democracia e no desenvolvimento sócio-econômico (NAZZARI, 2006).

Esses jovens mostram um entendimento dos problemas que afligem o país; observam os problemas de forma a relacioná-los com o cotidiano, como interferem na vida comum de cada pessoa, da necessidade de ter consciência dos problemas da escola, do bairro e da sociedade porque são interligados. Apoiada em Baquero, a autora afirma que a participação em associações cria normas de cooperação e confiança entre os participantes. Sendo assim, o capital social pode ser potencializado através do processo de socialização, levando a comportamentos participativos. As principais variáveis em torno do capital social são a confiança, a cooperação e a participação (NAZZARI, 2006).

Os membros da direção do grêmio reconhecem a importância da participação política na escola, da discussão dos problemas do ensino e da educação, tanto em suas vidas cotidianas quanto para a sociedade em geral. Com a participação em grupo, desenvolveram entusiasmo em participar, em cooperar e o senso de responsabilidade. Entretanto, suas ideias e seus valores não podem ser homogeneizados. O interesse que foram desenvolvendo pela política e pela participação no grêmio tem a ver com suas trajetórias e experiências pessoais e coletivas anteriores.

### 3 IDENTIDADE E JUVENTUDES

#### 3.1 Algumas questões teóricas

Neste capítulo, apresento a discussão em torno da questão da juventude e das imagens atribuídas a essa idade da vida, bem como as definições de identidade e autoimagem a fim de entender as formas de vivenciar a condição juvenil e as relações presentes no grêmio estudantil.

Em artigo intitulado *Jovens no Brasil: difíceis travessias e promessas de um outro mundo*, Paulo César Carrano e Juarez Dayrell [2003?] apresentam a situação social dos jovens no Brasil contemporâneo. No item educação escolar, os autores trazem os dados do Censo 2000 que aponta um aumento da taxa de escolarização dos jovens de 15 a 17 anos de 55,3% para 78,8%. Indicam que os jovens permanecem por mais tempo na escola, ainda que esta seja caracterizada, em muitos casos, por reprovações que geram distorções entre idade ideal e série escolar.

Entre os jovens de 18 a 19 anos, 50,3% estudavam; a proporção entre os jovens de 20 a 24 anos é de 26,5%. Apesar da estatística com relação à educação escolar apontar um aumento, muitos jovens brasileiros não chegam ao ensino médio e ao superior. Os autores argumentam que esses índices demonstram a necessidade de muitos adolescentes e jovens terem de sair da escola para sustentar a família ou complementar a renda familiar. No item trabalho e desemprego juvenil, os autores mostram que nesta faixa etária o índice de desemprego é maior (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

Segundo Dayrell e Carrano [2003?], a crise pela qual passaria a sociedade brasileira e a desigualdade existente no país reflete-se em instituições tradicionalmente responsáveis pela socialização dos jovens como o trabalho e a escola. Segundo os autores, essas instituições não servem mais como referência de valores aos jovens e seus estudos apontam para a falta de políticas públicas que atendam a essa faixa etária devido ao encolhimento do Estado na esfera pública, gerando privatização e despolitização das condições de vida (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

Segundo os autores, a nova desigualdade consistiria no esgotamento das possibilidades de mobilidade social. Para as gerações anteriores aos anos 1990, a escola e/ou trabalho servia de perspectiva para uma mobilidade; para as gerações atuais não mais. Para os autores, a crise instaura-se:

O trabalho não oferece mais um tipo de regulação da sociedade, a escola não cumpre a função de moralização e mobilidade social, e novos modelos ainda não estão delineados. O que antes se caracterizava como uma possibilidade de passagem do momento da exclusão para o momento da inclusão, hoje, para parcelas de jovens pobres, está se transformando em meio de vida (DAYRELL; CARRANO, [2003?], p.11).

A sociedade brasileira, após o período ditatorial, passou por um processo de ampliação das garantias dos direitos sociais e da criação e fortalecimento dos diversos movimentos sociais. Os inúmeros movimentos sociais, cada um com sua especificidade e seu grau de politização, combateram na prática social a lógica capitalista do crescimento econômico combinado com a produção da pobreza. As mobilizações em torno das *diretas já* para Presidente, em 1984, e pelo impeachment do Presidente, em 1992, são emblemáticas para a constituição de uma cultura democrática servindo como um processo educativo de participação da sociedade brasileira na contramão da despolitização das práticas sociais urbanas vinculadas ao pragmatismo do mercado (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

No item participação social e cultural dos jovens brasileiros, os autores argumentam que este tema é permeado de visões distorcidas. Uma das ideias que, segundo eles, precisa ser superada é a busca pela participação dos jovens em instituições políticas tradicionais, como os partidos políticos e os movimentos estudantis. Normalmente esses espaços tradicionais servem como referência à

avaliação do grau de participação juvenil cujos resultados são negativos. Essas pesquisas, quando analisadas de forma descontextualizada, segundo os autores, levam a visões estereotipadas dos jovens brasileiros. Muito dessa representação se deve à comparação que se faz com a juventude idealizada dos anos 60, reforçando a ideia de que a juventude das décadas mais recentes estaria voltada a si mesma, mais preocupada com seus próprios interesses (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

Apesar dos estereótipos em torno da participação dos jovens, Dayrell e Carrano [2003?] acreditam que, ao longo dos anos 90, a juventude brasileira vem colocando-se na cena pública através de múltiplas formas de participação. O processo de crescimento sofre a influência do meio social que o indivíduo se desenvolve e da qualidade das trocas envolvidas neste (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

Nas décadas de 80 e 90, os jovens mobilizaram-se em vários momentos como na campanha pelas *diretas já*, pelo *impeachment* do Presidente Fernando Collor, em torno de temas como a demanda por passe livre de ônibus ou o repúdio ao acordo com a Associação do Livre Comércio (ALCA). Outros tipos de ações coletivas juvenis dizem respeito à participação em atividades voluntárias, comunitárias ou de solidariedade. São ações mais locais, próximas ao bairro de moradia ou relacionadas à urbanidade.

Entende-se que não há uma juventude, e sim jovens cujas experiências estão situadas em um contexto sócio-cultural no qual se inserem. A vida cotidiana dos jovens apresenta múltiplas possibilidades e diversidades, entretanto essas dimensões nem sempre aparecem nas representações sobre os jovens existentes na sociedade. Os estereótipos juvenis estão, na sua maioria, identificados com jovens de classe média e alta (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

Pode-se constatar, a partir dessa percepção da juventude, algumas imagens recorrentes que a vê como um “vir a ser”, no sentido de uma condição de transitoriedade, visão negativa existente na escola que tende a negar o presente refletido no diploma e nos possíveis projetos para o futuro. Essas concepções não levam em conta que os jovens não são livres tanto de obrigações econômicas

quanto familiares, e que suas vidas não estão centradas no estudo (VENTURA, ABRAMO, 2000).

Existe também uma visão romântica da juventude construída a partir dos anos 60, com o fomento da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens. Sendo assim, o jovem aparece reduzido à dimensão da cultura. Outra representação da juventude concebe-a como um momento de crise, com problemas de autoestima ou de personalidade, de distanciamento familiar, apontando para uma crise da família como instituição socializadora (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

Em acordo com esta perspectiva, Ventura e Abramo (2000) afirmam que duas ideias básicas estão presentes nas concepções modernas de juventude: uma que a vê como uma fase de passagem da infância para a vida adulta, e outra que considera o jovem como possuidor uma rebeldia como se fosse algo natural, como uma essência revolucionária. O que leva a uma negação da essência juvenil, porque esta visão tem como parâmetro as gerações anteriores das décadas de 1960 e 1970. Os jovens de hoje, portanto, parecem viver numa apatia, distante daquela postura rebelde e revolucionária. Há uma percepção da juventude que a vê a partir de imagens ligadas à violência e à vitimização (VENTURA, ABRAMO, 2000). Essas imagens devem ser questionadas para não se correr o risco de analisar a juventude de forma negativa.

Para falar de juventude nas últimas décadas deve-se incorporar os jovens das camadas populares e os diversos estilos culturais existentes, dentre eles o punk, dark, funk, rapper etc, pois muitos deles em seus grupos culturais elaboram formas de intervenção social. A dimensão da cultura e do lazer tem uma importância muito grande na vida dos jovens (DAYRELL; CARRANO [2003?]).

Dayrell (2005) enfatiza que é uma característica da condição juvenil transformar os espaços físicos em espaços sociais. José Guilherme C. Magnani (2007) busca pensar como as dimensões da cultura e do lazer são expressas em diferentes espaços nas grandes cidades, para isso traz a noção de “circuito de jovens”. Na introdução do livro *Jovens na Metrópole* argumenta que um dos seus propósitos é fazer um contraponto às abordagens de inspiração pós-moderna, tanto

àquelas que analisam os grupos jovens como “tribos urbanas” quanto àquelas que os qualificam em torno da expressão “culturas juvenis”.

Segundo Magnani (2007), “tribos urbanas” é uma expressão que foi divulgada, principalmente, através do livro *O tempo das tribos*, de Michel Maffesoli, e teve grande aceitação na mídia através de matérias de jornal, reportagens de televisão, também, em livros e artigos acadêmicos. Segundo ele, a expressão “tribos urbanas” é má empregada pela relação que faz com o conceito de “tribo” utilizada nos estudos tradicionais de etnologia, “que aponta para alianças mais amplas entre clãs, segmentos, grupos locais, etc.” Magnani (2007, p.17), com o seu uso para definir os grupos de jovens nas grandes cidades,

pensa-se logo em pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares, em contraste com o caráter massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades. Não se pode descartar, ademais, a carga de preconceito em leituras que vêem disputas de gangues como “conflitos tribais” (MAGNANI, 2007, p.17).

Em contraposição à expressão “tribos urbanas”, o antropólogo Carlos Feixa propõe o uso do termo “culturas juvenis” vinculado, normalmente, aos estudos culturais. Refere-se às formas de experiências juvenis coletivas em seu tempo livre. Os estilos de vida distintos dos jovens são identificados através do consumo de produtos da cultura de massa (roupas, música, formas de lazer etc) remetendo à ideia de “subculturas” (MAGNANI, 2007). O autor coloca que essas “subculturas” seriam vistas como forma de resistência diante da dominação de uma cultura massificante. Essa tradição, segundo Magnani (2007), vê nos *skinheads*, por exemplo, uma subcultura juvenil típica, levando em conta seu visual e sua atuação.

Com a expressão “circuitos de jovens”, Magnani (2007) propõe analisar dois elementos: os comportamentos e os espaços juvenis. Através da etnografia propõe-se a acompanhar os jovens pelos locais onde circulam, pontos de encontro e ocasiões de conflito, bem como os parceiros com os quais esses jovens estabelecem relações de troca em suas inserções na grande metrópole. Em sua análise dos circuitos de jovens o autor focaliza as formas de sociabilidade desse

público na paisagem urbana, buscando ressaltar suas interações com a cidade, seus espaços, equipamentos e trajetos (MAGNANI, 2007). Como nos mostra Magnani:

(...) desde o pedaço, mais particularista, até a mancha, que supõe um acesso mais amplo e de maior visibilidade. O que se pretende com esse termo, por conseguinte é chamar atenção, primeiro para a sociabilidade e não tanto para pautas de consumo e estilos de expressão ligados à questão geracional, tônica das “culturas juvenis”; e, segundo, para as permanências e regularidades, em vez da fragmentação e nomadismo, mais enfatizados na perspectiva das “tribos urbanas” (MAGNANI, p.19, 2007).

Deve-se buscar entender os modos variados como as experiências são construídas pelos jovens a partir de sua singularidade histórica, social e cultural (DAYRELL, CARRANO [2003?]; VENTURA, ABRAMO, 2000). Conforme Dayrell (2007), optou-se por trabalhar com a noção de condição juvenil. Esta possui um duplo sentido: refere-se a uma maneira de ser diante da sociedade e às circunstâncias necessárias para que essa maneira seja constituída diante da vida. Trata-se ao mesmo tempo de “uma condição social e um tipo de representação” (DAYRELL, CARRANO, [2003?], p.3). Está relacionada com a forma pela qual uma:

sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais (DAYRELL, 2007).

Conforme pesquisas realizadas pelo Núcleo de Opinião Pública (NOP) da Fundação Perseu Abramo (FPA) de 1997 e 1999 com jovens de 15 a 24 anos em nove regiões metropolitanas, “ser jovem” para os entrevistados “é ter liberdade para se divertir, com o adiamento ou minimização de responsabilidades familiares e financeiras”. Segundo Ventura e Abramo (2000), para a maioria dos jovens desta pesquisa isto é central para sua condição juvenil, pois “quando as responsabilidades impedem a diversão (26%) ou quando se casa ou passa a ter compromissos conjugais e filhos (26%) que acabaria a juventude”. O que caracteriza a juventude são elementos positivos como a diversão, atividades culturais e sociabilidade mais livre. Elementos negativos também aparecem em menor proporção como a proximidade das drogas (8%), a violência (7%), o trabalho como obrigação (6%) ou a falta dele (6%) (VENTURA, ABRAMO, 2000).

A pesquisa “O Perfil do Jovem de Porto Alegre”, realizada pela Secretaria Municipal da Juventude/ Prefeitura de Porto Alegre e Kepeler Consultoria e Pesquisa entre 2006 e 2007 com jovens de 15 a 29 anos demonstra que os jovens de Porto Alegre também veem como vantagens em ser jovem “o baixo grau de responsabilidade, a pouca preocupação e os poucos compromissos”.

Na aproximação ao cotidiano do grêmio interesse-me pelos jogos identitários dos quais os jovens participam nesse espaço singular. Busco entender o processo de formação e transformação da autoimagem deste grupo a partir do contato estabelecido com os *outros*. Este interesse se justifica, pois permite dar visibilidade a formas contemporâneas de apropriação deste espaço “tradicional” de participação política juvenil e das atuais características do engajamento dos estudantes.

Para esta investigação, utilizarei a metáfora do jogo de espelhos, tendo como referência o livro *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros* de Sylvia Caiuby Novaes (1993). Assim visio proporcionar um olhar mais dinâmico na análise da atuação dos membros da direção do Grêmio Estudantil da Escola Estadual Parobé – GEPA (Grêmio Estudantil do Parobé).

Há algumas décadas a questão da identidade não estava no foco do debate sociológico. Atualmente, no entanto, é um tema que adquiriu bastante importância. A ideia de identidade emergiu junto com a modernidade e o estado moderno. O estado moderno fez o necessário para que a identidade se tornasse uma tarefa, um dever àquelas pessoas que viviam sob o seu território. A ideia de identidade nacional gestou-se no esforço do estado para legitimar a submissão dos indivíduos ao seu poder.

O medo do “não pertencimento”, o medo da exclusão, fizeram com que os indivíduos se submetessem às seleções do estado (dialetos, modos de vida, etc) como forma de traçar a fronteira entre “nós” e “eles”. A identidade nacional exigia fidelidade, e, diferente das outras identidades, não aceitava opositores. Na presente situação, numa sociedade de massa, num processo de globalização acentuada, o sentido do pertencimento não tem mais aquelas raízes sociais; o “problema da

identidade” torna-se importante porque os indivíduos buscam um “nós” com o qual possam identificar-se (BAUMAN, 2005).

Da modernidade à pós-modernidade, o sujeito seguro e racional perde as bases que lhe proporcionava segurança; transforma-se, portanto, numa eterna composição. A construção das identidades envolve articulações materiais e discursivas que estão relacionadas às práticas sociais de um contexto sócio-econômico mais amplo (MCLAREN, 1997).

A identidade é um recurso que se apresenta no plano do discurso para a formação de um nós coletivo. As relações entre os grupos não devem ser analisadas de maneira unidirecional porque há uma relação de interdependência entre a representação de si e a que se faz do outro. No nosso sistema de representação, esse recurso estabelece as semelhanças que um grupo reivindica em situação de confronto, ou seja, um espaço de atuação (NOVAES, 1993). A identidade é algo construído e dinâmico que se mostra em determinados contextos sociais. De acordo com Dubar:

Todas as identidades são denominações relativas a uma época histórica e a um tipo de contexto social. Assim todas as identidades são construções sociais e de linguagem que são acompanhadas, em maior ou menor grau, por racionalizações e reinterpretações que às vezes as fazem passar por “essências” intemporais (DUBAR, 2005, p. XXI).

Sylvia Novaes (1993) acredita que o nós coletivo é invocado quando um grupo social demanda visibilidade pelo fato de ter sido apagado historicamente. Esses grupos começam a se articular no cenário político brasileiro com o processo de reabertura política a partir da década de 70. Alguns grupos que fazem parte desse cenário são o movimento negro, o dos homossexuais, o feminista e o indígena (NOVAES, 1993).

Assim, a identidade leva a uma ação política que desconsidera as diferenças, mas reforça essa igualdade de vários grupos que se unem num único sujeito político. Novaes (1993) exemplifica com o caso do movimento feminista que se dirige à sociedade através da categoria “nós mulheres”. Com isso, não ressalta as diferenças entre os diversos grupos: mulheres homossexuais, donas de casa, etc.

O conceito de identidade permite identificar os elementos em comum; certa igualdade, pois é um conceito que reforça certos traços diante de um interlocutor mais amplo. O conceito de autoimagem apresenta uma dimensão relacional diferente da identidade.

Segundo Novaes (1993), a autoimagem apresenta-se a partir de relações concretas e imediatas entre um grupo social com outros grupos ou indivíduos. Suas características, não fixas e dinâmicas, transformam-se diante de cada outro com o qual se estabelece uma relação. O conceito de autoimagem permite compreender a representação que os grupos fazem de si nas relações com os outros e como essas relações modificam-se ao longo do tempo (NOVAES, 1993).

Dubar (2005) observa a dinâmica presente nas relações quando o outro passa a ser um espelho e o sujeito vive entre a imagem que reivindica a si e aquela atribuída pelo outro. Segundo o autor (2005), as histórias pessoais de cada ator pesam sobre suas identidades; elas não são definidas somente em decorrência de parceiros atuais, pois suas trajetórias pessoais e sociais combinam-se na construção identitária do ator. A trajetória subjetiva é ao mesmo tempo “uma leitura interpretativa do passado e uma projeção antecipatória do futuro” (DUBAR, 2005, p. XIX).

Sendo assim, existem dois eixos de identificação do ator social: o sincrônico e o diacrônico. O primeiro está relacionado a um contexto e a uma situação definida, em um espaço dado. O segundo eixo tem a ver com a trajetória do ator, e de sua interpretação dessa história, que é socialmente construída. Assim, as identificações tornam-se problemáticas entre as definições reivindicadas pelo ator e submetidas ao reconhecimento, e aquelas que são atribuídas pelo outro.

Tendo como exemplo a direção do Grêmio Estudantil da Escola Parobé, busco demonstrar que a autoimagem de um grupo pode ser compreendida através da metáfora do jogo de espelhos. Um grupo ou segmento populacional em relação a outro projeta uma imagem de si a partir de como se percebe na visão deste outro. Conforme Sylvia Novaes (1993), “é como se o olhar transformasse o outro em um espelho, a partir do qual aquele que olha pudesse enxergar a si próprio. Cada outro,

cada segmento populacional, é um espelho diferente, que reflete imagens diferentes entre si” (NOVAES, 1993, p. 107).

É preocupação deste trabalho as formas de relação sob uma formação social mais ampla e a importância desse contexto sócio-econômico sobre a forma como as relações são hierarquizadas e as identidades individuais e coletivas são constituídas (MCLAREN, 1997).

Tendo em vista a metáfora do jogo de espelhos, é importante verificar quem são os *outros* que circulam pelos discursos do grupo em questão. Personagens esses que se constituem em espelhos para os membros da direção do GEPA, refletindo como eles se pensam e pensam o outro e como eles pensam que são vistos pelo outro.

Sylvia Novaes (1993) utiliza a metáfora do jogo de espelhos para analisar a sociedade bororo e suas diversas relações com outros segmentos populacionais. A autora enfatiza que a metáfora é adequada para análise da questão da identidade por permitir uma visão dinâmica deste fenômeno, “pois não se trata simplesmente de ver o modo pelo qual um grupo delimita quais são os seus membros e estabelece as fronteiras que marcam o contraste entre os vários grupos em contato” (NOVAES, 1993, p. 109).

Para compreender como os membros da direção do GEPA estabelecem seus jogos identitários é necessário delimitar os outros que servem de referência para sua atuação. São eles: a administração da escola, a direção anterior do grêmio, a “oposição” – estudantes que formam chapas concorrentes, os estudantes que frequentam o grêmio e os estudantes que não frequentam o grêmio. São estes os personagens que aparecem nos discursos da direção do GEPA e constituem-se em espelhos a partir dos quais refletem imagens diferentes entre si.

Suas trajetórias de engajamento nessa agremiação não estão separadas de suas vidas. Portanto, a participação no grêmio está atrelada a fatores externos que influenciam na dinâmica de suas trajetórias, caracterizando o grêmio estudantil como um local de passagem. Veremos que quando esses jovens se deparam com a necessidade de escolher entre os estudos, o trabalho ou a participação acabam,

influenciados pela família, dispensando menos tempo à agremiação ou afastando-se dela.

Os jovens preocupam-se muito com o futuro, principalmente com relação à entrada em uma universidade, conseguir um trabalho e terminar os estudos. Eles têm muitas expectativas em relação à vida profissional. São estimulados na escolha da profissão pela família, pelo mercado de trabalho e, também, pela identidade profissional (NAZZARI, 2006).

É inviável a apropriação, por parte dos jovens, das variadas oportunidades oferecidas pela sociedade na qual vivemos. Diante dessas possibilidades fica complicado acertar logo no início. Salieta Martins (2010), “quantos são os jovens que, em função das diferentes situações que se encontram, teriam uma oportunidade real de escolha?” (MARTINS, 2010, p. 28). A sociedade pressiona esses jovens para o acerto na escolha. Entretanto, assim como Martins (2010), acredito que o período da juventude é um processo de aprendizagem no qual, através de erros e acertos, vão aprendendo e construindo-se como sujeitos.

### 3.1.2. Assembleia Geral dos Estudantes

Passarei a analisar algumas categorias utilizadas pelos membros do GEPA para classificar os estudantes com objetivo de verificar como são empregadas pelo grupo pesquisado. Constatei, ao longo do período de observação, que as categorias “conscientes” e “abobados” eram empregadas no sentido de diferenciar o “nós” e o “eles”.

Em junho de 2009, os estudantes estavam mobilizados em torno de uma viagem ao Rio de Janeiro na qual o grêmio poderia levar doze delegados para participar do Congresso Nacional dos Estudantes (CNE). Organizaram-se para a

realização de uma assembleia que iria decidir quantos jovens de duas chapas viajariam. A mobilização em torno do Congresso gerou muitas discussões, panfletagens, angústias. Neste período, atentei para as características salientadas pela direção do GEPA imagens que gostariam de ver ligadas a sua gestão como um grêmio consciente e politizado.

A assembleia aconteceu no pavilhão 5 onde, normalmente, são realizadas as formaturas. É um auditório antigo com cadeiras fixadas ao chão. O palco é todo em madeira com cortinas azuis. Comporta mais de cem pessoas. No dia da assembleia havia trinta alunos. Cada chapa tinha quinze minutos para defender sua tese.

Nesta disputa duas chapas foram organizadas: a da atual direção e a chapa de “oposição”, que tem como líder uma estudante membro da direção anterior (2007-2008). A primeira a falar foi Paola, integrante da chapa de oposição. Antes mesmo de começarem a contar o tempo ela já discursava e de forma bem articulada; proferia um verdadeiro discurso político. Parecia estar em um palanque; falava alto, gesticulava bastante mostrando todo o seu conhecimento dos problemas que os estudantes enfrentam como desemprego, violência, escolas públicas de pouca qualidade, na tentativa de convencer os ouvintes a aderirem a sua tese.

Disse ser importante um movimento estudantil que não recebe dinheiro do governo, nem de partido político; considerava que partidários podem participar, mas de forma independente. Falou que o propósito do Congresso é criar um novo movimento estudantil e explicou as normas para participar do encontro. Segundo sua opinião, o ideal seria que a escola pudesse levar um ônibus cheio para que mais estudantes participassem.

Afirmou o poder do movimento estudantil que influenciou o *impeachment* de um presidente, “sozinho não se constrói nada, os estudantes têm que se unirem”. Falou da política do Presidente Lula, “que não se precisa de bolsa “miséria”, bolsa disso e daquilo, que se quer trabalhar”. Comentou sobre as suas perspectivas de trabalho, como estudante do curso Técnico em Estradas não tem certeza que concluindo o curso terá trabalho:

o Parobé é a maior escola técnica do estado, no mundo só há dois cursos de estradas. Mas, falando de uma realidade regional, um problema que não é só do Parobé, as escolas não têm estrutura, não têm os materiais necessários para o desenvolvimento dos cursos, para os futuros técnicos entrarem em contato com o que irão encontrar na prática, no trabalho como técnico de estrada, por exemplo.

Continuou seu discurso em nome de sua chapa dizendo “somos contra, agora saindo um pouco do aspecto político propriamente, a xenofobia, o preconceito contra os homossexuais, o racismo”. Falou que a classe menos favorecida não tem condições de pagar cursos para entrar numa universidade pública, UFRGS, por isso ingressam em universidades privadas, “vai ver os carrões que tem ali na UFRGS”, comentou.

Paola durante sua fala saiu do objetivo da assembleia e isso cansou alguns ouvintes que foram embora antes da votação. Ela demonstrou maturidade ao se posicionar diante da platéia; defendeu com convicção suas propostas, reflexo de sua experiência no movimento estudantil.

O representante a defender a tese da chapa da direção do grêmio foi Stuart. Visivelmente nervoso, falava muito baixo e gaguejava. Durante sua fala um participante passou e disse: “o cara não sabe nem falar”. No pouco tempo em que falou se referiu muito ao discurso de Paola, dizendo que as ideias defendidas pelo grêmio estavam de acordo com a de sua chapa. No final da assembleia, Stuart comentou com um colega ao sair do pavilhão “deu baixa”, quando percebeu que um estudante que declarou apoio tinha revisto sua escolha.

Nesse momento “palanque” esses jovens realizam a missão de “porta-vozes” da juventude. Ali se sentem verdadeiramente “conscientes”. Colocam-se como jovens politizados com discurso agressivo, de acordo com os pontos que querem ressaltar a partir das denúncias que proferem como forma de chamar atenção para elas. Podem expressar-se livremente, sem os olhares dos mais velhos, conscientizando outros jovens dos problemas relacionados às questões estudantis sempre vinculadas ao ataque do “sistema”.

Paola e Stuart estão em lados opostos, não por questões ideológicas, mas por força das circunstâncias. Paola não tem participado das discussões no grêmio, alegando ter outras ocupações que estão lhe afastando da escola. Portanto, não consegue acompanhar o cotidiano da agremiação. Considero que Paola está incluída na categoria “consciente”; no entanto, para fazer parte do grupo, além de ter um “pensamento de esquerda”, portanto politizado, na visão da direção do grêmio, é preciso assumir um compromisso e estar presente na agremiação. Ela é vista pelos dirigentes do GEPA como inconstante por conta da sua participação na gestão anterior.

Durante as reuniões realizadas em torno desse assunto pude constatar que a categoria “consciência política” é uma importante marca de distinção para o grupo. Os estudantes que eles consideram “mais conscientes” poderiam participar da chapa do grêmio. Os adjetivos “abobados” e “idiotas” são utilizados para distanciar aqueles que não são os mais “apropriados” para representar o Grêmio Estudantil do Parobé no Congresso. Em uma das reuniões do núcleo GEPA, quando reunidos para decidirem quem gostariam que compusesse a chapa para ir ao Congresso, Stuart, conversando com Tadeu, disse: “ele é gurizão, mas dá pra tentar, é meio abobado porque é gurizão ainda”. Como o Congresso ocorreria no dia dos namorados, Jeferson (o gurizão) e sua namorada acordaram que ele não viajaria.

O que pude perceber é que o período da panfletagem, das conversas, é um momento em que os membros da direção aproximam-se mais de outros estudantes para expor suas ideias. Com essas iniciativas eles têm a intenção de trazer mais estudantes para o convívio do grêmio e também possíveis membros para a agremiação. As panfletagens tornam-se um encontro para discussões em que apresentam suas propostas e suas posições diante da política e das questões sociais; ouvem a opinião dos demais e a partir disso fazem seus julgamentos. Durante as panfletagens falam que é preciso explicar o que está escrito no panfleto; caso contrário, estariam distribuindo panfletos como os camelôs do centro da cidade: “tipo fábrica de calcinha, CD e DVD...”.

Os mais apropriados para comporem a chapa de situação do grêmio são aqueles que de alguma forma concordam com as ideias trazidas da Organização, a

partir das quais o grupo desenvolveu sua “tese”. No Panfleto – *Participe da Assembleia de Eleição dos Delegados do CNE* – produzido para incentivar os estudantes do Parobé a participarem das eleições dos delegados que representariam a escola no Congresso Nacional dos Estudantes no Rio de Janeiro, podemos verificar algumas das ideias defendidas por eles. O CNE deste ano teve como objetivo discutir a construção de uma nova central estudantil; portanto, o panfleto defendeu que:

Para avançar na organização, consciência e luta dos estudantes, é preciso superar os velhos métodos burocráticos e o programa governista das direções traidoras do movimento estudantil, independente e revolucionário, que não se limite a reivindicar uma educação pública, gratuita e de qualidade, mas que unifique estas reivindicações mínimas com a luta contra o capitalismo. O primeiro passo é construir organismos estudantis independentes, capazes de mobilizá-los, e que representem efetivamente os estudantes; um exemplo disto é o Conselho Representante de Turma, que estamos construindo no Parobé. (...) defendendo a construção pela base e a democracia estudantil, ou seja, a participação ativa de todos os estudantes no dia a dia das estruturas representativas (CAs, DCEs e grêmios estudantis), assim como a denúncia dos governos e a luta contra o sucateamento da educação (...).

Aqui expressaram sua aversão ao sistema capitalista, base de todas as contestações advindas da Luta Marxista. Segundo essas ideias, o sistema prioriza o lucro e poucas pessoas seriam detentoras de poder e dinheiro. Outro ponto fundamental desta ideologia é o antipartidarismo; para eles, as organizações estudantis deveriam ser independentes do governo e de partido. Com isso, teriam mais liberdade de lutar por mudança e um potencial maior na transformação da sociedade. A última frase do panfleto é: “este panfleto foi financiado pelos estudantes que compõem a chapa”. Como o evento incluía a participação de estudantes que não integram o grêmio, fizeram questão de eles próprios financiarem os panfletos. Após a assembleia, elaboraram um texto para o blog do grêmio:

CNE reafirma o velho movimento estudantil: “O Grêmio Estudantil do Parobé sob a gestão “Organização Consciência e Luta!” participou em junho deste ano do Congresso Nacional de Estudantes. Diferentemente das gestões passadas se decidiu a tese e os respectivos delegados que iriam representar os estudantes do Parobé em uma assembleia. Onde por maioria se elegeu a tese “POR UMA COORDENAÇÃO NACIONAL ESTUDANTIL QUE UNIFIQUE A LUTA DOS ESTUDANTES COM A LUTA DOS TRABALHADORES” que foi escrita pelos membros da atual gestão”.

Neste texto, posicionam-se contra o Congresso e mostram-se como uma gestão democrática e coerente, quando comparados com as gestões anteriores. Uma forma de valorizar suas propostas e iniciativas é fazendo comparação com as gestões anteriores, assim podem apontar seus pontos positivos em contraponto com o que veem de negativo nos *outros*.

Por reivindicar uma identidade vinculada a um ideal de jovem politizado, estabelecem fronteiras. Aqueles que “não querem, não sabem discutir política, defender a tese”, que tenha um pensamento alinhado com “o sistema”, ou que só falam “bobagens o tempo todo”, que só vão ao grêmio para ouvir música e não se engajam nas atividades são inseridos na categoria “abobados”. Um exemplo pode ser trazido da fala de um dos dirigentes referindo-se a Sofia, estudante do ensino médio que participou da primeira gestão da chapa Organização, Consciência e Luta, “ah ela vinha aqui pra fazer os temas na mesa e vender bijuterias”, “estamos tentando levar pro Congresso pessoas minimamente conscientes”.

Neste sentido, Stuart disse:

levar gente que não tem consciência mínima para o Congresso não dá, porque tem que participar dos debates e colocar a tese que o GEPA defende. Tem que ler e reler pra poder falar. Não é para ir pro Rio pra ficar bebendo e conversando, pode, também, mas o principal é a discussão política, o debate político.

O importante é que os representantes do GEPA tenham a preocupação de ler o que eles chamam de tese para depois discutir essas ideias e defendê-las, mostrando um grêmio engajado com uma proposta política para os estudantes e o país.

As categorias apropriadas pelo grupo mostram-se de forma particular nos discursos de cada integrante. No grupo, mesmo que não usem a palavra “consciente” durante as conversas, essa característica é ressaltada implicitamente pelos membros da direção e os voluntários do GEPA, como forma de diferenciação positiva. Conforme foi ressaltado anteriormente, a categoria “abobado” é utilizada sempre como forma de acusação com relação a alguém preterido pelo grupo.

Um grupo pode fazer diferentes imagens de si próprio. As mudanças emergem exatamente nas posturas que assumimos no contato com o outro. As imagens criadas através da forma como um grupo se percebe pelo olhar de outros segmentos possibilitam mudanças de conduta e autoimagem (NOVAES, 1993). Para Novaes (1993):

no jogo de espelhos, cada imagem refletida corresponde a uma possibilidade de atuação. A avaliação desta atuação pelo grupo leva à formação de uma nova imagem, que por sua vez, possibilitará uma nova atuação (p. 109).

As imagens que o grupo faz de si dependem do *outro* que se toma como referência, mas normalmente a imagem refletida é positiva. Entretanto, quando os valores entram em confronto e especula-se sobre si e os outros, dependendo do valor que está em jogo, as imagens serão negativas ou positivas (NOVAES, 1993).

No momento em que o grêmio está mais ativo, o grupo se vê de forma positiva e rebate as críticas buscando subjugar seus interlocutores. Quando o grupo começa a dispersar-se devido às obrigações fora da escola, os valores que orientaram seu programa e o engajamento no grêmio são questionados e de certa forma os jovens dirigentes vão assimilando uma imagem mais depreciativa.

Para esses quatro jovens o ato de participar está relacionado com responsabilidade, seriedade e comprometimento. Demonstram que a questão não é só manter o grêmio aberto; eles querem fazer algo importante, significativo para a escola. As frustrações decorrem também das imagens idealizadas que os estudantes reivindicam. Estas podem ser um referencial que ao não ser visto na prática gera desânimo “o que faz com que acabem desvalorizando ou não reconhecendo a singularidade de suas ações” (MARTINS, 2010, p. 154).

A identificação vale-se de categorias socialmente disponíveis. É na relação com o outro que se justifica, recusa ou endossa identificações que recebe dos outros e das instituições. Contudo, a identidade não é constituída a nossa revelia, mas não se pode prescindir dos outros para a forjarmos. O que está em jogo é a articulação da identidade para si e a identidade para o outro (DUBAR, 2005).

### 3.1.3 Jovens rebeldes?

O clima em torno do Congresso gerou polêmica. Os membros do GEPA acusaram a oposição de não falar sobre o Congresso quando entregavam os panfletos, assim como eles deveriam explicar a proposta do evento e não só dizer que será realizado um Congresso de Estudante no Rio e “ficar perguntando quem quer ir”.

Acompanhei um pouco o período de panfletagem antes de começar a assembleia. Paola, enquanto entregava os panfletos, procurava explicar por que o grêmio estava propondo uma assembleia, seu objetivo e o objetivo do Congresso, diferente do que os dirigentes do grêmio disseram-me. Paola em vários momentos aparece nos discursos dos dirigentes do grêmio ora criticada, ora elogiada. Numa conversa Stuart contou de seu interesse em convidá-la a participar do grupo. Mas, na maioria das vezes, ela aparece como “oposição” ou ex-dirigente do GEPA, numa gestão muito criticada pela atual direção e pelos participantes do grêmio.

Paola fez parte do GEPA na gestão anterior à chapa Organização, Consciência e Luta. Em uma conversa ela comentou sobre um protesto organizado durante sua participação no grêmio:

A gestão que eu participei do grêmio estudantil aqui do Parobé, a gente tinha bastante preocupação assim de ouvir os estudantes e ver qual eram as necessidades que se tinha. Na época nós não tínhamos o bar aqui dentro da escola, e os estudantes tinham que comer na rua, aí tinha uma carrocinha de cachorro quente, seu Zé aqui na frente (da escola) acabou quando veio o bar, a escola meio que quis tirar ele né daqui porque ele não tinha licença, e obviamente os estudantes ficaram brabos assim, porque o cachorro quente aqui era dois reais, no bar é muito mais caro e não são novas as coisas e era bem pior. Acabou que aconteceu que a gente organizou um ato aqui na frente trancamos a rua, na frente do Parobé teve bastante estudante teve repercussão na televisão, e até acabou a polícia vindo, foi truculenta com os estudantes, acabou prendendo alguns, estudantes, alguns apanharam foi bem truculento. Mas agora apesar disso acho que foi uma iniciativa bem importante de outros anos que eu já tinha ouvido falar do Parobé, não se tinha essa iniciativa dos estudantes, se mobilizar mesmo, de reivindicar as necessidades da escola, de reivindicar seus direitos, acho que isso é importante. Além disso, logicamente sempre

que tinha atos, ações contra o aumento da passagem a gente sempre tentava mobilizar todo mundo pra participar.

Falou sobre o papel do grêmio estudantil:

Eu acho que o grêmio estudantil tem como principal papel, o papel político de organizar os estudantes não só nas questões específicas da escola, mas também nas questões dos ataques do governo Lula e Yeda como um todo, e é lógico também reivindicar lazer dentro da escola, organizar campeonatos passeios, é importante pra garantir nosso lazer né, mas acho que o principal papel é isso, do grêmio estudantil organizar os estudantes.

Paola procura ressaltar os aspectos positivos de sua gestão. Falou sobre o protesto com um entusiasmo que me fez observar seu orgulho em participar de um momento de contestação na escola e de um grêmio politizado. Para ela os estudantes devem organizar-se em torno de uma causa; assumir algumas lutas contra o que vai mal.

O grêmio estudantil é visto como um espaço importante nessa direção, onde os jovens podem organizar-se, discutir política, reivindicar levando em consideração os problemas da escola e da sociedade da qual fazem parte, configurando-se como um lugar de formação política do estudante. Sua fala evidencia o potencial e a credibilidade que deposita na participação dos jovens no movimento estudantil.

Paola relatou que participa de uma organização política chamada Movimento Revolucionário. Antes de sua experiência no Parobé participou do grêmio estudantil da Escola Estadual Cônego Paulo de Nadal na zona sul, localizada no bairro onde mora. Desde seus quinze anos participa de movimento estudantil; agora com vinte e um, disse que sua mãe não interfere mais como antes.

No início de sua militância política tinha de mentir para poder sair de casa. Fez parte da Conlute (Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes), que se tornou ANEL (Assembleia Nacional dos Estudantes Livres). Segundo Paola, esta organização faz oposição à UNE (União Nacional dos Estudantes) e à UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas).

Já fez parte do PSTU. Ela e outros militantes do partido romperam com o mesmo por divergências políticas e engajaram-se na organização do Movimento Revolucionário. Fez questão de contar que, assim como ela, têm mais militantes da

Organização presentes em outras escolas, do ensino técnico e médio, universidade, que disputam a direção de centros acadêmicos e grêmios estudantis. Eles fazem um trabalho de politização nesses locais.

Expus aqui alguns pontos de uma entrevista gravada no pátio da escola com Paola durante uma tarde, buscando resgatar algumas ideias que são comuns a esses jovens que militam em organizações políticas constituídas a partir de dissidência da juventude de um partido político. Eles defendem que as organizações estudantis devem ser apartidárias. A descrença que depositam nos partidos e em suas promessas criam imagens negativas em torno dos mesmos.

Nos anos 60, a juventude de vários países, incluindo o Brasil, emergiu no cenário político de forma contundente protestando contra os rumos da sociedade, principalmente contra os sistemas escolar e universitário. Esse descontentamento atingia a cultura em diversos aspectos, como cita Abreu (1997): “costumes, moral, sexual, gosto e estética”.

Na década de 60, o protagonista desses protestos foi a juventude estudantil; uma década marcada “pela radicalização ideológica e pelo auge das ideologias revolucionárias” (ABREU, 1997, p.181). Alzira Alves de Abreu (1997) desenvolveu sua pesquisa sobre a juventude revolucionária com pessoas que, no final dos anos 60 e início da década de 70, tinham idade entre 14 e 24 anos. Jovens que possuíam o mesmo projeto dentro daquele contexto social: “o de, através da luta armada, derrotar o regime militar implantado no país e introduzir mudanças radicais na sociedade capitalista, transformando-a em socialista” (ABREU, 1997, p.182). Coloca como marco fundador, para o engajamento desses jovens, o golpe de 1964 que instalou o regime militar.

A ideia romântica de uma juventude revolucionária permeia o imaginário desses jovens militantes. Um pouco dessas ideias de uma mudança radical necessária à sociedade capitalista na qual vivemos é o que propõe as organizações políticas que Stuart e Tadeu faziam parte e também a que Paola milita. Entretanto, essas ideias em muitos momentos são contestadas pelos outros estudantes que participam do grêmio estudantil.

Resgato a conversa de Fábio com Tadeu nos dias que antecederam a assembleia. Fábio (estudante cotado para participar do Congresso pela chapa do grêmio), em uma conversa que presenciei, explicou a Tadeu que leu a tese defendida pela direção e disse: “mas têm várias coisas discutíveis referente à burguesia. Vocês metem o pau, dão uma paulada, não que eu esteja defendendo, mas vocês pegam pesado”. Tadeu colocou sua opinião: “mas é pra pegar pesado mesmo”. E Fábio continuou: “eu entendi a relação trabalhador/estudante, os trabalhadores já foram estudantes, e os estudantes vão ser trabalhadores e a exploração que existe”. Mas o posicionamento radical de seus colegas levaram Fábio a discordar de sua tese. Acredito que o incomodo se dê pela agressividade com que as ideias são colocadas e pelo ímpeto revolucionário presente em seus discursos.

Trago o exemplo da conversa com Paola quando defende uma revolução socialista:

fazer política é ir pra rua, é mobilizar pra lutar contra os governos da burguesia que nesse estado que a gente vive que é capitalista, tem divisão de classe e a classe que domina é a burguesia. Tudo dentro desse sistema é visado pra essa classe né. Desde o sistema do judiciário até o sistema da eleição, tudo é visado pra ela e não pra nós, então é essa a classe que domina. Então a gente acha que a outra classe que é a maioria não só no Brasil, mas mundialmente, essa classe que vai mudar né, através de uma revolução socialista.

Em momentos diferentes esses três jovens militantes defendem concepções de sociedade que divergem dos demais frequentadores e integrantes do grêmio, pois as reportam ao contexto dos anos 60. Segundo Castro (2008), para os jovens que participam de uma organização política “a militância confere o sentimento de estarem enxergando para “além do horizonte” da maioria dos mortais e a responsabilidade de poder “representar” outros jovens” (CASTRO, 2008, p. 260).

Como pude perceber em outros momentos durante os períodos de observação, as ideias de Tadeu e Stuart são contestadas. Quando eles estão presentes, cria-se um momento de debate; outras vezes os comentários são feitos quando estão ausentes.

Em uma tarde, quando cheguei ao Parobé para mais um dia de observação, sentados no banco em frente ao grêmio, estavam Fábio e Márcio. Perguntei por Stuart e Márcio respondeu que, mais uma vez, foi ao grêmio e ele não estava. Márcio disse: “ele é mais político, eu sou mais prático”. Fábio concordou com Márcio e falou sobre o colega: “bah o Stuart vive na ditadura”. Comentaram sobre os empecilhos para a elaboração do jornal. Em 2010, ainda não tinham publicado nenhuma edição, porque não conseguiram chegar a um acordo sobre seu conteúdo.

Segundo Fábio:

mas o jornal tem que ser informativo o Stuart só quer tacar o pau, ele quer falar do governo da Yeda, o pessoal não lê, o pessoal não gosta de ler. Não digo por nós do grêmio, mas o pessoal não vai querer ler, porque eles nem sabem que essas coisas interferem no nosso dia a dia. Só quando afeta no valor da comida, da passagem. Eles só vão ler o que cai no vestibular, não adianta o Stuart querer.

Márcio continuou: “é mesmo o Stuart banuiu aquela coluna que a guria queria fazer... é o Stuart só quer ... é que ele vem com as ideias políticas, é muito brigão”.

Ao mesmo tempo em que Fábio e Márcio discordam de publicar no jornal questões sobre “o governo Yeda”, eles se colocam na posição de quem entende e se interessa por política, têm conhecimento sobre os impactos das decisões de um governo na vida das pessoas. Elementos que, segundo eles, os diferenciam dos demais estudantes do Parobé. Então, se o interesse é de ter mais leitores para o jornal, os assuntos devem ser mais informativos e menos “políticos”.

Fábio comentou com Márcio que se Stuart não relativizar sua posição em algumas questões os outros estudantes não iriam concordar. O líder do grupo é visto pelos demais integrantes do grêmio como “brigão, radical” em suas opiniões políticas e julgamentos dos fatos cotidianos. A visão política desse jovem está vinculada a sua socialização política na Organização da qual fazia parte.

Essa discussão endereça-me ao que escreveu Abreu (1997) sobre os jovens revolucionários dos anos 60. As imagens construídas pelo governo e por parcela significativa da sociedade em torno dos jovens participantes do movimento de luta armada eram negativas; utilizavam-se de termos como “comportamento desviante”, “fora da lei”, “terroristas”, “subversivos” para identificar os jovens revolucionários.

Segundo a autora, essas imagens que a sociedade fazia diante da atuação desses jovens se constituíram durante o processo de radicalização política e de um crescimento econômico até então nunca visto no país. Até 1968, o movimento dos jovens revolucionários era visto pela classe média e pelos operários de forma positiva. Durante o período denominado de “milagre econômico” (período compreendido de 1968 a 1973), sua grande beneficiária foram parcelas da classe média que a partir de então passou a ver as manifestações por parte dos jovens guerrilheiros com maus olhos. Desta forma, a sociedade construiu uma visão negativa do movimento de luta armada; assim sendo passou a ver esses jovens como fonte de perturbações para a sociedade brasileira (ABREU, 1997).

De acordo com Foracchi (1972), o jovem não questiona a ordem normativa refletida na esfera familiar, mas vai ao seu núcleo que é o próprio sistema. Em seu aspecto cultural e criativo é o alvo das contestações. Segundo Foracchi (1972), os membros de uma geração compartilham experiências comuns, oportunidades de trabalho, usufruem certos benefícios e opressões, vantagens e vilanias.

(...) como membros de uma geração, os agentes humanos situam-se numa atitude de abertura e permeabilidade às experiências sociais, ao processo histórico-social. Essa atitude de abertura e expectativa, no tocante ao futuro, não equivale a um modo diferenciado e aleatório de absorção da experiência humana, mas é, pelo contrário, estratificado, compartilhado, definidor de uma geração como unidade (FORACCHI, 1972, p. 21).

Portanto, o conflito de gerações configura-se na luta de uma geração com os valores que desconhece ou não desejam preservar. Conforme as afirmações de Foracchi (1972), o reconhecimento do sistema através das suas dimensões antagônicas, a definição crítica e a contestação política conjuntamente direcionam-se ao ativismo. Contudo, nas palavras da autora, “somente uma minoria, caracterizada por condições psicossociais específicas consegue atravessar toda a sequência da radicalização, dela retirando o sentido final da sua existência pessoal” (FORACCHI, 1972, p. 36).

O que há em comum a esses jovens é aderir e conhecer as opções do sistema, mesmo superficialmente, para então rejeitá-las.

Dessa vivência incipiente, mas conduzida com seriedade, decorre a decisão de não compartilhar o mesmo destino reservado aos adultos (...). Neles os

jovens radicais encontram, por exemplo, condições para usufruírem uma existência privilegiada, sob o ponto de vista psicológico e social, que não são compartilhadas pela maioria dos jovens, seus contemporâneos (FORACCHI, 1972, p. 36).

No radicalismo contestador desses jovens evidencia-se o sentimento de que suas vidas não estavam na direção desejada. A continuidade desse radicalismo está atrelada ao envolvimento com o grupo e sua regularidade, com capacidade de assimilação das novas situações vivenciadas: "(...) no seu estilo de relacionamento com os demais, no seu modo de aprofundamento crítico no conhecimento da realidade histórico-social e da modalidade de participação com o que concretiza" (FORACCHI, 1972, p. 38).

Os jovens revolucionários têm a convicção de que fizeram parte de uma geração que quis mudar o país, tentou e acreditou que seria possível realizar uma transformação radical através da revolução. No contexto da década de 60, apesar dos estudantes terem seus projetos de vida ligados a uma profissão, suas participações em movimentos revolucionários tomaram uma direção radical diante daquela conjuntura. Não havia espaço para negociações políticas; em consequência alguns jovens acabaram envolvidos com a luta armada (ABREU, 1997).

Revolucionária ou não a participação em uma organização exige dedicação. É necessário estudar, reunir-se com os demais integrantes, fazer leituras de jornais e livros buscando uma compreensão da realidade sócio-econômica e política na qual se está inserido. A constituição e a manutenção de um grupo exigem tempo e empenho tanto individual quanto coletivo. Individualmente, tem-se de abdicar de algumas coisas para participar. Mobilizar-se em torno de um projeto implica, também, a existência de uma pessoa que saiba organizar as atividades, recrutar aliados, convocar os membros ao trabalho e dividir as tarefas.

Tadeu e Stuart, em diferentes momentos, decidiram deixar a Luta Marxista. O primeiro a se desligar foi Tadeu que afirmou ter, por parte da família, uma cobrança para que se dedicasse mais à sua vida particular, à busca de um trabalho e às divergências políticas na Organização. Stuart disse que o motivo de seu afastamento tem a ver com a necessidade de dedicar-se mais aos estudos, ao

trabalho e também à falta de respostas para as questões que ele levava com relação ao grêmio e outros assuntos.

Um aspecto comum aos movimentos sociais são seus conflitos por conta de opiniões diferentes, disputas internas — o que influencia nas trajetórias dos sujeitos dentro das organizações políticas. Um dos papéis das lideranças desses movimentos é estar sempre em busca de novos integrantes; o recrutamento e os conflitos geram desgaste à própria manutenção do grupo (MARTINS, 2010).

#### 3.1.4 Reafirmando a autoimagem

Um momento de bastante debate do grêmio com os demais estudantes da escola girou em torno de um protesto organizado contra a falta de qualidade do xerox e um boicote ao bar, entre outras reivindicações. Os estudantes organizaram reuniões com os líderes de turma para que eles levantassem junto a seus colegas questões que os incomodavam na escola.

Para divulgar essas atividades passaram de sala em sala e, antes disso, deveriam comunicar seus objetivos à direção da escola. Segundo Tadeu, o diretor reclamou que são muitas “passadas”, mas se contrapõe a ele dizendo que o grêmio não precisaria de autorização para passar nas turmas. O diretor da escola disse que está no estatuto do grêmio estudantil que os dirigentes devem pedir autorização, apresentar por escrito o que irão falar, ser acompanhados por um monitor, falar durante dois minutos. Os dirigentes do grêmio contra-argumentam dizendo que no estatuto do grêmio não consta nenhum item a esse respeito.

Driblando os empecilhos, conseguiram fazer mais de uma reunião, sendo uma em cada turno, com objetivo de organizar um protesto. Na reunião da qual participei um estudante do curso técnico em Mecânica falou que não adiantaria só

ficarem discutindo, mas deveriam elaborar um documento e levar à Secretaria Estadual de Educação. Stuart comentou que o diretor tinha dito que o grêmio teria de elaborar um documento sobre o xerox, colocando quais são os problemas. Assim, ele poderia intervir e levar o caso à Secretaria de Educação.

Outro participante do ensino médio, depois que Stuart e Tadeu falaram, perguntou: “tá, mas o que vamos fazer?”. Tadeu respondeu: “é isso que a gente quer, discutir, é pra isso a reunião”. Outra participante argumentou que ela não tira tanto xerox assim; o problema não é o gasto com o xerox, a qualidade é o ponto crítico. Segundo a estudante, as letras saem borradas e a folha amassada. Tadeu esclareceu que a proprietária do xerox o chamou para uma conversa, dizendo que, antes de qualquer coisa, ele deveria conversar com ela. Ele teria argumentado que não é pessoal, mas um problema político. Explicou o modo como acontece a licitação e disse também que em uma escola pública os estudantes não deveriam gastar para estudar.

No dia do protesto passei logo cedo em frente à escola e lá estavam eles, Stuart com megafone convocando os estudantes a participarem do protesto e permanecerem ali na mobilização. Dias antes produziram os cartazes e panfletos. Para a segunda etapa do evento, horário do intervalo, compraram refrigerantes e pastéis para vender durante o piquenique. Disseram que depois do protesto em frente às catracas foram até o bar e lá ficaram vendendo salgados a um real, com um copo de refrigerante no mesmo valor. Contaram-me com satisfação sobre a venda de todos os produtos. No período do intervalo os estudantes estavam proibidos de sair da escola.

Segundo os dirigentes do grêmio, essa medida foi tomada porque o dono do bar estava perdendo lucro e acertou com o diretor de fechar as catracas. Esse é o ponto de vista do grupo em relação ao diretor.

O protesto não teve boa repercussão diante de funcionários e direção da escola. Ouvi um dos funcionários que trabalha na portaria falar, referindo-se a Stuart: “isso é coisa dele, protesto!”, comentando com outro funcionário enquanto ria. Os dirigentes do grêmio têm uma visão de desconfiança com relação aos

funcionários da portaria. Dizem que fazem “corpo mole” porque deixam entrar muitas pessoas que não são da escola. Atribuem a isto o fato de ter ocorrido uma briga de gangues dentro da escola.

O diretor teria dito que poderia fazer com que eles respondessem a três processos em consequência desses atos organizados pelo grêmio. Poderia acusá-los por aliciamento de menores, perturbação da ordem em espaço público e a última acusação eles não lembraram para me contar. Stuart os defendeu dizendo que o ato foi organizado pelos estudantes da escola. Segundo o garoto, o diretor teria rebatido dizendo que a direção do grêmio não representa a vontade dos demais estudantes do Parobé, e acrescentou que se ele quisesse poderia fechar o grêmio.

Outro ponto de divergência entre a administração da escola e o grêmio estudantil é a proibição do skate na escola. Numa tarde de observação, Stuart falou sobre uma reunião com o diretor cuja pauta era o uso do skate no Parobé. Ficou combinado entre os estudantes que fazem parte da direção do grêmio de comparecer à reunião, inclusive uma estudante que se dizia skatista. No entanto, o único representante do grêmio na reunião foi Márcio. Stuart defendeu-se dizendo que sábado é um dos poucos dias que pode dormir até mais tarde. São marcadas duas reuniões para esse dia, primeiro com o diretor e à tarde seria a reunião do grêmio. Uma das meninas que “é do grêmio”, como Stuart se referiu a Laura, sinalizando aspas. Continuou dizendo que ela anda de skate “é skatista”, “mas esses skatistas de hoje não são como no meu tempo, transgressor e pá, é uma ‘playboyzada’ nem sabem andar nas ruas”.

Enquanto Stuart falava-me sobre esse dia, Laura entrou no grêmio, mas não permaneceu. Ele saiu atrás da garota para saber por que não tinha comparecido à reunião. Segundo a garota, no horário em que ela passou ali, não havia ninguém no sábado, então foi embora. “É assim viu... ela entra, olha e sai”, comentou Stuart: “ela que é a mais interessada é skatista e pá, essa *playboyzada* é assim, tudo de Nike Shox e o caramba, tudo pouser”.

Expressou sua indignação com aqueles jovens que, em seu ponto de vista, não são engajados, não usam os instrumentos juvenis no sentido de transgredir uma

regra, de impor um ideal. Demonstrou sua indignação, também, em relação àqueles colegas de agremiação que “não chegam junto”, não contribuem com as atividades cotidianas do grêmio.

Nessa tarde, um garoto andou de skate no saguão da escola. Pelo que pude constatar a tentativa de proibição do diretor não se concretiza. Os dirigentes do grêmio procuram colocar-se como autônomos em relação à administração da escola. De certa forma, eles mantêm suas atividades cotidianas desvinculadas da direção; entretanto, nesses momentos de reivindicações ela interfere.

Tendo como referência os relatos dos dirigentes do grêmio, a ideia que o diretor da escola faz desses jovens dirigentes está ligada a uma rebeldia que contrasta com a imagem dos demais estudantes de sua escola. Se o que os dirigentes pensam não representa os estudantes do Parobé, a concepção de juventude presente no imaginário deste diretor desvincula os jovens de uma postura politizada. Contudo, faz com que os dirigentes e voluntários do GEPA reforcem sua posição diante do mundo adulto que os vê como pessoas despolitizadas que não valorizam a participação política. Ao contrário da imagem associada aos jovens, eles querem mostrar através de suas práticas que são politizados e organizados protagonizando um projeto político para a escola.

Segundo Martins e Dayrell (2010), a lógica da administração escolar é diferente da lógica do grêmio e seus membros possuem anseios urgentes, sendo que o tempo interno do jovem é diferente do tempo social da escola, cujos dirigentes, sempre envolvidos com trâmites burocráticos, vivem em conflito com a dinâmica imediatista dos jovens. Esses conflitos podem servir de parâmetro para a percepção de fronteiras e contribuir para que os jovens aprendam a lidar com as negociações inerentes ao processo e a perceber as instâncias de atuação (MARTINS, 2010).

O grêmio é um espaço para o jovem no qual ele aprende a viver situações de negociação diante de seus pares e do mundo adulto, quando lidam com professores, direção e funcionários. O protesto contra o bar da escola foi um momento importante no qual se sentiram “heróis revolucionários” porque o diretor da escola chamou-os

para conversar dizendo que poderia processá-los pelo ocorrido. Este desfecho foi vivido como “missão cumprida”. Apesar de o bar estar sob a administração do mesmo dono, as catracas foram liberadas para que os estudantes pudessem sair para comprar lanches fora da escola.

Mesmo que o ambiente escolar não incentive a participação, isso não impede que os jovens elaborem, a seu modo, formas de engajamento e contestação que contribuem para suas formações como cidadãos. A partir da realização das atividades cotidianas, dos protestos, da produção de textos, panfletos, a participação torna-se uma narrativa da autoimagem que buscam para si. O trabalho junto ao grêmio significa, também, um reconhecimento no espaço da escola; passam a se colocar como sujeitos políticos assumindo uma autoidentidade positiva e distintiva em relação à tendência social de massificação e homogeneização da juventude. Para eles, é na concretização do processo de participação nas questões da escola, da problematização da realidade social e política do Brasil que se identificam como conscientes, politizados.

### 3.1.5 Não-participantes: aproximando outras visões do grêmio

A seguir viso analisar o processo de transformação da autoimagem do grupo diante de si e das relações estabelecidas com os outros segmentos da escola. A constituição identitária do grupo estudado tem a ver com a relação estabelecida diante dos *outros*. A participação no GEPA é um elemento constitutivo da identidade de grupo e está ligada à representação que se faz do outro e, como venho mostrando, dos vários outros que surgem em cena num determinado contexto. Há, portanto, uma relação de interdependência entre o “nós” e o “eles” (NOVAES, 1997).

A imagem que buscam de um grêmio estudantil politizado, consciente e democrático foi sendo arranhada na medida em que seus integrantes perderam a possibilidade de se dedicar à agremiação. Como afirma Martins, “a trajetória dos jovens nos mostra que eles se constroem como sujeitos sociais numa complexidade de espaços e tempos, estabelecendo múltiplas relações a partir de seu meio social” (MARTINS, 2010, p.14 apud DAYREL, 2005).

O conceito de autoimagem implica o confronto entre sistemas de valores divergentes, aos quais se apela para a representação de si e, certamente, para a atuação frente ao outro, e para a avaliação desta atuação (NOVAES, 1997). No caso estudado, os valores que sustentam a autoimagem são: comprometimento, responsabilidade, contestação, democracia.

O outro segmento que entra em cena nesta análise são os não participantes do grêmio. Estes são de grande importância para a representação que o grupo participante faz de si mesmo e incorpora em termos de atuação. Num dado momento, o comportamento dos dirigentes da agremiação é colocado em xeque de forma ostensiva, principalmente pelos estudantes não participantes do GEPA. E com isso a imagem de um grêmio democrático e engajado é questionada.

Através de conversas com os alunos não participantes pude constatar que a maioria deles não se sente motivada em participar. De dez estudantes entrevistados, apenas dois participaram de alguma forma do GEPA. Mas isso só foi constatado ao longo da conversa. Outros dois definiram-se como não participantes. Apesar de passarem por lá de vez em quando, não consideram como participação a passagem pelo grêmio com intuito de pegar bola ou violão. Um deles ressaltou que ficara com a chave do grêmio por duas vezes. Para esse jovem, participar do grêmio estudantil envolveria um compromisso.

Nazzari (2006) observa que a eficácia política influencia na participação; a identificação com as ideias do grupo é importante. Esses jovens precisam também ver concretizada alguma ação atribuída ao grêmio com relação aos problemas dos estudantes no dia a dia da escola. Cinco dos entrevistados, quando questionados porque não participam, disseram: “não tenho interesse”, “não sei o que é o grêmio”,

“falta de tempo e vontade”, “não gosto de me envolver, sou bem na minha”. Alguns não souberam expressar qual atividade o grêmio poderia desenvolver. Um menino de dezessete anos, depois de pensar alguns instantes e com expressão de dúvida, arriscou um palpite: “ajudar os alunos?”.

Segundo esses estudantes, o grêmio é o “local onde as pessoas se reúnem para decidir sobre coisas de interesse da escola”, “poder político dos alunos na escola, liderança na escola”, “grupo de pessoas que luta pelos alunos para melhorar a escola”. Para os estudantes entrevistados, o grêmio estudantil deveria desenvolver atividades relacionadas à tomada de decisão diante das angústias e problemas dos alunos, há protestos, há mobilização em prol de atividades extracurriculares, debates, torneios, gincanas.

Apesar de não participarem, reconhecem a importância que a agremiação teria à comunidade escolar, o seu potencial politizador e reivindicativo do qual os alunos podem se valer. Quando falam de torneios, formaturas e gincanas ressaltam também o aspecto do lazer, da sociabilidade juvenil muito presente nas experiências de um grêmio estudantil e nessa idade da vida.

De uma maneira geral, os estudantes que não participam do grêmio ressaltaram a falta de objetividade do GEPA para reivindicar coisas que eles acham importante para a escola como a pintura dos prédios, projetos sociais envolvendo os alunos, palestras, torneios, gincanas etc. Um estudante do ensino médio que acompanhou o protesto contra o bar da escola organizado pela direção do grêmio disse:

não era um movimento, era uma algazarra o protesto, venderam lanche por um real, sentia que eles... era uma brincadeira. Acho que é isso, o bar do Chico não tem qualidade, batalhar por isso, mas sério, os professores inventam regras, não sei se era assim, mas (o papel do grêmio) era contestar contra isso.

Se o protesto tivesse trazido consigo a melhoria daquela situação acredito que o jovem não teria essa opinião sobre o evento. Interpreto a fala do menino como uma reprodução das imagens presentes na sociedade que não vê esse tipo de movimento positivamente; consideram-se os envolvidos como baderneiros, e não sujeitos engajados em busca de um bem para sua comunidade. Outra menina

entrevistada reproduziu essa visão com relação ao protesto contra a direção (no dia da caminhada até a Secretaria da Educação do Estado) quando disse: “não fui ao protesto do ensino médio porque achei uma falta de educação dos alunos, de chegarem gritando”.

O entusiasmo que os jovens têm nesse tipo de manifestação coletiva, incentiva algumas atitudes mais exageradas que individualmente os jovens não ousariam. Segundo Martins (2010), os protestos, as passeatas vistas pelos de fora, são caracterizadas como badernas. O autor traça uma comparação com o movimento da década de 60 que também sofreram críticas por práticas como essas. As críticas funcionam como desqualificação das atividades organizadas por estudantes. Há toda uma expectativa por parte dos *outros* com relação aos jovens que participam do grêmio, que esperam atitudes ideais devido ao interesse por questões coletivas e políticas em torno da escola e da sociedade (MARTINS, 2010).

Um aspecto a observar, diante desse contexto, é que a escola é vista como um lugar privilegiado de socialização política (NAZZARI, 2006; MARTINS, 2010, CASTRO, 2008). Todavia, são poucos os grêmios ativos. De acordo com Martins (2010), aqueles que estão abertos, em muitos casos, a atuação é prejudicada pelo pouco tempo que seus integrantes têm devido aos seus compromissos fora da escola: alguns estudam no horário noturno, devido a trabalho, a estágios dificultando o planejamento de estratégias de organização, as passadas em aula para divulgação de eventos, reuniões.

A partir de Martins (2010), pode-se afirmar que o caso da escola Parobé não é único. Um problema comum é a inconstância dos grêmios, “se, em um ano, o grêmio está forte, no outro, pode já não estar, em função de uma série de questões (...), estudantes que se formaram, morosidade no processo de eleição” (MARTINS, 2010, p.17). Contudo, a escola não proporciona uma educação participativa, não estimula a participação dos estudantes, visitas, excursões, trabalhos de campo, debates, seminários, teatros, festivais de músicas, são quase inexistentes no ambiente escolar (MARTINS, 2010). A participação está ligada à prática, à ação; portanto, os jovens precisam vivenciá-la, experimentá-la concretamente em seu cotidiano.

As dificuldades existentes fazem parte desse processo participativo e não invalidam as diversas experiências ali inerentes, abrangendo infinitas possibilidades envolvidas no processo de formação.

Assim, quando versamos sobre a participação do jovem na escola, pensamos em uma infinidade de ricas possibilidades relacionadas ao processo de formação. Uma formação para além do conceitual, do estrutural, um processo de construção do conhecimento que se dê ao praticar, no fazer. Dentre as mais diversas experiências, uma merece a atenção mais criteriosa: a possibilidade de o jovem externar sua opinião, de defender seu ponto de vista, de contribuir com seu processo educacional e se construir como sujeito. Acreditamos que entender a atuação do jovem no processo participativo pode ser uma alternativa importante para a educação (MARTINS, 2010, p. 17).

As formas de participação refletem a conjuntura vivida. Os impactos da conjuntura brasileira e global (desigualdade social, consumismo, drogas etc) não impedem que muitos jovens criem alternativas e estratégias de “sobrevivência psíquica, emocional, intelectual, socioeconômica, cultural e política entre outros” (NAZZARI, 2006, p. 136). Alguns jovens conseguem superar esses impasses “desenvolvendo mecanismos de confiança nas pessoas, cooperação sistêmica e participação nas questões coletivas, ampliando o capital social de suas comunidades” (NAZZARI, p. 136).

Martins (2010) expõe o problema da dedicação ao grêmio e a falta de horários dos estudantes para as atividades da agremiação. Em sua pesquisa constata que a maioria dos jovens trabalha; portanto, o tempo que têm para as reuniões é escasso, e não abrem mão, também, do final de semana, quando podem se divertir e descansar.

Stuart quando participava da Luta Marxista tinha dedicação total à atividade da Organização e ao GEPA, tanto que quase perdeu a vaga na escola por falta. Nesse período ele reclamou muito, pois não tinha muitos interessados em ajudar. Por conta disso e de sua preocupação com um destino profissional “levou até quando deu” e “largou de mão”, pois não “tinha mais pernas para carregar o grêmio”.

Em sua pesquisa, Martins (2010) observa a rotatividade dos integrantes em grêmios estudantis. Para participar os estudantes precisariam dispensar mais tempo à agremiação, o que não é viável para muitos jovens por que perderiam aula ou final

de semana ou trabalho. Martins (2010) afirma que “a questão é lidar com a dificuldade e se responsabilizar pelas escolhas feitas” (p.89).

No GEPA, a saída dos membros da direção foi vista de maneira negativa, pois não conseguiram novos integrantes com o perfil desejado para levar adiante o projeto da chapa. Apesar das investidas durante algum tempo com a colaboração dos voluntários, Stuart não se mostrou satisfeito diante da nova configuração do grêmio. Mesmo depois de se desligar da chapa oficialmente, Márcio prontificou-se a ajudar, abrindo o grêmio por algum tempo.

Alguns integrantes do grêmio consideram os não participantes acomodados, por ter pouca idade, “gurizão”, ou porque não tem um espírito “revolucionário”, “contestador”. As imagens que eles fazem dos não participantes está relacionada a pessoas que “não tem cabeça”, “abobados”, que aceitam as coisas pacatamente porque não se interessam em discutir questões mais amplas da escola e da sociedade.

Os integrantes do GEPA falam que as críticas por parte dos não participantes é inaceitável, já que nunca se interessaram em ajudar. Porém, reconhecem que o grêmio está abandonado e as dificuldades em administrá-lo. Contudo, o engajamento do núcleo GEPA gira em torno do interesse em usufruir da sociabilidade inerente a esse espaço, de tornar-se reconhecido pelos estudantes da escola e o status que isso proporciona, do papel politizador que os participantes atribuem a si.

### 3.1.6 A discussão em torno do “perfil”

A direção do GEPA organizou uma reunião cujo principal ponto de pauta era a criação de um perfil e uma comunidade em uma página de relacionamento para divulgação de suas atividades: protestos, festas, torneios, blog, panfletos. A reunião

começou com o assunto do Orkut. Os presentes acharam que a criação da comunidade não era necessária, tendo um perfil já seria o suficiente.

Na sala estão os dirigentes do grêmio e outras estudantes do ensino médio. A reunião transcorreu de portas abertas e os estudantes que entravam participavam da discussão. A maioria dos presentes pensava ser desnecessário fazer um perfil e uma comunidade porque o perfil é mais completo, pois nele podem postar fotos, comentá-las, mandar recados. Stuart queria escrever um texto, mas os demais argumentaram que ninguém iria ler. Stuart contra-argumentou: “se não lerem nem isso, não vão ler nada”. Uma das estudantes presente na reunião disse a Stuart: “se tu vê o orkut assim, como uma bobagem, nem faz então”.

Segundo Márcio e Stuart, o que motivou essa discussão e, posteriormente, a criação de uma comunidade e um perfil decorre das críticas de Paola ao GEPA. Informaram-me que ela acusa a direção de não se comunicar. Márcio comentou que Paola é sempre citada. Naquele período, Paola era a principal oposição a eles, mas não apresentou chapa para concorrer ao grêmio. A direção do GEPA ficou surpresa, pois foram alguns dias antes da eleição. No próximo capítulo detalharei melhor essa situação.

No decorrer da discussão sobre o conteúdo que deveria ser colocado no perfil, quem formularia os textos, as meninas que participavam, após alguns minutos, decidiram ir embora. Márcio perguntou por que estariam indo e uma delas respondeu: “Stuart contesta tudo o que a gente fala”. Márcio tentou conciliar a situação e disse: “Stuart é assim mesmo, fiquem aí”.

Os demais ficaram mais um tempo discutindo sobre o orkut e todos interagiram, manifestaram suas opiniões sobre criar ou não uma comunidade para o GEPA. Decidiram pela criação de um perfil e uma comunidade. No perfil seriam colocados links com os textos do blog. O blog do GEPA não tem muitos acessos; o máximo de acessos que conseguiram num dia foram nove. Atualmente, o conteúdo do perfil do grêmio no Orkut é:

About GEPA - OFICIAL!

Agradecimento da Chapa reeleita Avançar na Organização Consciência e LUTA!

Agradecemos todos aqueles que nos apoiaram durante a campanha, que divulgaram nossas propostas aos seus colegas, e aqueles que acreditaram e nos deram um voto de confiança para permanecermos mais um ano organizando conscientemente a luta dos estudantes e trabalhadores no Parobé.

Porém precisamos dizer que não entendemos este processo eleitoral que vivenciamos como uma simples disputa entre propostas de estudantes. Entendemos como uma disputa entre um programa de luta em defesa e pela conquista de uma educação pública, popular, gratuita e de qualidade, contra a apatia e adestramento da consciência dos estudantes perante os ataques ao ensino público e aos trabalhadores, praticado pelos governos Lula, Yeda e Fogaça a serviço dos empresários.

Foi uma disputa entre a manutenção de uma gestão combativa, classista e independente dos governos contra uma “tendência” oportunista que não visava a organizar os estudantes e trabalhadores do Parobé e sim para anestesia-los, iludi-los com salas de jogos, “cybers” e vendendo a consciência dos estudantes para a primeira empresa que aparece, atrelando o GEPA ao governos através da UMESPA e um candidato as próximas eleições, que iria utilizar o nome dos estudantes do Parobé para se promover.

Em suma o que estava em jogo era os interesses históricos dos estudantes e trabalhadores versus os interesses dos empresários.

Felizmente os estudantes do Parobé já estavam “precavidos” destes métodos e “promessas” e souberam distinguir entre os seus interesses e os de seus inimigos. No fim prevaleceu as propostas de uma gestão combativa, classista e independente para avançarmos na organização, consciência e luta.

Além deste perfil e da comu temos o Blog> [www.geparobe.blogspot.com](http://www.geparobe.blogspot.com) onde tem os textos publicados pelo GEPA 2008/2009 - Organização, Consciência e Luta! Sobre os principais temas que envolvem os estudantes atualmente.

>A Organização, a Consciência e A LUTA!

>CNE REAFIRMA O VELHO MOVIMENTO ESTUDANTIL

>ESTE XEROX NÃO PODE CONTINUAR!

>Se a catraca não liberar... NÓS VAMOS PULAR! Se o preço não baixar...NÃO VAMOS COMPRAR!

>Torneio Apertura GEPA 2009

>O 1º de Maio e o fora Yeda!

>A crise capitalista e as tarefas do movimento estudantes

Além dos textos e links, eles postaram fotos de torneios e festas, algumas na sala do grêmio e no banco que fica em frente à sala. Mas o que chamou minha atenção foram os textos que editaram junto com as fotos do protesto:

O bar do Parobé deveria oferecer um lanche com preços acessíveis à maioria dos alunos da escola. Mas isso é apenas um sonho, já que poucas pessoas o frequentam, enquanto uma maioria atravessa a rua pra pagar menos. Porém, isso ficou impossível para alguns depois que as catracas passaram a ser fechadas no recreio

O GEPA e o Conselho de Representantes de Turma (CRT) se reuniram e discutiram sobre os temas que geram revolta nos alunos. As reclamações se transformaram em uma pauta de reivindicações, que seria entregue ao Conselho Escolar no dia 9; isto, porém, não foi possível, já que nem o local nem o horário da reunião são divulgados. A pauta foi entregue, então, à direção da escola

Pela liberação das catracas, sem restrições, a todos os alunos e em todos os horários; Pela redução dos preços do bar, que este atenda a maioria dos estudantes e que forneça alimentos de melhor qualidade e saudáveis; Pela suspensão imediata do pagamento da matrícula/crachá em uma escola pública; Pela implantação urgente da merenda escolar para todos os alunos, sem exclusão dos alunos do Ensino Técnico; Por mais verbas para renovação dos equipamentos dos laboratórios!

Para garantir que essas reivindicações não sejam mais uma reclamação de aluno engavetada e arquivada, foi traçado um plano de luta para exigir e pressionar a quem quer que seja - direção, Secretaria de Educação, governo, etc. - para que estes problemas sejam resolvidos o quanto antes. Uma primeira ação será nesta quinta-feira, na entrada da aula, onde nos concentraremos em frente às catracas exigindo que sejam liberadas em todos os horários

Outra será no recreio, com um piquenique em frente ao bar pela redução dos preços e por lanches de melhor qualidade e saudáveis. Para que essas ações sejam vitoriosas, é preciso que todos os alunos participem dessa luta, demonstrando seu apoio à pauta de reivindicações e seu descontentamento contra todos os problemas da escola

Os dirigentes do grêmio buscam em todos os meios de divulgação, seja em panfletos, blogs, orkut, priorizar as mensagens que demonstram as ideias que defendem, apresentando uma autoimagem politizada e consciente com a intenção de que o grêmio estudantil seja um porta-voz dos estudantes tentando atingir o maior número de jovens possível.

Viram na internet um meio de comunicação eficaz para divulgação mais rápida e de fácil acesso entre os jovens do Parobé e fora da escola também. A velocidade é própria desse canal de comunicação, possibilitando que imagens, discursos e sons aproximem-se e estejam em muitos lugares ao mesmo tempo. A internet, também, pode ser um meio descomplicado de se relacionar com outras

peessoas através de sites de relacionamento, blogs, espaços nos quais as pessoas conversam e expõem suas vidas (GARBIN, 2003).

Garbin (2003) em seus apontamentos sobre identidade, juventude e internet ressalta o espaço privilegiado que essa tem para os indivíduos nos últimos anos. Segundo a autora, o mundo virtual é produtor de conhecimento. Baseada na teoria de Stuart Hall, a autora argumenta que a internet influencia a própria constituição identitária. Segundo Garbin (2003), as identidades não são criadas apenas dentro de discursos. É comum no ambiente virtual autodescrições que não parecem corresponder com aquele que se autodefine. Ali as identidades são mais breves, mais fáceis de serem criadas. Conforme a autora, o mundo real exige mais tempo, trabalho e experiência na construção da identidade (GARBIN, 2003).

Em blogs e chats ou em qualquer lugar a música é um assunto que está sempre em pauta para os grupos jovens. Música é uma atividade que os envolve. Observa-se que as escolhas musicais estão relacionadas com atitudes, opiniões específicas que vão além dos gostos musicais, têm a ver com escolha de roupa, corte de cabelo, bares etc (GARBIN, 2003).

A música é um assunto muito presente nas conversas cotidianas dos estudantes. Na sala do grêmio já presenciei algumas trocas de cd's, de informações sobre lançamentos musicais, shows e algumas discussões em torno do tema. Os gostos musicais dos frequentadores, voluntários e dirigentes é diverso. Durante alguns meses o grêmio ficou sem colocar música nos intervalos porque as caixas de som estavam estragadas, mas uma das promessas de campanha foi exatamente a volta da música nos intervalos.

Agora com as caixas de som “bombando” a discussão gira em torno do repertório: eles discutem para selecionar a música que vai tocar no computador do grêmio. Sempre fica alguém sentado em frente ao computador selecionando as músicas; um pede uma música, o outro pede para tirar... Têm alguns estilos musicais que são contestados pelos dirigentes do grêmio como pagode, funk carioca e sertanejo. Stuart, depois de algum tempo escutando uma música da qual não gosta disse ironicamente: “isso é democracia”.

Nesse sentido, Stuart expressou sua antipatia ao gosto musical de seus colegas, mas como a maioria está gostando aceitou a escolha como um ato democrático onde os diferentes gostos podem conviver, mas isso não quer dizer que essa convivência seja sem conflitos. Eles fazem parte do processo participativo.

Em graus diferenciados, o grupo representa um espaço de aprendizagem pessoal no qual se desenvolvem relações de confiança e respeito. Meu objetivo foi mostrar como é essa maneira de ser jovem num grêmio estudantil. Com sua participação alguns buscam firmar uma autoimagem positiva. Em uma sociedade que os despolitiza, afirmam-se como sujeito que conhece os dilemas da sociedade na qual vivem. Contudo, a identidade que esses jovens estabelecem devido a sua participação no grêmio não é homogênea; podem fazer apropriações diversas dessa participação. Segundo Dayrell (2005), “uma série de estudos sinaliza que o grupo de pares, o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil das camadas populares” (DAYRELL, 2005, p. 111).

A participação política proporciona a esses jovens parâmetros de comportamento visão de mundo e valores que contribuem para a constituição de suas identidades individual e coletiva. Experiências participativas como as realizadas através do grêmio estudantil possibilitam perceber os caminhos das lutas presentes no interior da escola. As reivindicações por parte dos estudantes podem oferecer subsídios para que eles se sintam parte do contexto escolar. A partir da ação coletiva os jovens aprendem outras formas de vivenciar sua condição juvenil e descobrem outros papéis possíveis, destruindo algumas imagens estereotipadas que elaboram sobre eles (MARTINS, DAYRELL, 2009).

A participação no movimento estudantil torna-se mais uma dentre tantas que podem optar de acordo com o momento e o seu interesse. Fica evidente, no caso estudado, que esses jovens não são apenas estudantes, “dentre as outras tensões vividas, podem estar o trabalho, a raça, a sexualidade, a falta de uma moradia, a inexistência de uma área de lazer no bairro, as dificuldades de acesso à universidade, e tantas outras coisas” (MARTINS, 2010, p.36).

Conforme Nazzari (2006), “a participação dos jovens em atividades estudantis indicam uma implicação na vida política e comunitária do estudante” (p. 130). Esse tipo de participação é gerador de capital social e reflete na socialização política; contudo, estão sob os impactos dos problemas econômicos e sociais do país — reflexo das mudanças científico-tecnológicas contemporâneas.

Permeando tudo isso, ainda existe um conflito de adaptação a essa nova realidade, e uma cultura política arcaica recheada de elementos de autoritarismo e clientelismo político (NAZZARI, 2006). Os estudantes assinalam a importância de participar, de se envolver com os problemas da escola. No entanto, como expõe Nazzari (2006), eles “não utilizam os canais representativos dos estudantes para as suas demandas” (NAZZARI, 2006, p. 126).

No caso estudado, comprova-se este fato pela pouca participação tanto nas atividades do grêmio como nas eleições, pois o número de votos no período de eleição para o GEPA não atinge nem a metade do número de alunos da escola. Segundo Martins (2010), “a valorização da participação se dá mediante a comparação com os outros, que são considerados alienados e tidos como não participativos” (p.151-52).

Márcio ao participar do grêmio valoriza esse envolvimento como forma de aprendizagem de mais responsabilidade, através do comprometimento com os companheiros e a escola. O pertencimento ao núcleo GEPA proporciona conhecimento da política brasileira, dos órgãos que representam os estudantes abrindo seus horizontes para a realidade que o circunda. Como referido em capítulo anterior, Márcio ressaltou que sua atividade principal firma-se por conhecer alguns produtores de festas; então ficou encarregado de organizar festas. Contudo, é um dos mais ativos no GEPA em sua administração.

Para Leandro sua atividade mais prazerosa na agremiação está alicerçada na organização dos eventos esportivos porque ele jogava nos campeonatos. Seu interesse em participar do grêmio configura-se no sentido de que a agremiação tem para esse estudante como a voz dos estudantes na escola e seu papel na luta pela educação pública de qualidade.

Stuart e Tadeu trazem suas vivências no movimento político ao GEPA; procuram contestar, mudar a situação existente no grêmio que caracterizavam como não democrático. Veem o grêmio estudantil como um espaço onde os estudantes podem contestar as decisões vindas de cima para baixo; podem rebelar-se com o que lhes é imposto por professores e pela direção da escola. Tadeu, alguns meses após assumir a presidência do grêmio, passou por uma crise financeira na família que influenciou sua participação, ou porque não tinha dinheiro para a passagem ou porque estava em busca de trabalho. Contudo, vê sua participação no grêmio como um compromisso que o levaria enquanto pudesse.

Stuart dedicava-se quase integralmente seu cotidiano ao grêmio e à Organização, através de leituras, reuniões, protestos etc. Parecia não duvidar de seu papel “politizador” junto aos jovens no grêmio e fora dele e do potencial da Luta Marxista. Stuart vê a participação no grêmio com muita seriedade e comprometimento.

De acordo com Castro (2008), o engajamento leva a um distanciamento da família, ou de algumas convicções que foram passadas durante a infância. Essa situação aparece nas falas desses jovens quando criticam as “crenças” políticas de seus pais (capítulo 2). Castro levanta uma questão importante referente ao conflito existente para esses jovens “entre a busca da felicidade e a da sobrevivência e a adesão à causa coletiva” (CASTRO, 2008, p. 260).

São projetos com objetivos divergentes o que nos remete às discussões em torno do individualismo crescente em nossa sociedade: os indivíduos mais voltados para si do que às causas coletivas e a “transformação dos atores sociais em clientes que delegam ao poder representativo a tarefa de decidir sobre o destino comum” (CASTRO, 2008, p. 260).

No caso estudado, eles vivenciam esses conflitos tentando levar adiante, mesmo com todas as dificuldades, os projetos idealizados para o grêmio. Porém a opção pelo projeto profissional abrangeria uma série de satisfações pessoais que tornaram impossível conciliar as atividades de participação política com a sua vida pessoal e profissional.

## 4 O PROCESSO ELEITORAL NO GRÊMIO ESTUDANTIL

### 4.1 Questões de Política

Buscando compreender as formas de engajamento, as estratégias e as disputas no período de eleição no grêmio estudantil, acompanhei os estudantes durante período de campanha e no dia da eleição. A participação no grêmio estudantil é um tipo específico de participação política que reforça valores coletivos de cooperação e responsabilidade. Através da metáfora do jogo de espelhos é possível entender os diversos valores que se confrontam quando grupos diferentes estabelecem contato. Neste capítulo, descrevo os jogos presentes na relação entre as chapas de oposição e os integrantes do GEPA. Antes de analisar este processo, apresento algumas definições teóricas referentes à dimensão política baseadas em Cohen e Bourdieu.

Os grupos utilizam-se de diversas formas simbólicas e diversos padrões comportamentais para realizar funções de organização como, por exemplo, a diferença e a comunicação. Segundo Cohen (1978), o homem possui duas dimensões: a simbólica e a política. Conforme salienta Cohen (1978), apoiado em Weber, o tipo burocrático é a forma de organização mais efetiva nas sociedades industriais; no entanto, os grupos organizam-se tanto formalmente quanto informalmente (COHEN, 1978).

De acordo com sua afirmação, “o ‘poder’ é visto como um aspecto presente em quase todas as relações sociais, e ‘política’ é sempre utilizada em referência aos processos envolvidos na distribuição, exercício e manutenção do poder” (COHEN, 1978, p. 12). O autor defende que para uma análise significativa é preciso perceber as relações entre o comportamento simbólico e as de poder. A criatividade individual é limitada. A maioria dos homens depende de padrões simbólicos que lhes são

fornecidos pelos grupos aos quais pertencem e pela sociedade em geral. As sociedades são formadas por inúmeros grupos com graus variados de importância política: sua organização vai da mais formal a mais informal; contudo, a maioria dos grupos está numa escala intermediária, pois são formais e informais ao mesmo tempo (COHEN, 1978). Para Cohen:

é fundamental distinguir entre formas simbólicas e funções simbólicas. Num contexto particular, a mesma função simbólica pode ser representada por diferentes formas simbólicas. Por exemplo, todo grupo político necessita de símbolos de diferenciação, isto é, de identidade e exclusividade, para definir seus limites. Isso pode ser conseguido através de diferentes formas simbólicas: emblemas, marcas faciais, mitos de origem, costumes de endogamia ou exogamia, crenças e práticas associadas aos ancestrais, genealogias, cerimoniais específicos, estilos de vida especiais, santuários, noções de pureza e impureza, e muitos outros (COHEN, 1978, p. 40-41).

Segundo Bourdieu (1989), a realidade social é formada por diversas esferas, como campo econômico, artístico, político, e cada campo possui suas regras próprias transmitidas através do processo de socialização e da relação entre os iniciados e os profanos de cada um deles. Estes vão assimilando as regras do campo aos poucos; é uma relação dinâmica em que um influencia o outro. O habitus político exige uma preparação especial; através da socialização o indivíduo adquire os saberes específicos do campo. Nessa esfera é importante a aprendizagem de certa linguagem, uma retórica, que o autor denomina *tribuno*, presente na relação com os profanos; e a do *debater*, linguagem necessária entre os profissionais. A aprendizagem dessas regras faz com que o indivíduo passe de leigo a iniciado (BOURDIEU, 1989).

Os campos sobrepõem-se e os indivíduos participam de diferentes campos. Campos significa campos de força. O capital político é uma forma de capital simbólico baseado na crença e no reconhecimento. O poder simbólico dá-se quando os dominados pensam com as categorias dominantes. Sendo assim, as coisas reproduzem-se de forma a favorecer quem está bem colocado na lógica do campo.

Pode-se entender melhor as lutas no campo político quando Bourdieu fala a respeito dos partidos. Os partidos políticos, para garantirem a mobilização dos cidadãos, devem, primeiramente, elaborar e impor uma representação do mundo social capaz de obter a adesão desses indivíduos e, também, conquistar postos de

poder procurando assegurar um poder sobre seus adeptos. Os que dominam o partido e têm interesses ligados à existência e à persistência desta instituição e com os ganhos específicos que ela proporciona lhes é assegurado, segundo Bourdieu, a possibilidade de imporem seus interesses como legítimos a seus membros.

Segundo o autor, “o campo político é o lugar da concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos” (BOURDIEU, 1989, p.185).

O poder é inerente às relações sociais. Mesmo nas relações domésticas exemplificadas nas relações entre pais e filhos, marido e mulher, manifestam aspectos particulares de poder e por isso participam da ordem política de qualquer sociedade (COHEN, 1978, p. 50). Os grupos políticos estão sempre em confronto com outros grupos buscando a adesão de indivíduos em suas totalidades. O partido político busca, segundo Cohen (1978), penetrar no pensamento, nos sentimentos de seus partidários. Colocam as suas disposições associações, clubes na tentativa de persuadir seus integrantes; envolvê-los integralmente na organização.

Diversos grupos tentam persuadir os indivíduos levando a uma competição intensa entre eles. Cada um, a seu modo, elabora fórmulas prontas para viver, uma solução para os problemas na sociedade, um esquema identitário para seus membros. O autor salienta que grupo organizado burocraticamente, que desempenha suas funções legal e formalmente na estrutura social “não terá a necessidade da totalidade do indivíduo desde que não existam grupos rivais disputando essa mesma totalidade” (COHEN, 1978, p. 79). Já os grupos não formais e ilegais tendem a funcionar em termos de obrigações sobre seus membros envolvendo-os em sua totalidade (COHEN, 1978).

O grêmio estudantil é uma instituição legal e regulada por um estatuto. Entretanto, no dia a dia da agremiação, os jovens elaboram suas próprias regras de respeito e convivência. Os elementos legais e formais são utilizados no período da eleição, quando, em alguns momentos, reportam-se ao estatuto para definir a

comissão eleitoral e outros detalhes, assim como pesquisam na internet regulamentos sobre a comissão para que possam construir seu próprio regimento.

A escola tende a estruturar seu funcionamento com elementos mais conservadores a partir de uma lógica baseada na realidade adulta, o que acarreta tensões entre a forma de organização no grêmio estudantil. Os jovens têm aversão ao mundo burocratizado, relacionado com o mundo adulto que influencia no jeito jovem de organização e de fazer política. As estruturas conservadoras e formais não foram assimiladas em sua totalidade pelos estudantes. Com isso, abrem-se caminhos para os questionamentos desses padrões estruturais e comportamentais.

A atuação no grêmio está ligada a um processo de aprendizagem que vai sendo construído na prática e envolve o exercício do poder dentro da escola. A relação entre os representantes e os representados tem a ver com o significado que estes conferem à agremiação, e é singular porque depende dos acontecimentos, dos problemas vividos na escola (MARTINS, 2010).

Com essas referências e levando em conta as disputas pela direção do grêmio estudantil passo a analisar o processo eleitoral no GEPA.

#### 4.1.2 “Organização, Consciência e Luta”

Uma das iniciativas da organização Luta Marxista para difundir suas ideias foi a de participar das eleições do Grêmio Estudantil da Escola Parobé. Como relatou Stuart, há a necessidade de propagandear a Organização; assim sendo sua participação no grêmio é de cunho político. Tinham, também, a intenção de denunciar a direção anterior, pois, segundo Stuart, era um grêmio fechado em si; nunca abriam as portas para a participação dos estudantes.

Em uma conversa no grêmio, Stuart contou que a Organização originou-se na juventude do PSTU, após serem expulsos do partido. É uma Organização pequena composta por oito integrantes cujas ocupações variam entre estudantes, professor de história, funcionária de uma empresa de *call center*, entre outros. Segundo o conteúdo do site da Organização, a Luta Marxista é um pequeno núcleo político marxista que tem por objetivo contribuir para a reorganização da vanguarda no sentido da construção do partido revolucionário, o qual se constituiria como seção da IV Internacional, a ser também reconstruída.

Definem como sua tarefa principal conquistar e formar sujeitos que unidos possam colocar em prática seus ideais na reconstrução do partido revolucionário. Falam da falência do capitalismo e da necessidade de criar-se este partido buscando construir uma sociedade socialista. Expõem como se poderia construir as condições para a transformação do modo de produção capitalista ao modo de produção socialista. Cito um pequeno trecho, retirado do site da Organização, dos passos a serem percorridos para se chegar à sociedade socialista:

Um primeiro passo seria recuperar a teoria, o programa e o método marxista, abandonado pelo conjunto da esquerda dita socialista, quase sem exceção. Esses princípios estão expressos nas obras de Marx, Engels, Lênin e Trotsky. As suas principais tarefas, táticas e métodos – entre outros documentos – encontram-se nas teses dos quatro primeiros congressos da III Internacional e no Programa de Transição. A teoria marxista, nesta época de reação, tem sido vilipendiada. Devemos resgatá-la e desenvolvê-la para responder às necessidades da nossa época. É preciso analisar as modernas manifestações do imperialismo, as suas tendências e conseqüências. Sem teoria revolucionária não se constrói o partido e não se faz a revolução socialista (<http://www.lutamarxista.org/>- ACESSO 06/07/10).

Como mostra Bourdieu (1989), os pequenos grupos de vanguarda levam ao campo político apenas a lógica característica do campo intelectual; são desprovidos de base, portanto, de constrangimentos e de força. Segundo Bourdieu (1989), esses grupúsculos funcionam como seitas nascidas da cisão e acabam fechadas em si, por isso perdem poder e eficácia. Sua contrapartida é uma qualificação técnica, definidos pelo autor como os puritanos, “capazes de manifestar a sua excelência de virtuosos políticos no seu apego às tradições mais puras e mais radicais (a revolução permanente, a ditadura do proletariado)” (BOURDIEU, 1989, p.184). O partido, ao contrário, se não quiser se ver excluído do jogo político, precisa criar virtudes que assegurem grande adesão dos cidadãos.

Trouxe alguns elementos da Organização para uma compreensão melhor da atuação do grupo, principalmente na forma como Stuart e Tadeu posicionam-se em relação às chapas concorrentes e diante dos problemas da escola e do grêmio. Expus também o conteúdo ideológico da Organização a fim de demonstrar a configuração inicial da chapa Organização, Consciência e Luta. Os dirigentes desta agremiação, desde o final de 2008, são estudantes do ensino técnico cujas participações foram concretizando-se no cotidiano de suas atividades no grêmio. Stuart e Tadeu, além de buscarem uma especialização profissional ao ingressarem na escola, queriam ampliar sua participação política e levar as ideias da organização a um maior número de jovens.

A prioridade no recrutamento dos estudantes para compor a chapa relaciona-se com as imagens que gostariam para o grêmio como politizado, integrado por estudantes com consciência política. Entretanto, para que pudessem formar a chapa com onze integrantes e cumprir as formalidades da inscrição para a eleição, os critérios assumiram outra dimensão, conforme se aproximava o dia da inscrição. A prioridade no recrutamento tomaria como critério a frequência dos estudantes no grêmio. Passou-se a exigir desses jovens uma atitude de filiação e certa lealdade pelo menos no período de eleição. Stuart coordenou o processo de composição da chapa.

Num dia de observação, presenciei este processo. Ele chamou um jovem para conversar na sala do grêmio; o estudante ficou sentado numa cadeira de cabeça baixa enquanto Stuart falava o conteúdo do programa da primeira gestão que seria mantido, incluindo as realizações do ano, como os protestos contra o bar e contra a falta de qualidade do xerox, o fechamento das catracas de entrada etc. Quando questionado sobre o processo de seleção, disse:

Os que mais participam, pra colocar esse pessoal na prova dos nove, se vão chegar junto mesmo, não colocar esses loco ae, meio que pra diferenciar né, são mais... Ah quero fazer parte do grêmio a tá e durante o ano, onde tava? Agora tu quer fazer parte do grêmio, aí é fácil né. Sentar com esse pessoal, sentar com o programa.

Constatei que, devido ao capital acumulado em sua experiência no movimento político, Stuart assume esse papel mais efetivo na seleção dos demais

membros da chapa, bem como na formulação dos panfletos e na discussão das questões políticas e ideológicas com o restante do grupo e com os novos integrantes.

Para compreender melhor os jogos, os interesses e as trocas existentes no grêmio estudantil durante as eleições utilizo como referência Kuschnir (2000) que fez um estudo de cunho etnográfico na análise das relações dos vereadores do Rio de Janeiro com funcionários públicos, jornalistas, eleitores e parlamentares. Kuschnir (2000) analisa o lançamento das candidaturas de vereadores que buscam a reeleição, assim como o desenvolvimento e o resultado de suas campanhas, a fim de compreender características importantes das ideias e estratégias políticas dos vereadores cariocas.

A candidatura ideal é retratada pelos entrevistados como fruto de uma vontade coletiva. Como um movimento involuntário, o candidato enfrenta a campanha como um dever, deixando de lado sua vida particular para se dedicar ao desejo coletivo. A candidatura é assumida no último instante; atitude tomada por não ver outra saída.

Segundo a autora, muitos vereadores relatam histórias parecidas. Um deles conta que devido a sua experiência na assessoria de políticos, no atendimento aos eleitores, acabou naturalmente “escolhido” pela comunidade como seu candidato legítimo. Outro vereador entrevistado por Kuschnir (2000) relata que, devido a sua experiência no movimento comunitário, foi levado por uma vontade maior a se candidatar a vereança.

Construir uma vida profissional bem sucedida reforça a ideia de uma candidatura amparada em uma vontade coletiva. Outro ponto importante é a desistência de suas profissões para se dedicar à vida pública, abdicar da vida pessoal; dedicar muitas horas ao trabalho faz parte do sacrifício. Ressaltam a dificuldade de conciliar trabalho e a vida política (KUSCHNIR, 2000).

Na campanha procuram-se consolidar as bases eleitorais; portanto, os candidatos precisam diferenciar-se de seus concorrentes. De acordo com o marketing tradicional, “a propaganda deve humanizar o produto” (KUSCHNIR, 2000,

p.19), já que o objetivo daqueles que se lançam na disputa pela vaga é parecido. Os candidatos produzem materiais graficamente semelhantes, santinhos, reproduções das cédulas de votação, folhetos, jornais também são distribuídos. Esses materiais são produzidos com entrevistas impressas, trechos de discursos, fotografias, entre outros, sempre com o nome e o número do candidato impresso no material.

A re-eleição é mais provável do que a eleição daqueles candidatos estreantes. Os dados que a autora apresenta em seu estudo demonstram que dos 40 candidatos que tentaram a re-eleição, 45% obtiveram êxito na eleição de 1992, contra 1,4% dos iniciantes (KUSCHNIR, 2000). No caso do GEPA, diferente do que Kuschnir expõe em seu trabalho, os estudantes distanciam-se das atividades do grêmio em consequência da dificuldade em conciliar a vida política com a vida profissional.

Durante a campanha à re-eleição, Stuart defendeu o programa de sua chapa elencando os feitos da primeira gestão e rebateu seus oponentes acusando-os de oportunistas e vazios de programa e propostas para os estudantes e a escola. Nessa experiência como gestores foram desenvolvendo estratégias para participar desse jogo. Produziram panfletos, jornais, páginas eletrônicas para divulgar suas ideias e projetos. Um ponto sempre valorizado durante a campanha foi o de passar a imagem de um grêmio democrático, aberto aos estudantes. Segundo eles, a direção anterior mantinha o grêmio sempre fechado. Na primeira candidatura da chapa foi o que mais criticaram em seus adversários e usaram isso durante a campanha para convencer seus eleitores.

Nesse período, ouvi um dos integrantes do GEPA dizer que “se eles não apoiarem não vai ter mais representante de turma, não vai ter mais protesto na frente da escola, não vai mais ter violãozinho, não vai...”. Tendo como referência essa fala, pode-se salientar uma dimensão importante no campo político: a troca.

Bezerra (1999) enfatiza a dimensão das trocas em sua análise sobre o clientelismo político. A discussão que Bezerra (1999) desenvolve em seu estudo tem como norteador a perspectiva de Marcel Mauss. Afirma que o princípio da dádiva está presente nas relações humanas. Princípio esse definido na obrigação de dar,

receber e retribuir. Por exemplo, ao darmos um presente criamos um crédito com a pessoa, àquele que recebe ficaria moralmente em dívida; mesmo que o ato de dar pareça altruísta, é um ato ao mesmo tempo comprometido e desinteressado.

Bezerra (1999) demonstra, em seu estudo, que os contatos estabelecidos entre parlamentares e prefeitos criam uma relação de dependência pessoal, porque os parlamentares têm interesse nas solicitações de seus eleitores e acreditam que lhes cabe atendê-las. Para Bezerra (1999), essas relações só podem ser compreendidas a partir de um acompanhamento do cotidiano dos atores envolvidos e da apreensão do significado que os informantes dão às suas relações.

Em acordo com essa perspectiva, Kuschnir (2000) salienta que o comportamento eleitoral deve ser compreendido em termos culturais. Portanto, o voto faz parte dessa teia de significados na qual vivem os eleitores regidos por regras dentro de um repertório de possibilidades. As trocas de bens durante a campanha não podem ser vistas como práticas meramente econômicas, pois nesse cenário se apela para amizade, apoio, confiança, elementos mais complexos que os exigidos por uma relação de tipo comercial.

O elemento decisivo para uma campanha bem sucedida é a identificação do eleitor com o candidato. Perceber que o candidato compreende sua visão de mundo e os seus valores, mesmo não fazendo parte de seu grupo de relações mais imediatas, eles se comunicam e criam essas afinidades simbólicas importantes para a condição de pertencimento (KUSCHNIR, 2000).

No grêmio estudantil os apelos aos vínculos de amizade são muito comuns; são colegas de turma, compartilham alguns gostos, interesses, valores e vão criando afinidades ao longo da convivência. Durante uma conversa com Stuart na sala do grêmio, comentávamos sobre a participação dos estudantes da escola no período de votação. Ele relatou que na contagem dos votos, em 2008, percebeu que sua turma não tinha votado. Esse controle é possível porque durante a votação eles ficam com a lista de presença de todas as turmas. Segundo Stuart, ao se dar conta do fato, correu até a sala de aula e exigiu apoio de seus colegas.

Os estudantes usufruem do grêmio estudantil como espaço de trocar ideias e material de aula, para fazer trabalhos, acessar à internet, ouvir música, tocar violão, pegar a bola para jogar no pátio; esses são os atrativos mais ressaltados pela direção e pontos elencados como elementos de troca durante a campanha. Essas atividades desenvolvidas no grêmio e as relações estabelecidas nesse espaço criam vínculos pessoais; é construído um compromisso entre a direção e os frequentadores do grêmio, tanto que alguns frequentadores acabaram tornando-se voluntários e colaboraram na realização de suas atividades cotidianas como a feitura de carteirinha escolar, a organização de festas, o atendimento aos estudantes.

#### 4.1.3 Eleições 2009: “ser situação é estranho” (Tadeu)

Em 2009, Paola, uma das integrantes da direção do grêmio na gestão 2007-2008, lançou um panfleto fazendo oposição ao GEPA. Stuart referiu-se a essa chapa como a “oposição fantasma”, porque, segundo ele, não tinham programa definido apenas o lançamento de um panfleto:

*Oposição GEPA, Grêmio Estudantil é Para Lutar!*

O GEPA deve voltar para as ruas! (...) mais do que nunca a juventude tem que estar organizada para ir às ruas organizar os ataques de Lula e Yeda. Nós da oposição acreditamos que o grêmio estudantil serve principalmente para isso, conscientizar os estudantes e organizar para lutarem nas ruas pelos seus direitos. Também é importante que o grêmio estudantil faça o TRI com preço barato, organize campeonatos, festas, passeios proporcionando lazer aos estudantes, mas se não tiver nas lutas com o tempo nem isso será mais possível fazer.

Esse panfleto gerou desconforto entre os dirigentes e voluntários do grêmio, pois diziam que ela não poderia ser contra o GEPA, e sim à atual direção. No entanto, durante o dia da inscrição das chapas, a candidatura não se confirmou. Alguns meses antes do período das eleições, conversei com Paola e ela me contou sobre o processo de eleição do GEPA do qual participou:

a gente fez uma coisa meio que anormal, a gente fez em dois dias, mas pela questão que o pessoal argumentou tem técnico, três mil estudantes, vamos fazer em dois dias que é mais democrático, a gente até acabou fazendo foi bem mais cansativo. Uma anormalidade né. Eram três que ficaram, que é o mais difícil de conseguir, foi bom porque essas gurias que participaram com a gente, elas participavam dos atos, das mobilizações tinham uma certa participação eram mais sérias assim, acho que isso foi bem importante, tanto que uma delas que era presidente da mesa, até hoje participa né, acho que foi bom, apesar da chapa atual dizer que a gente não foi tão democrático assim, não tem como ser mais democrático em dois dias e garantir tudo isso entendi, ah e detalhe a gente fez a contagem dos votos nos dois dias. Que era uma coisa que cansou um monte nos dois dias a gente saiu daqui quase meia-noite o guarda querendo fechar e nós ali.

Normalmente, a eleição acontece em um dia, por isso Paola ressaltou a anormalidade do processo. Essa estrutura foi mantida na eleição de 2009; assim, os estudantes consideram mais democrática. A composição da comissão eleitoral é sempre complicada, pois os estudantes acham cansativo e chato ficar dois dias acompanhando a votação. As chapas procuram formar a comissão com jovens comprometidos que encarem com seriedade esse momento.

Paola continuou fazendo uma autorreflexão a partir das realizações de sua chapa e também apontou os equívocos da atual direção:

O grêmio estudantil na gestão que eu participei tinha problemas, porque tem problemas, porque as pessoas às vezes desistem, os estudantes têm problemas de desorganização. Geralmente quem organiza são as pessoas que estão há mais tempo na organização, que participam né de corrente política, são mais sérias, mas têm problemas. Acho que o grêmio atual também tem, acho que é normal, normal né de todos os grêmios estudantis até porque a gente é juventude. Mas foi um grêmio que, ao meu ver, em termos de luta, de mobilização foi um grêmio importante. Hoje acho que o grêmio que tem, acho que é bom, abre todo o dia, isso é bem importante. Uma das principais polêmicas que a gente tem com esse grêmio que fala muita coisa, reúne os estudantes para muita coisa, mas na prática a gente não vê muito, entendi. Numa das reuniões que teve, tinha umas 17 estudantes, líder e amigo de líder para discutir o problema do xerox e do bar. As pessoas querendo, vamos fazer um correntaço e tal por mais que o resto da escola não esteja integrado nessa luta, vamos fazer essa iniciativa e daí conseguir mais gente. Isso que eu achei e na época até questioneei o grêmio, “ah não primeiro tem que pensar conversar mais, discutir mais aprofundar mais”. Eu acho que é importante conversar, é fundamental, politizar, é, mas se a gente não botar na prática não muda entendi. Então eu acho que naquele momento, um exemplo que eu dou, a gente devia pegar aqueles 17 estudantes que tão ali, partiu a iniciativa de fazer um correntaço, um panfleto e aí não teve. Tem a discussão do xerox, a discussão do bar, mas não foi feito nenhum ato, só faz um jornal, mas não teve uma iniciativa maior de empolgação, porque o estudante por mais que a gente queira politizar, conversar, mas se não partir de um grupo de estudantes com iniciativa de começar as coisas o resto não vai se mobilizar né. Essas são as críticas que eu faço. Acho que o grêmio é bom, tem coisas muito boas, mas

tem coisas que eu acho que poderia melhorar e acho que teria que fazer diferente. Mas acho que esta gestão atual, acho que politicamente falta isso.

A garota argumentou que, por ser uma organização composta por jovens, problemas de gestão acontecem e são decorrentes também da inconstância das participações. Isso é comum no grêmio estudantil, pois muitos param de participar por conta dos estudos, porque saem da escola, porque perdem o interesse, dentre outros motivos. Ela considera que estudantes mais sérios, comprometidos com uma causa comum, vinculados a uma ideologia, são mais preparados para organizar o grêmio estudantil e mobilizar, politizar mais jovens para a luta em busca de educação pública de qualidade. Penso que as críticas da jovem, em relação à atual direção, seriam diferentes, caso tivesse acompanhado o protesto organizado pela chapa Organização, Consciência e Luta, descrito em capítulo anterior.

Paola declarou que estava montando uma chapa, mas, devido a algumas ocupações fora da escola, seu engajamento não é pleno:

A gente está até montando chapa sim, mas não estamos dando tanto peso quanto deu em outras épocas. Até pelo fato de que nesse semestre passado eu tranquei minha matrícula, porque eu fiz um outro curso. Fiz um curso Prominp da Petrobrás. Esse curso era um mês e meio, 40 dias, só que era de manhã, tarde e noite, e nem era aqui, era perto de São Leopoldo. Então nem tinha como voltar para Porto Alegre e já ficava direto né, até participava, vinha, fui ao Congresso, vim nessas atividades. Continuei participando, mas não tanto como era antes, voltei a frequentar a escola, tive de trancar por causa desses 40 dias de curso.

A organização de uma chapa para concorrer às eleições requer uma preparação, um tempo para organizar a campanha. Segundo a fala de Paola, ela não está conseguindo se dedicar a isso. Constatei, ao longo da pesquisa, que a participação desses jovens é inconstante: num período estão mais engajados, em outro, nem tanto.

Os estudantes ficaram surpresos tanto pela desistência de uma chapa quanto pela inscrição da chapa 2. Tadeu, no dia da eleição, confessa que é mais fácil ser oposição. Acha incomodo ser alvo das principais críticas. Já que haviam assumido a direção do grêmio há um ano, os opositores tinham esse tempo de gestão para criticar. Quando conversávamos em frente à sala do grêmio disse: “ser situação é estranho, complicado. É mais fácil ser oposição”. Nesse sentido, a situação é mais

complicada porque, até então, estavam acostumados a criticar, e agora passam a ser alvo das críticas.

O julgamento dos membros da direção do grêmio sobre a chapa 2, motivados pelo panfleto e pela decisão em cima da hora de concorrer ao grêmio, versa sobre o oportunismo de seus integrantes, que durante o ano não participaram de nenhuma atividade. Acusavam seus opositores de pertencer a uma instituição que é combatida pelos membros da direção do GEPA, a UMESPA (União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Porto Alegre) – local de venda de cartões escolares.

Segundo a direção do grêmio, fazem alianças com partidos políticos. Pude constatar que suas especulações em torno da chapa 2 faziam sentido. Alguns dias antes das eleições 2010, recebi um e-mail de uma das integrantes dessa chapa, cujo assunto era *indicação*, contendo indicações para deputado federal e estadual. Os dois candidatos de alguma forma estavam ligados ao tema da juventude, através de seus programas de campanha.

A presidente da chapa 2, alguns dias antes da eleição, foi ao grêmio expor que gostaria de participar das atividades ali desenvolvidas, mas na condição de presidente. Defendeu seu pedido baseada na experiência que disse ter em outros grêmios estudantis e no movimento estudantil. Stuart, com quem ela conversou, passou o assunto ao restante do grupo. Foi consenso entre eles a não aceitação do pedido.

A atual direção teceu comentários pejorativos às propostas da “oposição”. Defendiam que as propostas da chapa 2 eram fantasiosas, principalmente a que versava sobre um cyber no grêmio. Havia outras propostas como: gincana cultural, rei e rainha, campeonatos, criação de sala de jogos, incentivo a seleções esportivas, parcerias com o poder público, dentre outras.

No dia da eleição os integrantes da chapa 2 distribuíram adesivos com o número de sua chapa aos simpatizantes para que colassem na roupa. Stuart, ironicamente, pegou uma folha de ofício, escreveu o número de sua chapa e colocou no bolso superior de sua camisa de forma que o número ficasse visível. O panfleto

que distribuíram durante a campanha, além dessas propostas, continha algumas frases como as seguintes: *chapa 2, vote oposição; é melhor lutar a favor das coisas do que contra tudo; em primeiro lugar parar de brigar e construir um Parobé melhor; lutar primeiro pelo direito dos estudantes do Parobé e não só pelos interesses externos; G.E.P.A. com a cara da juventude de Porto Alegre.*

A eleição torna-se uma disputa entre aqueles que de alguma forma aceitam o “sistema”, ou pelo menos aceitam negociar com ele, e aqueles que o rejeitam, no esforço de pensar alternativas às situações vivenciadas. A chapa 2 recrimina a rebeldia da direção do GEPA, relacionando a si uma imagem mais pacificadora, mais alinhada com as normas e as estruturas escolares e governamentais. Com isso, demarcam fronteiras colocando-se em lados opostos nesta disputa.

A chapa 2, também defende eficácia na administração, a não contestação, o alinhamento com o governo. Já a chapa da situação ressalta, em seus discursos e panfletos, os ideais de justiça e transformação social, o potencial contestador da juventude. As críticas presentes nas falas dos jovens das chapas envolvidas na disputa ressaltavam os aspectos que gostariam de verem ligados às suas chapas. A chapa 2 observou que os atuais dirigentes do GEPA só sabem contestar e reclamar. Os integrantes do GEPA criticaram as propostas da chapa 2, vista por eles como futilidades, propostas de campanha para ganhar voto. Elas seriam tão fora de propósito que nem a escola, e muito menos o grêmio teria como viabilizá-las.

Devido à vinculação de alguns integrantes da chapa 2 com partidos políticos, colocam em dúvida a seriedade e o comprometimento deles com os estudantes e a comunidade escolar. Questionam a ética desses jovens por apresentarem a filiação partidária e atribuem a eles as imagens que associam aos partidos como sendo formados por oportunistas, aproveitadores, corruptos. Acredito que os estudantes do Parobé, que frequentam o grêmio, por desconhecerem os integrantes da chapa 2, não presenciarem sua participação política na escola, e por estes apresentarem propostas distantes da realidade escolar, optaram pela continuidade da chapa 1: a Organização, Consciência e Luta.

No dia da eleição para o grêmio estudantil, 18 de novembro de 2009, o total de votantes foi de 386; destes, 265 votos foram para chapa 1, 117 para chapa 2 e 4 votos nulos. Nesse momento, a direção do GEPA voltou seus olhares para si, refletindo sobre as realizações do passado e planejando novos projetos. No momento em que voltam seus olhares a si mesmos o *outro* torna-se uma referência.

No início da campanha direcionaram suas estratégias de combate a uma chapa que não se concretizou. Alguns dias antes das eleições tiveram de redirecioná-las. No primeiro caso, as acusações eram mais diretas e concretas porque seus argumentos estavam relacionados à gestão na qual Paola participou. No segundo, as acusações eram mais abstratas em torno de possíveis alianças partidárias, de promessas de campanha.

As identidades são construídas através de oposições. Num determinado momento certas características são salientadas marcando aqueles que pertencem ao grupo como forma de distinguir os *outros*. Em disputas políticas cada grupo procura apontar as suspeitas nas condutas e nas posições políticas de seus opositores. É um jogo de acusações constantes.

Os discursos dos membros do GEPA são variados, mas há uma marca que eles reivindicam para si: a “consciência política”. Este o traço é ressaltado por eles que os qualifica e diferencia. Eles se pensam como os melhores representantes dos estudantes do Parobé, porque se consideram os “mais conscientes”; um grupo que possui propostas para os estudantes e para a escola são democráticos porque “dão voz aos estudantes”.

Stuart comentou sobre o processo de eleição para o grêmio em outras escolas. Citou como exemplo a escola Júlio de Castilhos. Disse que lá ocorre disputa partidária e que não estranharia se no Parobé ocorresse também porque, segundo ele, se acontecesse de um partido político entrar na campanha de alguma chapa de oposição eles estariam fora da disputa: “vem o caramba e derrama um caminhão de dinheiro aí na frente, perdemos, a gente cada um com dez pila, tira dinheiro do bolso pra fazer os panfletos. Aí vem o PSTU mete adesivo, mete o que for, aí perdemos”.

Imaginando essa situação, colocaram-se como perdedores diante desse interlocutor mais “poderoso”, no sentido de ter mais dinheiro, apoio político; nesse aspecto, percebem-se negativamente. Entretanto, rebateram as promessas da oposição afirmando que se valeram de meios menos nobres na tentativa de ganhar a eleição. Retomo um comentário feito no orkut para ilustrar essa situação:

Foi uma disputa entre a manutenção de uma gestão combativa, classista e independente dos governos contra uma “tendência” oportunista que não visava a organizar os estudantes e trabalhadores do Parobé e sim para anestesiá-los, iludi-los com salas de jogos, “cybers” e vendendo a consciência dos estudantes para a primeira empresa que aparecesse, atrelando o GEPA ao governo através da UMESPA e a um candidato as próximas eleições, que iria utilizar o nome dos estudantes do Parobé para se promover.

Em suma o que estava em jogo eram os interesses históricos dos estudantes e trabalhadores versus os interesses dos empresários.

Felizmente os estudantes do Parobé já estavam “precavidos” destes métodos e “promessas” e souberam distinguir entre os seus interesses e os de seus inimigos. No fim prevaleceram as propostas de uma gestão combativa, classista e independente para avançarmos na organização, consciência e luta.

Após a eleição, ressaltaram que as propostas da chapa oponente eram apenas promessas as quais os estudantes já estão cansados, por isso buscavam algo mais concreto; algo que a chapa Organização, Consciência e Luta já vem proporcionando aos estudantes da escola e continuaria, de forma combativa, propiciando a seus pares ao longo do ano com sua re-eleição.

Paola defende que o grêmio estudantil deve ser uma agremiação independente de partidos políticos, pois esse envolvimento influenciaria negativamente os estudantes:

Tem entidades estudantis que é a UNE, UBES, a UMESPA, e tem agora a ANEL, os grêmios que são da UNE, da UBES e da UMESPA também essas entidades quando a gente passa elas são tão fraudulentas que elas chegam a dá dinheiro pros estudantes, assim dois mil. Tem um grêmio estudantil que não lembro o nome dele agora, ele fica ao lado Cônego que é o grêmio que eu vou lá e ajudo o pessoal, na zona sul, na Vila Cai Cai, e esse grêmio estudantil foi construído pela UMESPA e não tinha grêmio estudantil só que apareceu dois mil reais na conta do grêmio e aí os estudantes ficaram muito felizes que bá a UMESPA ajudou muito porque é um colégio só de primeiro grau e ai esses estudantes foram pro Cônego, que é o colégio onde hoje eu participo, ai a gente fez toda uma discussão dizendo, apareceu dois mil reais da UMESPA e era uma época de eleição, o partido do Fogaça faz parte da UMESPA né, então quando chegou na época da eleição eles estavam lá pedindo voto. Outro caso muito chocante que aconteceu foi na

vila jardim tem um colégio lá não lembro o nome que já faz uma tempo, a UBES tava indo lá, uma guria ela estava indo lá ajudando a organizar o grêmio daí ajudou, levou, olha a ajuda dela né, levou os estudantes na véspera das eleições do ano passado pra prefeitura né, levou os estudantes pra fazer o título de eleitor, levaram pra fazer um congresso que era só oficina e música não tinha nada de politizado. Deu casualidade que eu estava passando nas escolas, na época eu morei um tempo ali e aí estava ela, e eu fazendo o grêmio, só que eu estava construindo o grêmio e ela estava fazendo essas atividades. Uma semana depois a guria apareceu como vereadora pedindo voto né, aí foi muito ruim porque ela queimou muito o filme dela e sumiu. E eu continuei indo lá, um ano inteiro depois do grêmio as pessoas saíram e tal, ninguém assim consolidou mais.

Um ponto importante a ser analisado é a falta de credibilidade que os partidos políticos possuem na visão desses jovens. A falta de confiança que depositam em instituições tradicionais diz respeito à forma predominante de se fazer política no Brasil, que não reconheceria os jovens em sua singularidade, tampouco como interlocutores, criando indiferenças e aversões em muitos deles, atribuindo ao exercício do voto o único modo de influenciar na política (VENTURA, ABRAMO, 2000).

Levando em consideração as limitações do modelo liberal da democracia no país, expressas em termos de espaços de participação, formulação e controle das políticas públicas, agravados pela impunidade, a falta de transparência com a administração dos bens públicos, dentro deste quadro, o desinteresse dos jovens pela política não gera surpresa (VENTURA, ABRAMO, 2000).

Contudo, o partido político é uma instituição importante na vida política de um país. Segundo Motta (1999), uma das contribuições positivas que o partido traz é seu elemento politizador capaz de elaborar e encaminhar propostas em torno dos problemas da população em geral, também colabora na divulgação de projetos políticos (MOTTA, 1999).

Entretanto, as imagens que a maior parte da população, incluindo os jovens, tem dos partidos políticos e de seus integrantes colaboram para a desconfiança nessas instituições. As organizações políticas têm um forte traço elitista e o interesse em mobilizar as massas populares geralmente está ligado a manobras demagógicas e eleitoreiras. Como um dos interesses principais do partido político é a ambição pelo poder, suas atividades acabam girando em torno dos períodos eleitorais dando

pouca atenção às atividades que levariam a incentivar a participação e atuação da população junto aos partidos (MOTTA, 1999).

As características da história política brasileira e dos problemas sócio-econômicos do país, acrescidas dos impactos decorrentes do desenvolvimento das novas tecnologias, influenciam o comportamento político dos jovens.

As reflexões sobre a formação de capital social são importantes para os estudos sobre o comportamento e a participação política de jovens em diferentes esferas (NAZZARI, 2006; SILVEIRA, 2006; BAQUERO, HAMMES, 2006). Baquero e Hammes (2006) defendem que a participação em grupos juvenis contribui para o fortalecimento de capacidades individuais e coletivas para a construção de capital social. A convivência com o grupo estudado indica que a preocupação com questões mais coletivas, a responsabilidade, a cooperação foram sendo acentuadas, a seu modo em cada um dos integrantes do GEPA, ao longo de suas trajetórias de engajamento nesse espaço. Reconhecem a dificuldade de envolver os demais estudantes nas atividades, conforme podemos constatar em depoimento abaixo sobre a participação dos jovens na eleição de 2008:

780 votos no total. Pouco né, são três mil e quinhentos alunos, bem pouco. Deu uma diferença de três, quatro votos da urna e dos que tinha contado. A gente saiu daqui onze horas da noite contando os votos. Depois começamos a contar mais rápido. Ia ver no técnico um ou dois, um pessoal pingado lá.

Sobre o processo de participação dos estudantes durante a formação da chapa, Stuart disse:

da chapa nós quatro e mais essa gurizada da volta aí, a nossa tarefa é aproximar esse pessoal da volta que tava aí colaborando, contribuindo e tal. Já metemos uma pressão nos guris semana passada, senão o grêmio vai fechar de novo, não vai ter violãozinho, não vai ter conselho de representante de turma, não vai ter computadorzinho, não vai ter ninguém lá na frente pra mete a boca no megafone lá, e mete o pau nas catracas.

Para Stuart, falar das atividades realizadas ao longo do ano, o que os estudantes mais usufruem no grêmio geraria uma motivação em seus pares despertando a vontade de participar. Contudo, para que a participação seja ampliada é preciso que se acredite na eficácia da sua participação. Vejamos

algumas das falas dos jovens participantes da agremiação sobre o que é o grêmio estudantil. Para Leandro:

O grêmio estudantil é um instrumento que os alunos têm pra fazer suas vozes serem ouvidas. É algo que vai unir os estudantes, desde o estudante dizer que o bar está ruim, que o xerox está um lixo e tal. Eles vêm e falam com a gente, a gente tenta abrir pra discussão e ao mesmo tempo divulgar a discussão e atrair mais estudantes, esse é o papel. É isso ou se o grêmio não fizer vai ser muito difícil um grupo de alunos fazer. O grêmio representa mais, o grêmio estudantil representa mais que só um grupinho de alunos. É a representatividade mesmo, o grêmio representa os alunos do Parobé, o cara tem uma idéia assim, não sabe o que fazer ... se junta mais gente com a mesma idéia, dá muito mais certo que um só com uma idéia.

Márcio argumenta que:

na minha visão o grêmio estudantil é o primeiro pra dar uma consciência política pro estudante. Porque uma coisa assim que eu estou conhecendo muito aqui, é que a gente não tenha a influência de partido nem de outros movimentos estudantis pra desse jeito não influenciar os alunos. Eu não gostaria que um aluno viesse aqui no grêmio estudantil e saísse vestindo uma camiseta do PSOL ou do PSTU. A gente gostaria muito que ele viesse aqui expusesse as idéias dele a respeito de política e se ele não tivesse, que ele nos escutasse a respeito das idéias que a gente tem de política. Pra mim é isso, é uma forma de representar os alunos e de dar um inicio, um primeiro passo numa consciência política pra eles.

Paola defende:

acho que pela questão que o grêmio estudantil, ao meu ver, o principal papel político é que o grêmio estudantil tem dentro da escola. É o papel político, a gente ter uma organização que represente os estudantes, que lute pelos direitos dos estudantes. Acho que desde as coisas mais simples, reivindicar o direito de baixar o xerox, como na época que eu fui do grêmio teve, assim como reivindicar que o bar tenha um preço acessível com a realidade dos estudantes. A gente acha que é importante não só essas questões internas dentro da escola, mas reivindicar outras coisas maiores né, como por exemplo o governo ataca a educação, corta não sei quantos milhões de investimento na educação, tem que se mobilizar pra lutar a favor disso. Quando faz a enturmação como fez no Parobé e em todas as escolas do estado. Até mesmo as questões da universidade como teve o REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) agora teve a reforma universitária, a gente acha essas questões como afetam a educação como um todo. Acho que é importante a gente também mobilizar os estudantes porque afinal de contas quando a gente sair daqui possivelmente muitos de nós pode estar ingressando na universidade e muitos de nós vamos ingressar no mercado de trabalho, e se não tivermos uma boa qualificação... Agora se a gente não lutar por isso não vamos ter condições de competir no mercado de trabalho que tem hoje que exige cada vez mais da gente. Eu acho que o grêmio estudantil tem como principal

papel o papel político de organizar os estudantes não só nas questões específicas da escola, mas também nas questões dos ataques do governo Lula e Yeda como um todo, e é lógico também reivindicar lazer dentro da escola, organizar campeonatos passeios é importante pra garantir nosso lazer. Acho que o principal papel é isso do grêmio estudantil organizar os estudantes.

Constata-se a partir das falas desses jovens a importância que atribuem ao grupo; reconhecem que a organização dos estudantes é mais eficaz que apenas indivíduos agindo isoladamente. As discussões em torno de problemas da escola são importantes para a socialização política desses jovens. Sabe-se que é baixo o número de estudantes que participam de atividades e discussões no grêmio estudantil, tanto que aparece com frequência nos discursos dos membros da direção do GEPA o problema da mobilização de seus pares em atividades e discussões no grêmio.

Os jovens membros do GEPA buscam incentivar os demais estudantes da escola à participação em debates e eventos desenvolvidos por eles. Com estas iniciativas os estudantes aprendem a lógica de funcionamento da escola e elaboram estratégias para dinamizar o convívio com a administração da escola. A participação torna-se um espaço de aprendizagem para além dos conteúdos escolares. Os valores desenvolvidos nesses espaços democráticos na escola influenciam em suas vidas política e comunitária. Conforme demonstra Martins e Dayrell:

Há que se considerar que o grêmio estudantil não é a expressão cabal do movimento estudantil, mas é uma *área de movimento*, uma rede que partilha a cultura desse movimento e sua identidade coletiva. Os movimentos sociais possibilitam a construção de uma identidade no seio da coletividade, sendo que essa identidade não é única, é parte de uma rica pluralidade de instâncias de ação, convívio e relação. A escola é um local propício para a construção identitária e reflete uma ação *sui generis* de seus atores, a autonomia que é um objetivo dos movimentos sociais nas sociedades complexas demonstra as mudanças nas formas de representatividade e deixa claro que na atualidade as organizações políticas tradicionais já não são paradigmas a serem seguidos (MARTINS; DAYRELL, 2009, p. 11).

De acordo com os autores, acredito que a participação no grêmio estudantil contribui para o processo formativo dos estudantes, possibilitando uma visão mais ampla dos problemas da escola e da sociedade como um todo (MARTINS, DAYRELL, 2009). Conforme Martins (2010), os jovens interessam-se por questões

participativas e estão propensos a essas atividades. As experiências no grêmio trazem implicações para a formação desses jovens como sujeitos, criando assim possibilidades “de externar sua opinião, de defender seu ponto de vista, de contribuir com seu processo educacional” (MARTINS, 2010, p.17).

Todavia, a escola não incentiva os estudantes a levarem adiante as experiências participativas. O grêmio estudantil acaba configurando-se como um local de passagem no qual os jovens empenham-se para fazer com que as coisas andem, mesmo sem a compreensão dos adultos.

#### 4.1.4 Participação política e trabalho

Acompanhei a trajetória do grupo durante as duas gestões da chapa Organização, Consciência e Luta. Em 2009, o funcionamento do grêmio foi coordenado por Stuart, Márcio, Leandro, que estiveram mais ativos. Tadeu, apesar de ser o presidente, não teve um papel tão ativo. Segundo ele, muitas vezes não tinha dinheiro para a passagem, então não comparecia a algumas reuniões.

Em 2010, o grupo dispersou-se. Leandro saiu do grêmio porque começou a trabalhar, e também por não frequentar mais as aulas, pois fazia estágio obrigatório na empresa onde trabalhava. Tadeu, no início de 2010, ainda tentou abrir o grêmio à noite, mas em seguida entregou a chave. Márcio abria o grêmio no horário da manhã e início da tarde durante o primeiro semestre de 2010.

No segundo semestre, a situação agravou-se. Alguns dias os voluntários abriram o grêmio, mas fatos ocorridos (o sumiço da chave, a bagunça, namoro dentro do grêmio), ao longo desse período, fizeram com que Stuart decidisse pegar a chave e manter o grêmio fechado.

Apesar da crise iniciada com a saída de alguns membros do grupo, Stuart decidiu participar de uma nova eleição. Com a saída dos integrantes, a organização

do grêmio assumiu outra dinâmica para manter as portas abertas. Durante o ano o grêmio esteve alguns meses fechado; um período ou outro os voluntários abriam o GEPA como relatou Fábio em uma conversa. Contou que estava abrindo o grêmio, porque os estudantes do Parobé cobravam e, então, pediu a chave a Stuart. Ele comentou sobre o interesse de Stuart em tê-lo como vice-presidente da atual gestão, mas Fábio não aceitou argumentando que não teria tempo por causa das aulas, “mas no fim to aqui”. Segundo Fábio:

Eu faço isso aí, abro o grêmio e ajudo a organizar, atender aos estudantes. Mas já estou meio cansado, porque está muito parado, não estamos organizando nada, o Stuart disse que íamos nos reunir, precisa que ele dê uma orientação. Esse ano não teve torneio, nenhuma festa, não estamos mais fazendo as carteirinhas. Tivemos problemas com umas carteirinhas, alguns pais foram até a UMESPA reclamar, tivemos problema com a empresa que faz a entrega, os pais acharam perigoso, porque poderiam pegar os documentos deles pra falsificar, tivemos que devolver o dinheiro da carteirinha a um pai que desistiu pela demora, e foi até a UMESPA para fazer o cartão do filho.

Rogério, que ouvia nossa conversa, acrescentou que eles pensam em alguns projetos, mas falta a presença de Stuart que daria a palavra final, apesar de ser muito “Che Guevara”. Conforme a fala de Rogério, os estudantes atribuem a ele um papel de liderança, aquela pessoa que organiza, motiva, marca as reuniões. Eles consideram que já conseguiram atenuar a posição radical do presidente.

Rogério disse que Stuart estava mais acessível ao debate e atribui essa mudança ao convívio com ele e com os demais participantes. Encontrei Rogério no pátio da escola alguns meses depois e conversamos em frente à portaria, enquanto um dos funcionários acompanhava nossa conversa. Rogério falou do desleixo do “grêmio”; disse que o espaço está abandonado tanto na parte da limpeza e manutenção quanto em termos políticos e organizativos. Contou de sua participação no GEPA:

no Parobé participei dois anos, primeiro com a Paola, depois com o Stuart. No protesto do ensino médio só os alunos participaram, o grêmio não, eles pararam a avenida em frente à escola... a direção da escola troca de dois em dois anos. Participei do Congresso no Rio, e reclamei com o Stuart que deveria se reunir para discutir o que foi decidido lá. Ele falou que ia fazer e até hoje nada. Não concordo muito com a atividade de festa, é importante, ultimamente só se preocupam com o concurso do rei/rainha da escola, e se “nós temos dinheiro no caixa?”. Jovem adora festa, tem essa euforia, deveria se preocupar com a pintura da escola, criar projeto, ter atitude de gente grande.

Rogério relatou que começou a participar de grêmio estudantil desde o ensino médio, quando “tinha cabeça” porque antes não “tinha noção” da importância de participar, de ajudar a comunidade. O estudante demonstra como foi amadurecendo sua visão e o sentido que atribui à participação e ao papel do grêmio estudantil, configurando-se em um espaço para o jovem pensar e discutir questões políticas que envolvam os estudantes com os problemas da escola e da comunidade ao redor.

As críticas de Rogério ao estado atual da agremiação estão ligadas, principalmente, a esse último ano de gestão da Organização, Consciência e Luta. Ressaltou a preocupação exacerbada com o dinheiro que conseguiram guardar a partir da realização de festas e cartões escolares. O funcionário da escola que ouviu nossa conversa interferiu: “o presidente se evadiu... só pegaram dinheiro, muito documento sumiu”. Vinculo essas críticas aos problemas com a feitura dos cartões escolares. Os dirigentes do GEPA colocavam a culpa de tal fato na empresa terceirizada que faz a entrega dos documentos à União Municipal dos Estudantes de Porto Alegre (UMESPA).

Durante a re-eleição, as tentativas da direção em motivar mais estudantes comprometidos para contribuir nas atividades, ajudar a pensar os problemas e as alternativas para a melhoria da escola e da comunidade não foram promissoras. Esses impedimentos vão criando sentimentos de desânimo nos estudantes. Os dirigentes do grêmio, por terem de cuidar de suas vidas profissionais, dedicavam menos tempo à agremiação até que chegou o dia em que não conseguiram mais conciliar as atividades.

A direção, principalmente, no período da re-eleição ficou mal vista por parte dos estudantes da escola. Eles transferem a imagem que depositam nos políticos em geral aos integrantes do grêmio; falam em falta de objetividade como se eles não defendessem os direitos dos estudantes. Alguns falam de corrupção sem utilizar esse termo, mas desconfiam, por exemplo, do que é feito com o dinheiro do grêmio e com os documentos dos cartões escolares.

Os dirigentes do GEPA, na tentativa de manter as portas abertas e com isso a imagem de um grêmio atuante, começaram a aceitar ajuda de voluntários. Mas para Stuart essa experiência não foi bem sucedida porque a chave sumia; ia parar nas mãos de quem não tinha responsabilidade, pois abriam o grêmio para fazer bagunça e namorar.

Em outubro, Stuart disse que faria uma reunião. Neste dia cheguei à escola e vi o grêmio fechado. Logo adiante, num banco no pátio, avistei Stuart com alguns estudantes. José e Augusto pediram a Stuart para iniciar a reunião. Ele argumentou que Clarisse e Fábio não foram avisados. Augusto estava preocupado com o que seria feito com o dinheiro do grêmio. Sugeriu que comprassem alguns objetos para não deixar dinheiro “vivo”. Stuart brincou dizendo: “ele quer trocar dinheiro por mercadoria”, como comprar bola, violão etc. No entanto, Stuart pensa que é melhor guardar o dinheiro.

Ficaram um tempo especulando sobre o futuro do GEPA. Comentaram que o grêmio poderia ficar fechado de vez, já que não concorreriam na eleição. Stuart comentou que já teve vontade de fazer uma eleição no primeiro semestre, “quando o Leandro e o Tadeu saíram as coisas começaram a andar mal, a idéia era chamar as eleições para abril (2010)”. Argumentou que foram “empurrando” o quanto puderam, mas não dava mais. Estavam organizando a divulgação da eleição e a assembleia para a composição da comissão eleitoral. Perguntei se continuavam abrindo o grêmio no horário do meio dia, Augusto respondeu que não. Stuart acrescentou: “é melhor ficar fechado que bagunçado”. Segundo José, “eu entrei no grêmio um dia desses e vi Paulo abraçado com uma menina em atitude estranha, pedi pro Augusto pegar minha mochila, ele entrou e saiu rápido”. Comentaram o fato com ar de reprovação e algumas risadas.

Stuart reclamou que são três chaves e um dizia “ah ta com fulano, daí já nem sabia mais com quem tava a chave, porque um ia passando pro outro, perguntei pra um que disse que nem era do grêmio e não sabia da chave”. Durante toda conversa ficaram insistindo para que Stuart fizesse a reunião; queriam ir ao grêmio para oficializá-la, mas isso não se concretizou. José reclamou: “nunca tem reunião, com o Stuart é que não tem mesmo”.

Foi marcada uma assembleia para início de novembro cuja pauta era a eleição da comissão eleitoral. Neste dia fui ao grêmio e encontrei Stuart sozinho sentado no banco em frente ao grêmio. Ele mostrou o cartaz que os estudantes colocaram no mural do GEPA no qual estava escrito: “CADÊ O GRÊMIO?”, com caneta hidrocor vermelha. A seguir transcrevo o panfleto *Um alerta aos estudantes do Parobé* elaborado por Stuart e seus colegas de agremiação para responder aos estudantes.

Acho importante citá-lo porque mostra a visão deles sobre a trajetória da chapa Organização, Consciência e Luta nas duas gestões, entre outros aspectos:

Devido à ameaça de fechamento do Ensino Médio do Parobé, muitos estudantes têm se perguntado sobre o GEPA – ou melhor, “onde está o GEPA nessa hora?”.

Durante os anos de 2008 e 2009, os membros do GEPA sempre procuraram estimular a discussão sobre o sucateamento da educação pública, a organização e a mobilização permanente contra os ataques de Lula, Yeda e Fogaça (enturmação, aumento das passagens, etc.). Porém, este estímulo precisa ser ininterrupto, pois não se constrói um grêmio de luta e lá ele ficará para sempre – isso é fruto de um processo e necessita do apoio dos estudantes todo o tempo. Com isso, o GEPA foi perdendo membros e chegou à situação na qual o encontramos hoje: as portas fechadas.

Saudamos a mobilização dos parobeanos contra mais este ataque, que é uma prova clara do sucateamento da educação que sempre pautávamos. As manifestações que ocorreram são uma prova de que os estudantes têm disposição e vontade de luta. Porém, queremos fazer um alerta a estes mesmos lutadores.

Sempre que ocorre este tipo de mobilização- espontânea, independente, honesta -, chovem apoiadores de todos os lados, e todos parecem amigos. Mas existem lobos em pele de cordeiro, e são nessas horas, e mais precisamente neste tipo de manifestações, que estes oportunistas se aproximam (PSOL, PSTU, ANEL, UMESPA). Procuram utilizar o acontecimento em proveito próprio – seja em aparições, discursos, ou mesmo simplesmente estando nos bastidores, mas no fundo, coordenando a ação. No entanto, na hora de construir um organismo de luta, democrático, como tentamos fazer com o GEPA, estes oportunistas desaparecem – mesmo possuindo militantes na estrutura. Só estão interessados no aparato, e nas possibilidades que se abrem a partir deste, e não nos reais anseios dos estudantes.

É preciso cautela e critério nessa hora. O apoio do maior número de pessoas possível é importante, mas este apoio não pode prejudicar a luta que está sendo travada, desviando-a do seu objetivo principal e direcionando-a para os objetivos mesquinhos dos “lobos” oportunistas. A confiança não é algo que surja espontaneamente, mas é construída no dia a dia e isto é ainda mais verdadeiro em se tratando de política e luta.

Portanto, esperamos que este nosso aviso sirva para alertar os estudantes honestos e dispostos do Parobé.

Depois de mostrar o panfleto, Stuart falou do que ele denomina de “movimento”. Disse que muitas pessoas foram gritar contra a direção da escola em relação ao fechamento do ensino médio em frente à Secretaria de Educação do Estado. Alguns políticos, militantes de esquerda, fizeram-se presentes. Stuart salientou o caráter oportunista desses “movimentos”.

Para o núcleo GEPA, a iniciativa dos estudantes participarem da manifestação não é ruim, o que eles criticam é a presença de partidários no evento. Eles veem isto como um momento de exposição “interesseira” de políticos para terem seus nomes vinculados a manifestações importantes com um interesse no segmento juvenil. Ao mesmo tempo em que desabafou, percebi um tom de justificativa por estar ausente em muitas questões da escola; é como se tivesse prestando contas aos demais estudantes do grêmio.

Falou durante algum tempo sobre as repercussões disso para o GEPA e de como é difícil trazer os jovens para o grêmio. Percebi alguma inquietação, ele olhava para um lado, olhava para o outro, e reclamou que tinha combinado presença na Assembleia, com alguns integrantes do GEPA. Após alguns instantes de espera, ele e os presentes resolveram dar início à reunião. Quinze pessoas participaram da assembleia; no entanto, a maioria dos presentes era de fora da escola. Perguntei ao Stuart quem eram, disse serem amigos dos alunos do Parobé: “isso é gente do PSTU, os ditos loucos”, sinalizando aspas com as mãos.

Para compor a comissão são necessários no mínimo três estudantes. Neste dia só dois dispuseram-se a participar da comissão eleitoral; portanto, a assembleia foi adiada. Decorridos alguns dias da nova assembleia, escrevi um recado a Stuart pela internet perguntando sobre a reunião e ele respondeu:

cinco alunos se dispuseram a formar a comissão. Repassei o regimento das eleições do ano passado e o estatuto a eles e agora eles estão dando seguimento aos tramites de convocação do pessoal. Estão bem interessados.

Continuei frequentando a escola para aplicar algumas entrevistas com estudantes que não participam do grêmio, e por duas vezes encontrei o GEPA com

as portas abertas. Na primeira vez, Paloma, integrante da comissão eleitoral, explicou a composição da única chapa a concorrer à eleição. Mostrou-me os documentos para a inscrição dizendo que a chapa 1 tem oito integrantes. Salientou que mantinha o grêmio aberto para que mais chapas pudessem participar.

Paulo, estudante que ficou com a chave após afastamento definitivo de Stuart, estava sempre presente nas últimas vezes que fui ao grêmio. Em dezembro, passei na escola e com surpresa vi o grêmio aberto. Paulo estava lá com mais dois estudantes tocando violão, disse que ficaria com a chave do grêmio até a próxima chapa assumir, que foi eleita com 70 votos.

Carlos (2006) aponta alguns fatores que influenciam na dificuldade da atuação no grêmio estudantil como a composição das chapas que se formam com alunos de um mesmo período e às vezes da mesma turma. E também suas ocupações fora da escola porque muitos deles trabalham ou estão à procura de emprego. Sendo assim, os estudantes têm menos tempo para se reunirem e muitos o fazem em período de aula ou nos intervalos em que o tempo não é suficiente.

No GEPA, o principal fator de distanciamento de seus dirigentes está relacionado à falta de tempo desses jovens por conta de suas obrigações fora da escola. A participação pode ser vista como um fenômeno no qual o coletivo e o individual estão relacionados; aqueles que se engajam acreditam que só podem mudar a sociedade dentro de organizações e partidos. No entanto, a dedicação que isso acarreta leva a conflitos de interesses, pois a ação política está submetida a uma série de outras esferas. É o que acontece com os meninos no GEPA, que tiveram de fazer concessões priorizando seu futuro profissional.

Stuart, por exemplo, dedicava quase integralmente seu cotidiano ao grêmio e à organização, através de leituras, reuniões, protestos etc. Parecia não duvidar de seu papel “politizador” junto aos jovens no grêmio e fora dele, e do potencial da Luta Marxista. Ao longo da pesquisa, especificamente a partir de 2010, percebi o desânimo com o qual falava das atividades do grêmio por não ter pessoas sérias que ajudassem/colaborassem na administração do grêmio. Por frequentarem um curso profissionalizante, a preocupação com a carreira é evidente. Por vezes ouvi

esses jovens discutirem questões ligadas a estágio, mercado de trabalho, qualidade do ensino técnico; sempre a procura de estágios, bicos, ocupações sem garantia de permanência, mas que lhes conferem certa autonomia, principalmente em relação à família, já que todos ainda dependem economicamente de seus familiares.

A valorização do trabalho está relacionada às condições em que vivem esses jovens. O trabalho pode contribuir para complementar a renda da família e possibilitar a continuidade dos estudos. Contudo, a motivação para o início do trabalho tem a ver com suas condições sócio-econômicas e suas perspectivas para o futuro. Muitos jovens optam por permanecer na casa dos pais, mesmo sendo economicamente independentes, pois a vida adulta não proporcionaria as mesmas condições e padrões de consumo do que a casa dos pais. Esses estudantes que contam com esse auxílio financeiro, e podem optar por adiar a entrada no mercado de trabalho, privilegiam a formação universitária. Os jovens que necessitam trabalhar em alguns casos optam por abandonar ou adiar os estudos (PIMENTA, 2001).

De acordo com Pereira (2010), nas sociedades complexas contemporâneas, os jovens têm acesso às informações de forma veloz; contudo, ela exige uma postura diferenciada em relação ao futuro e ao mercado produtivo. A autora ressalta a importância que se dá, nessa fase da vida, ao que ela denomina de prática da “preparação”, “um tempo de preparação para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe” (PEREIRA, 2010, p. 24 apud ABRAMO; BRANCO, 2005). Essa preparação é realizada em instituições especializadas. Com isso, alguns jovens são liberados das obrigações com o trabalho para que a dedicação seja exclusivamente para os estudos. Esse seria um elemento importante da condição juvenil contemporânea (principalmente após o ano 2000) (PEREIRA, 2010).

O trabalho sempre foi uma dimensão importante. Através dele o jovem desenvolve relações entre gerações, aprende as atitudes e papéis da fase adulta. Por seu potencial desvinculador, o indivíduo tem a possibilidade de emancipação. Segundo Martins (1997), a sociedade elabora uma imagem negativa dessa fase da vida, pois ressalta o comportamento individualista, o consumo desmedido, a

passividade e o abismo que entre a postura da juventude diante das questões que envolvem os trabalhadores.

Portanto, salienta-se, de acordo com Martins (1997), nas análises sociológicas sobre o tema, o caráter instrumental que os jovens conferem ao trabalho tem a ver com “a mudança nos valores e nos modos de regulação social que afetam a maneira pela qual o jovem é socializado e preparado para entrar no mundo do trabalho” (MARTINS, 1997, p.104).

Martins (1997) observa que é preciso fugir da tendência de homogeneizar a juventude, levando em conta os interesses, as perspectivas de futuro, as origens sociais desses jovens:

Contudo, há ainda, um outro significado do trabalho que Dauster observa em sua pesquisa: o sentido de decisão e de afirmação. Os jovens querem trabalhar para se sentirem importantes dentro de sua família, mas, também, para poderem comprar, com o seu dinheiro, certos objetos — como o tênis e as roupas de marca, o relógio — que lhes permitam o acesso a uma “gramática do gosto”, fundamentais na construção de uma identidade jovem (MARTINS, 1997, p.106).

O dinheiro conseguido com o próprio trabalho possibilita inclusive participar de atividades de cunho político, conforme relatou Paola em uma conversa no pátio da escola:

Moro no Belém velho, com minha mãe e meu irmão. A minha mãe ela não gosta, ela acha que é perda de tempo, é meio descredida que as coisas possam mudar assim, não é politizada então, ela não gosta, não dá apoio. Tem bastante divergência em casa em relação a isso. Em outras épocas quando eu era mais nova, não trabalhava, nada, a minha mãe assim era bem complicado, tinha que menti muitas vezes, e ia participar em alguma coisa, tinha que esconder na verdade, as vezes ia participar dum ato, mobilização, dizia que ficava no colégio estudando, fazendo grupo de trabalho, inventava alguns passeios e tal, mas ela sabia, sabe, mas as vezes quando ela sabia e achava que tava demais eu tinha que esconder daí, e hoje ela não aceita, mas ela já tá mais conformada, já to maior de idade, já faz cinco anos, aí não tem muito sabe o que fazer. Eu trabalho assim, as vezes faço estagio, trabalho, mas o dinheiro que eu ganho não tem como eu me sustentar, eu me sustento passagem, a roupa, alimentação que eu como fora, essas coisa assim que eu tenho, sou eu quem pago.

Aos quinze anos Paola ingressou no movimento estudantil. Como era muito jovem, ainda não era “maior de idade”, não tinha autonomia para fazer algumas coisas nas quais acreditava. Por sua mãe não ter o mesmo entusiasmo e a mesma convicção que a filha, tentava impedi-la de vivenciar essas atividades. Acredito que a mãe de Paola preocupava-se com o tempo que sua filha dispensa aos estudos; se passava muito tempo no grêmio da escola ou envolvida com eventos políticos, o tempo dedicado ao estudo seria menor.

A escola é um ponto valorizado por muitas famílias. Baseadas na ideia de uma ascensão social via estudo, atribuem grande importância à entrada de seus filhos numa escola técnica que os preparem para uma vida profissional mais qualificada. Segundo Nazzari (2006), as agências socializadoras como a família e a escola sofrem os impactos das novas tecnologias, gerando, no caso da família, uma nova estrutura. Os pais depositam maior preocupação com o mercado de trabalho, diminuindo o tempo de convivência entre pais e filhos. A escola também privilegia a preparação dos estudantes ao mercado de trabalho. Tanto a família quanto a escola reforçam os valores mais individuais e consumistas que vão de encontro à elevação dos índices de capital social (NAZZARI, 2006).

Portanto, não favorecem a ampliação de alternativas para que os jovens se sintam motivados a descobrir, criar, participar de espaços democráticos como o grêmio estudantil. Por sua vez, este poderia ser um ambiente gerador de cooperação e confiança para muitos jovens na busca de soluções para problemas comuns (NAZZARI, 2006).

O envolvimento com o grêmio vai ficando subordinado a outras atividades que os jovens têm na sua condição juvenil. Paola, na adolescência, precisava inventar desculpas para que a mãe não vetasse seus programas “revolucionários”. Agora, maior de idade, considera-se mais livre para vivenciar sua condição juvenil, tanto pela questão da idade quanto pelo dinheiro fruto de seu trabalho utilizado em seus gastos pessoais. Esses jovens, a meu ver, têm o mesmo sentimento em relação a seus trabalhos; sentem-se orgulhosos por estarem trabalhando e não precisar pedir dinheiro aos pais para viajar, comprar roupas, lanches, passagem etc.

Stuart quando comentou sobre seu novo trabalho expressava orgulho, ainda mais que rapidamente passou de estagiário a funcionário “de carteira”. A dimensão do trabalho juvenil não pode ser entendida apenas num contexto de pobreza vivida pelos jovens, mas como uma condição para maior liberdade e autonomia diante da família. O dinheiro conseguido com o trabalho também é gasto com o próprio consumo. Significa tomar decisões, tudo realizado com seu próprio dinheiro sem precisar viver sob a tutela financeira de seus familiares. O trabalho, então, expande as possibilidades de vivenciar sua condição juvenil com certa liberdade (PIMENTA, 2001; MARTINS, 1997; MARTINS, 2010).

Para esses jovens, ter de pedir dinheiro aos pais é um problema. Em relação a certos gastos, eles, previamente, já sabem que serão censurados por isso. Tadeu, no período do Congresso Nacional dos Estudantes, que ocorreu no Rio de Janeiro, estava desempregado e comentou com seus colegas: “ah nem vou pedir ao meu pai, porque ele não vai querer dar dinheiro para ir pro Rio”.

Conforme Pimenta (2001), o desemprego é um momento vivido de maneira negativa, pois gera sentimentos de desvalorização social. Para os jovens das camadas menos privilegiadas, o desemprego é visto como uma situação momentânea, pois a busca por trabalho traz consigo a negação do desemprego. Mas, também, o desemprego é visto de forma benéfica para aqueles jovens que contam com o auxílio dos familiares; é um momento no qual podem vivenciá-lo para preparação ao futuro, aos projetos pessoais.

Ao longo da pesquisa, presenciei algumas discussões entre os jovens participantes do grêmio sobre a questão do desemprego. Entre eles, Tadeu era o mais aflito com esta situação. Por vezes, ouvi o jovem falar “sou um desempregado”; queixou-se bastante de não poder comparecer às reuniões porque não tinha dinheiro para passagem. Também comentou que não tinha certeza de seu futuro profissional; que estava fazendo um curso técnico, mas isso não lhe dava garantias de um trabalho permanente e digno.

O trabalho permanece uma dimensão importante para os jovens, pois, como nos mostra Pimenta (2001), é um elemento de normatividade social e uma

experiência de socialização. O trabalho ainda desperta satisfação social. A autora observa que ele carrega elementos da ética tradicional, pois está ligado a uma visão de dever, uma necessidade vital para os indivíduos (PIMENTA, 2001).

Outra preocupação desses jovens é com o futuro profissional e a qualidade da formação que recebem. Márcio comentou uma situação que ouviu de professores com relação ao ensino e desempenho dos alunos na escola sobre a imagem que ela tem diante de algumas empresas:

já escutei casos de professores comentando que nos classificados de emprego do jornal pediam alunos que não tivessem feito curso técnico no Parobé, porquê? Porque o pessoal está achando que os alunos do Parobé são muito preguiçosos. E eu acho que isso em relação à história que tem o colégio pô. Mais de cem anos de curso técnico, quase foi fechado na época da ditadura. Eu não acho assim uma coisa boa, uma escola que já foi modelo, agora está largada às traças, levando os alunos tão abaixo pô, não vale a pena.

As críticas em relação aos professores, à qualidade dos equipamentos ou à falta deles são muito constantes. Esses jovens têm dúvidas em relação às competências que estão sendo desenvolvidas durante o curso: se poderão sair da escola e exercer, de forma segura, as atividades que lhes serão atribuídas no mercado de trabalho.

Entre os jovens dirigentes do grêmio, o único que sempre trabalhou, durante o período que os acompanhei foi o Márcio. Leandro dedicava-se aos estudos e ao grêmio. Em 2010, começou a trabalhar na área da eletrônica em uma empresa na zona norte de Porto Alegre, onde fez seu estágio curricular. Tadeu e Stuart diziam-se desempregados antes de ingressarem na escola; na época dedicavam muito de seu tempo à Organização.

Tadeu, sempre às voltas a procura de trabalho, conseguiu um estágio em 2010, mas não permaneceu por muito tempo. Segundo Martins (2010), conciliar trabalho com estudo passou a ser uma alternativa, após a democratização da educação, principalmente para aqueles jovens que precisam contribuir com a renda familiar. Ele proporciona, também, aos jovens viverem situações vinculadas a essa

etapa da vida, como poder comprar um tênis de determinada marca, um celular, sair para namorar, ir a uma festa.

Com a pesquisa procurei retratar, a partir das situações presenciadas e das conversas com os estudantes, o cotidiano e os sentidos da política estudantil vivenciada por jovens em um grêmio estudantil. Foi possível observar que no processo de participação há alguns fatores externos com os quais os jovens precisam lidar e dificultam a dedicação às atividades na agremiação.

Ao longo de 2010, pude constatar o afastamento dos dirigentes do GEPA. Eles têm dificuldades para organizar o grêmio estudantil, em lidar com as questões mais burocráticas, como a feitura dos cartões escolares. As ações na agremiação dependem de múltiplos fatores como tempo, mobilização, responsabilidade, compromisso e esse espaço é constituído com muitas expectativas e também muitas frustrações.

Eles demonstram algumas frustrações no processo participativo quando não conseguem, por exemplo, corresponder às expectativas deles próprios de ser um grêmio estudantil democrático, com as portas abertas. O caso do GEPA não é único porque muitos grêmios estudantis são abertos e fechados e, de acordo com a bibliografia, outros conseguem, apesar das crises, construir trajetórias sólidas (MARTINS, 2010). Pode-se afirmar que as dificuldades, os conflitos ou as crises fazem parte do processo participativo e não o invalida.

## 5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

Chegando ao final desta dissertação, retomarei algumas questões apontadas ao longo deste estudo, sintetizando a análise dos dados etnográficos apresentados ao longo dos capítulos. A partir do exemplo do Grêmio Estudantil Parobé procurei mostrar as relações e os jogos identitários existentes nesse espaço utilizando como fio condutor a metáfora do jogo de espelhos.

Esta etnografia levou-me ao convívio com os estudantes no ambiente escolar e pude perceber os sentidos que esses jovens conferem à participação. Assim, identifiquei três níveis de participação que me permitem classificar os estudantes em relação ao engajamento no grêmio estudantil: os militantes, os engajados e os não-participantes.

Stuart, Tadeu e Paola, os militantes, trouxeram suas experiências de outras organizações. Paola, a mais experiente deles, iniciou sua militância política na adolescência. Tadeu e Stuart, apesar de não terem participado de grêmio estudantil anteriormente, tiveram a participação na Luta Marxista como fundamental alicerce para o GEPA nas duas gestões. Os militantes veem-se como jovens conscientes porque entendem os meandros do sistema capitalista e de como este modo de produção se impõe no cotidiano dos indivíduos.

Esses jovens defendem uma transformação social radical; são defensores de uma sociedade socialista composta por sujeitos conscientes pensando criticamente a realidade ao seu redor. Os *outros* que se mostram como espelhos sobre o qual buscam uma imagem de si são os engajados e os não participantes. Eles se consideram superiores a estes, pois veem além dos demais jovens, em função de seus comprometimentos com as causas coletivas, pelo interesse em política através da leitura que fazem da realidade social.

Aos olhos dos engajados, os militantes, geralmente, são vistos de forma positiva por sua seriedade e comprometimento com a causa que defendem, e os consideram mais políticos do que eles. Márcio, Leandro e os voluntários são os que

classifico como os engajados. A convivência com os colegas no GEPA foi desenvolvendo neles o entusiasmo em participar, organizar os eventos e as atividades no grêmio. Também consideram que o convívio com militantes incentivou-os a outra visão de si e da forma como se posicionam diante dos problemas da escola e fora dela.

Contudo, constatei, ao longo da pesquisa, que os engajados consideram os militantes muito radicais em alguns posicionamentos, na forma de tratar os outros jovens, e também em como veem o mundo. Os engajados consideram-se conscientes quando comparados aos não participantes; os veem como “abobados” que, quando vão ao grêmio, é para usufruir de forma descomprometida.

A imagem que os não participantes fazem dos militantes e dos engajados é negativa. Estes são vistos pelos não participantes como baderneiros e infantis. Eles não se identificam com a forma como o grêmio se configura. Mas não se mostram dispostos a contribuir para uma forma diferente de participação no grêmio. Contudo, atribuem importância ao grêmio estudantil como um local de representação dos estudantes na escola.

Para os jovens do Parobé (militantes, engajados e não participantes), a participação é algo que vai além da frequência no grêmio estudantil, envolvendo a consciência dos problemas da escola e da sociedade, pensar soluções objetivas aos problemas dos estudantes, criar projetos extracurriculares. Portanto, para esses jovens o grêmio estudantil é um espaço de representação do estudante na escola no qual eles podem dividir angústias, dúvidas, alegrias, conquistas longe dos olhos dos mais velhos, porque nesse espaço o jovem torna-se protagonista.

Dentre os segmentos que servem de referência para a autoimagem do grupo, observo que a atuação da direção do grêmio se dá pela forma que eles veem esses *outros* e os modos diversos pelos quais eles se veem nessa relação. No período em que o grêmio está mais ativo, os estudantes participantes sentem-se diferentes dos demais; de certa forma veem-se como superiores daqueles outros “inexperientes”, “sem cabeça”, “alienados”, “abobados”, “sem compromisso com um ideal”; estes estariam mais interessados em desfilar com um tênis Nike, uma roupa “da hora” do

que se engajar em uma causa comum, buscando romper com a imagem de juventude alienada.

Os dirigentes do GEPA voltam seus olhares para si próprios tendo como referência os demais estudantes, os funcionários e a direção da escola. Portanto, fazem dos outros espelhos nos quais se refletem e procuram agir de forma coerente, reforçando a imagem que veem refletida ou buscando corrigi-la.

A convivência nesse espaço contribui para a aprendizagem de formas mais cooperativas de comportamento, desenvolvendo sentimentos de responsabilidade e compromisso. No caso estudado, os jovens integrantes do grêmio foram, ao longo do convívio em grupo, redefinindo seus discursos e suas práticas. Eles foram aprendendo uns com os outros a organizar as atividades no grêmio, pensar o processo participativo coletivamente com responsabilidade e comprometimento.

Suas trajetórias de engajamento não estão separadas de suas vidas; portanto, o grêmio estudantil é caracterizado como um local de passagem. Esses jovens se deparam com a necessidade de fazer escolhas e suas participações ficam subordinadas à vida profissional. A escola e a família têm um papel fundamental nessa escolha. O trabalho é importante porque cria certa independência em relação à família e confere a autonomia de consumo que, nesta sociedade, é condição de acesso à próxima idade da vida.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira A. Quando eles eram jovens revolucionários. Os guerrilheiros das décadas de 60 e 70 no Brasil. In VIANNA, Hermano. *Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

ALMEIDA, Maria Isabel de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a BenedettVecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOTELHO, Marjorie de Almeida. A ação coletiva dos estudantes secundaristas: passe livre na cidade do Rio de Janeiro [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal Fluminense, 2006.

BEZERRA, Marcos O. Em Nome das Bases: política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A Representação Política: elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*, 1989.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. *Sociedade, cotidiano e cultura(s)*. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, Agosto/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10852.pdf>. Acesso em: 26 ago 2009.

CARLOS, Aparecida da graça. *Grêmio estudantil e participação do estudante* [dissertação]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2006.

CASTRO, Lúcia de Rabello. *Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum*. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.

COHEN, Albner. *O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César R. *Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo*. [2003?]. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/JOVENS%20BRASIL%20MEXICO.pdf>. Acesso: 04 set. 2009.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Apresentado em 2006 Barcelona/ publicado em 2007. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/A%20Escola%20faz%20Juventudes-%20Reflex%20em%20torno%20da%20socializa%20E7%E3o%20Juvenil.pdf>.

Acesso em: 04 set. 2009.

\_\_\_\_\_ *A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005.

DUBAR, Claude. *A Socialização: a construção das identidades profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FORACCHI, Marialice M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1965.

GARBIN, Elisabete Maria. *Cultur@s juvenis, identid@des e internet: questões atuais*. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n.23, PP. 119-135, maio/jun./jul./ago. 2003.

\_\_\_\_\_. *Cenas juvenis em Porto Alegre: 'lugarizações', nomadismos e estilos como marcadores identitários*. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (orgs.). Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: ULBRA, 2006.

GROPPO, Luís Antônio; FILHO, Michel Zaidan; MACHADO, Otávio Luiz (Orgs). *Juventude e Movimento Estudantil: ontem e hoje*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

GUIGO, Denis. O Governo de um Município: uma visão antropológica. In FACHIN, Roberto e CHANLAT, Alain. *Governo Municipal na América Latina: inovações e perplexidades*. Porto Alegre, Sulina; Editora da Universidade/UFRGS, 1998. p. 135-162.

JUNIOR, Antonio Mendes. *Movimento estudantil no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

KUSCHNIR, Karina. Eleições e Representação no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Tribos urbanas metáfora ou categoria*. Artigo originalmente publicado em “Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia”. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, nº 2, 1992. Disponível em: <http://www.n-a-u.org/Magnani.html>. Acesso em: 16 ago. 2009.

\_\_\_\_\_. *Os circuitos dos jovens urbanos*. *Tempo soc.* [online]. 2005, vol.17, n.2, pp. 173-205. <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a08v17n2.pdf>. Acesso: 14 set. 2009

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. *O jovem no mercado de trabalho*. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, 1997, nº 5, pp. 96-109.

MARTINS, Francisco André Silva; DAYRELL, Juarez. *Juventude e Participação: disputas e relações no cotidiano escolar*. I Seminário Violar. Campinas, UNICAMP, Agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/acervo-detalhe.php?id=7>. Acesso em: 12 out. 2010.

MARTINS, Francisco André Silva. *Juventude, Grêmio Estudantil e Ação Coletiva: considerações em torno dos movimentos sociais na contemporaneidade*. Encontro dos Pesquisadores em Educação dos Programas de Pós-Graduação UFMG/PUC-

MG/UEMG/CEFET-MG. Belo Horizonte, Junho de 2009. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/acervo-detalle.php?id=7>. Acesso em: 12 out. 2010.

MARTINS, Francisco André Silva; DAYRELL, Juarez. *Participação Juvenil na escola: algumas experiências vividas através do grêmio estudantil*. IV Simpósio Internacional Sobre Juventude Brasileira. Belo Horizonte, PUC-MG, Junho de 2010. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/acervo-detalle.php?id=7>. Acesso em: 12 out. 2010.

MARTINS, Francisco André Silva. *“A voz do estudante na educação pública: um estudo sobre participação de jovens por meio do grêmio estudantil”*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2010. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/acervo-detalle.php?id=7>. Acesso em: 12 out. 2010.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

NAZZARI, Rosana Kátia. *Capital social, cultura e socialização política: a juventude brasileira*. In BAQUERO, Marcelo; CREMONESE, Dejalma (orgs). *Capital Social. Teoria e Prática*. Ijuí: Unijui, 2006.

NETO, Ana Maria Q. Fausto; QUIROGA, Consuelo. *Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais*. Disponível em: <http://www.espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/Documents/Banco%20de%20Dados%20Jovens/10.%20SOCIOLOGIA%20DA%20JUVENTUDE/10.16.%20juventude%20resumo%20conceitos.pdf>. Acesso: 28 ago 2009.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: EDUSP, 1993.

PEDROSO, Elizabeth Maria Kieling. *Participação política: limites e avanços*. Porto Alegre: Evangraf, 1995.

PEREIRA, Vanessa Andrade. Juventude e Internet: dedicação na *lan house* e descanso com a escola. In *Juventude Contemporânea: cultura, gostos e carreiras*. VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

PIMENTA, Melissa de Mattos. *Jovens em Transição: um estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes universitários em São Paulo*. [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo São Paulo, agosto de 2001.

SALLAS, Ana Luisa Fayet (UFPR); BEGA, Maria Tarcisa Silva (UFPR). *Juventude, Cultura e Política*. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 29 de Maio a 1 de junho de 2007 - RECIFE – PE. GT 26: SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. Disponível em: <http://www.espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/Documents/Banco%20de%20Dados%20Jovens/3.%20JOVENS%20E%20POLÍTICA/3.1.juventude%20cultura%20política.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2009.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. *As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído*. Cadernos de Pesquisa, Nº 32, Fevereiro 2003. UFSC. Disponível em: <http://www.sociologia.ufsc.br/cadernos/Cadernos%20PPGSP%2032.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2009.

URRESTI, Marcelo. Paradigmas de participação juvenil: un balance histórico. Disponível em: <<http://www.barcelonesjove.net/uploads/P%204.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula*. São Paulo: Libertad, 2002.

VENTURI, Gustavo; ABRAMO, Helena. *Juventude, política e cultura*. Teoria e Debate, Revista da Fundação Preseu Abramo, nº 45, jul/ago/set 2000. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1484>>. Acesso em: 08 set 2009.

VIANNA, Hermano (org.) *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

ZONABEND, Françoise. *As idades da vida: abordagem antropológica – o exemplo da adolescência*. Tradução Fernanda Bittencourt Ribeiro. Título original: *Les âges de la vie: l'approche anthropologique - l'exemple de l'adolescence*, Paris, Générations, nº 1, octobre, novembre, décembre, 1994.